



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

MONIQUE DE ANDRADE DANTAS

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

MONIQUE DE ANDRADE DANTAS

Orientador: Profº. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior.

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mulheres no Jornalismo Esportivo**, elaborada por Monique de Andrade Dantas

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia / /

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof^o. Fernando Ewerton Fernandez Junior
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof^a. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof^a. Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

DANTAS, Monique de Andrade.

Mulheres no Jornalismo Esportivo. Rio de Janeiro, 2015.

99 f.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Esportivo. 3. Mulheres. 4. Mulheres
Jornalistas. 5. Esportes. I. Ewerton Fernandez Junior, Fernando. II.
ECO/UFRJ. III. JORNALISMO. IV. Mulheres no Jornalismo
Esportivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, por me dar a oportunidade em cursar e concluir a minha formação em Jornalismo na UFRJ, universidade onde sempre quis estudar.

À minha mãe, que sempre me incentivou nos meus estudos e me apoiou em todas as iniciativas que tomei na minha segunda graduação. Esteve por perto quando estudei Turismo na UNIRIO e agora na UFRJ.

Aos meus amigos que comemoraram comigo a minha entrada na Escola de Comunicação da UFRJ e aos meus colegas de faculdade que conheci durante os quatro anos de curso, do Ciclo Básico à habilitação em Jornalismo.

Ao professor Fernando Ewerton, que aceitou o desafio em orientar o meu trabalho sobre Mulheres no Jornalismo Esportivo e foi muito importante com seus conselhos sobre o tema, correções necessárias e indicações de entrevistadas para este estudo. As aulas de Jornalismo Esportivo me inspiraram a fazer o trabalho de conclusão de curso sobre as mulheres jornalistas na editoria de esportes.

Às professoras Cristiane Costa e Gabriela Nóra, que aceitaram prontamente o convite em participar da banca para a defesa da monografia. A todos os professores da Escola de Comunicação da UFRJ com quem eu convivi durante todo o curso, certamente suas contribuições foram essenciais para a minha formação como jornalista.

Às jornalistas entrevistadas para este trabalho: Regiani Ritter, Manoela Penna, Soninha Francine (por intermédio de Maricélia Franco), Martha Esteves, Marlucci Martins, Glenda Kozlowski (por intermédio de Daniel Cardoso), Alaíde Pires, Clara Albuquerque, Cristina Dissat, Renata Rosa Graciano e Renata Mendonça. As suas declarações foram um grande aprendizado para quem deseja trabalhar no jornalismo e principalmente no jornalismo esportivo.

A todas as profissionais do jornalismo esportivo que abriram caminho para que outras jornalistas tenham uma trajetória bem sucedida nas redações dos veículos de comunicação que trabalham com esportes.

Que futuramente eu faça uma pós-graduação na área de jornalismo.

LISTA DE SIGLAS

ACEESP	Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo.
ACERJ	Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro.
AMCE	Associação Mineira de Cronistas Esportivos.
APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos.
ARFOC Janeiro.	Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de
CBD	Confederação Brasileira de Desportos.
CBF	Confederação Brasileira de Futebol.
COI	Comitê Olímpico Internacional.
FACHA	Faculdades Integradas Hélio Alonso.
FENAJ	Federação Nacional dos Jornalistas.
FPF	Federação Paulista de Futebol.
LAF	Liga dos Amadores de Futebol.
USP	Universidade de São Paulo.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho aborda a atuação das mulheres no Jornalismo Esportivo, desde as pioneiras na cobertura de esportes até o crescimento da presença feminina nos veículos de comunicação. Antes do jornalismo esportivo, muitas pioneiras foram importantes no jornalismo em geral, invadindo as redações e alcançando editorias vistas como masculinas, como política e economia, durante o século XX. Entre as décadas de 1960 e 1980 era muito raro ver uma mulher repórter de campo cobrindo partidas de futebol, pois o esporte sempre foi dominado por homens. Até a década de 1990 havia poucas profissionais trabalhando na editoria de esportes, um meio ainda considerado machista na visão de homens. Em compensação à revisão bibliográfica sobre o assunto, foram feitas entrevistas com onze jornalistas esportivas em atividade em diferentes veículos e mídias, e analisada a presença feminina em programas de TV aberta e fechada. As jornalistas agora assumem a função de repórteres, apresentadoras e comentaristas de programas esportivos. Com o tempo, as mulheres mostraram conhecimento e competência sobre o assunto, conquistando o reconhecimento e o respeito pelo trabalho delas no jornalismo esportivo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO	13
2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO MUNDO	13
2.2 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL.....	17
3 AS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO	30
3.1 O INÍCIO DAS MULHERES NO JORNALISMO	30
3.2 AS PIONEIRAS DO JORNALISMO ESPORTIVO	34
4 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA EDITORIA DE ESPORTE	42
4.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	42
4.2 O MACHISMO ENFRENTADO POR MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO	51
5 O JORNALISMO ESPORTIVO FEMININO NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO	64
5.1 ATUAÇÃO DAS JORNALISTAS EM VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO LIGADOS AO ESPORTE.....	64
5.1.1 Jornalismo Esportivo na internet.....	68
5.1.2 Mídia alternativa na internet.....	69
5.2 O CRESCIMENTO DA PRESENÇA FEMININA NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO	73
5.2.1 TV aberta	76
5.2.2 TV fechada	80
5.3 AS MULHERES JORNALISTAS NAS ASSESSORIAS DE IMPRENSA ESPORTIVA	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
7 REFERÊNCIAS	92
8 APÊNDICE	99

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo as mulheres foram vistas como pessoas pouco ligadas ao esporte por conta de imposições da sociedade nos séculos XIX e XX. Porém, esse estereótipo foi se modificando ao longo das últimas décadas. Boa parte das publicações voltadas para as mulheres sempre teve assuntos considerados femininos como moda, costura, comportamento, entre outros. Mesmo após o surgimento de revistas feministas, com temas ligados aos direitos da mulher, abolição da escravidão e direito ao voto, as primeiras revistas eram comandadas por homens e as mulheres foram assumindo o comando das publicações aos poucos.

A participação feminina nos Jogos Olímpicos era proibida em 1896, quando a primeira edição foi realizada em Atenas, na Grécia, somente acontecendo em 1900 (BRAVO, 2009; MOTA, 2013). As atividades destinadas às mulheres na sociedade sempre estiveram ligadas aos cuidados do lar e dos filhos, e o esporte não era adequado para elas devido aos exercícios vistos como violentos. A prática esportiva era exclusiva dos homens, inviabilizando a inserção das mulheres nas competições por causa da imagem de delicadeza atribuída aos corpos femininos (ALEXANDRINO, 2011). E isso enfraqueceu o esporte feminino nas competições nacionais e internacionais.

Por causa da escassez de mulheres atletas nas disputas oficiais houve um desinteresse do público, inclusive o feminino, para as notícias e atualizações sobre o mundo esportivo. Até hoje os homens acompanham esportes muito mais do que as mulheres, embora este cenário esteja se modificando ultimamente. Nas décadas de 1940 e 1950 surgiram duas pioneiras do jornalismo esportivo: Maria Helena Rangel e Mary Zilda Grássia Sereno. A primeira era atleta de arremesso de disco, formada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Faculdade Cásper Líbero na década de 1940, atuando como jornalista na *Gazeta Esportiva*. Já Mary Zilda Sereno foi uma das pioneiras do fotojornalismo e especialista na cobertura de partidas de futebol em São Paulo.

Na década de 1970 surgiu a *Rádio Mulher*, um programa sobre esportes formado apenas por mulheres. Germana Garili era locutora do programa e conciliava a vida de jornalista com os esportes desde a década de 1960. Regiani Ritter também foi (RUBBO & VASCONCELOS, 2009) da *Rádio Mulher* na década de 1980. A radialista começou a carreira como repórter de campo e entrava nos estádios para entrevistar jogadores e técnicos dos times de futebol, enfrentando problemas com dirigentes dos clubes por ser

uma das poucas mulheres na cobertura esportiva. Outras profissionais apareceram a partir dos anos 1980 no jornalismo impresso e na TV. Na televisão há uma presença maior de mulheres em programas esportivos como repórteres e apresentadoras, como a apresentadora da *Band* Renata Fan e a jornalista Isabela Scalabrini, pioneira da *Rede Globo* no comando do *Globo Esporte* na década de 1980.

O objetivo deste estudo é fazer uma retrospectiva do trabalho das mulheres no jornalismo esportivo e destacar a sua atuação nos diversos veículos de comunicação, inclusive a mídia alternativa por meio de *blogs* e *sites*. A representatividade feminina nas redações de publicações voltadas para o esporte, se comparada à presença masculina, ainda é bem menor e não passa de 10% (COELHO, 2003). Mesmo com o preconceito vindo de outros colegas de profissão, as mulheres jornalistas invadiram a editoria de esportes e conseguiram credibilidade para trabalhar em igualdade com os homens. A questão do machismo sofrido ou não pelas jornalistas de esporte é um dos tópicos abordados nesta pesquisa, mostrando que o trabalho das mulheres não deveria ser questionado por questões de gênero.

As fontes usadas neste trabalho incluem entrevistas com onze mulheres jornalistas que atuam na editoria esportiva nos veículos impresso, televisivo, radiofônico e internet. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, por telefone e por e-mail, entre os dias 8 de outubro a 12 de dezembro de 2015, com as jornalistas Alaíde Pires, Clara Albuquerque, Cristina Dissat, Glenda Kozlowski, Manoela Penna, Marluci Martins, Martha Esteves, Regiani Ritter, Renata Graciano, Renata Mendonça e Soninha Francine. Outras fontes de pesquisa foram livros, trabalhos de final de curso, artigos acadêmicos, dissertações, teses e páginas eletrônicas sobre o tema.

No primeiro capítulo são mostrados os históricos do jornalismo esportivo no Brasil e no mundo. Quando e onde foram criadas as primeiras publicações sobre esportes e saúde, com modalidades que vêm do turfe e caça até o futebol, este último mais popularizado pelos veículos de comunicação impresso, rádio e televisivo. A cobertura esportiva, com prioridade no futebol, passou por diversas transformações durante o século XX e o histórico dos veículos de comunicação é retratado neste capítulo.

O início da trajetória das mulheres no jornalismo e a invasão delas nas redações são temas do segundo capítulo. Neste tópico é mostrado o histórico da participação feminina nas redações de jornais e revistas, sendo as primeiras publicações voltadas para a temática feminina. Depois vieram as pioneiras do jornalismo esportivo, originalmente de São Paulo,

entre as décadas de 1940 e 1960. Somente a partir da década de 1970 o crescimento da presença feminina nas editorias de esportes foi notado, já que as jornalistas assumiram editorias ditas masculinas como política e economia. Elas adquiriram conhecimento e se especializaram em suas pautas esportivas no impresso, rádio, televisão e internet, sendo a maioria delas trabalhando com futebol. As primeiras jornalistas de esportes abriram caminho para outras profissionais que sempre desejaram atuar no jornalismo esportivo e superaram o preconceito dentro das redações por serem mulheres.

O terceiro capítulo aborda a participação feminina nas redações e o machismo sofrido por elas no jornalismo esportivo. São mostrados os números da presença feminina no jornalismo e na editoria de esportes, além de dados das entidades ligadas ao jornalismo esportivo sobre a porcentagem de mulheres jornalistas credenciadas como repórteres de campo. A princípio as jornalistas eram encaminhadas para cobrirem esportes amadores, por serem considerados pelos editores modalidades mais fáceis para elas “entenderem”. O futebol sempre foi destinado aos homens jornalistas, por causa da cultura de que eles entendem melhor de futebol do que as mulheres.

Algumas profissionais do jornalismo esportivo relatam nas entrevistas se sofreram machismo ou não quando começaram na carreira de jornalista cobrindo esportes como futebol. A postura e a imposição da personalidade foram táticas para que muitas mulheres conseguissem respeito na editoria, além de lidarem com a questão da boa aparência física, atributo exigido quando apresentam programas de televisão.

No quarto e último capítulo é mostrada a atuação das mulheres jornalistas em veículos de comunicação ligados ao esporte. Apesar de a maioria atuar nos programas televisivos, há uma significativa presença no jornalismo impresso e no rádio. A atuação delas é dividida por veículos de comunicação: telejornalismo esportivo na TV aberta e na TV fechada, jornalismo impresso, rádio e internet. A internet proporciona o aparecimento da mídia alternativa escrita e produzida por mulheres, e em alguns casos elas são editoras de *sites* sobre o esporte. Além de jornalistas que deixaram as redações de publicações esportivas e partiram para as assessorias de imprensa ligadas ao esporte.

Procurou-se, assim, mostrar que o número de mulheres nas redações dos veículos de comunicação ligados ao esporte aumentou consideravelmente nas últimas décadas. Se antes a atividade das jornalistas era restrita às funções de apresentadoras e repórteres dos programas esportivos de televisão, agora elas também exercem o cargo de comentaristas nas atrações semanais sobre o esporte, sendo reconhecidas pelo conhecimento sobre o

assunto e não pela beleza. Houve também um aumento da participação feminina na internet, formado por *sites* e *blogs* produzidos por mulheres jornalistas.

As mulheres no jornalismo esportivo apresentam um olhar diferente na abordagem de temas ligados aos esportes, principalmente futebol. A atuação das jornalistas indica que, no futuro, o trabalho delas possa não ser visto como algo diferente ou questionado, pois é comum nos dias atuais assistir a uma mulher apresentando em vários programas e telejornais esportivos, sozinha ou junto com outros apresentadores. Com a invasão feminina nas redações das editorias de esporte, as pessoas verão as mulheres jornalistas com mais naturalidade, como sempre aconteceu com os jornalistas esportivos homens, alcançando, portanto, a igualdade entre gêneros no jornalismo esportivo.

2 HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo começou a se difundir no mundo durante o século XIX, com revistas e jornais que destacavam os esportes mais praticados naquele tempo como turfe, equitação, caça, ciclismo, boxe, natação, entre outros. Mais tarde, vieram os periódicos especializados em futebol na Inglaterra, França e Espanha, acompanhando a profissionalização do esporte e o surgimento de federações esportivas.

No Brasil, as primeiras revistas eram dedicadas à saúde e às atividades físicas no século XIX. No início do século XX surgiu a primeira revista voltada para os esportes, *Fanfulla*, criada em 1910, com linguagem que não era opinativa e de cunho popular. O futebol começaria a ganhar força no final do século XIX e durante todo o século XX, com a organização do futebol e das federações estaduais do esporte. No século XX o jornalismo esportivo passou por muitas transformações na cobertura de competições esportivas, priorizando o futebol nos veículos impressos e em seguida nas rádios. A televisão deu um tom de espetáculo aos jogos de futebol, principalmente em Copas do Mundo, e a internet atualmente contribui para a transmissão de eventos esportivos em tempo real.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO NO MUNDO

Há poucos registros sobre a origem do jornalismo esportivo no mundo. De acordo com artigos acadêmicos, um dos primeiros periódicos a fazer uma cobertura sobre os esportes, principalmente o futebol, é o jornal inglês *Bell's Life* em 1838. A publicação, segundo Leandro (2005, p.66) mudou o seu nome para *Sporting Life*. A profissionalização das federações esportivas e dos clubes na era moderna provocou o seu surgimento. Quando o capitalismo se fortaleceu após a Revolução Industrial, no século XIX, o jornalismo como fenômeno moderno ganhou mais destaque e o *Sporting Life* se caracterizou pela organização das instituições esportivas. Altabella (apud ANDÚJAR, 2013, p.8) complementa que o *Sporting Life* absorveu o periódico *Sportman*, fundado em 1852, no ano de 1859 e a fusão dos dois jornais ocorreu em 1883, com periodicidade diária.

Na França, o jornal mais antigo é o *Le Sport*, editado por Eugene Chapus em 1854, cujo objetivo era escrever crônicas sobre equitação, turfe e caça, além de seções dedicadas para outros esportes como canoagem, natação, boxe e luta. O *L'Equipe*, cujo antecessor do jornal foi *L'Auto*, criado em 1903, é considerado o primeiro periódico esportivo do mundo

e demonstra um estilo próprio de linguagem referentes às crônicas esportivas. Em 1946, *L'Auto* se transformou em *L'Equipe* e as páginas amarelas da antiga publicação ficaram brancas. Os jornais da Europa tiveram um incentivo na cobertura de esportes, além do hipismo e do boxe, quando o Barão de Coubertin reorganizou os Jogos Olímpicos em 1896, na Grécia. Antes disso, os esportes que tinham mais destaque eram, além dos boxes inglês e francês, a esgrima e o iatismo.

Andújar (2013, p.9) registra que o primeiro diário esportivo francês é o *Le Vélo*, embora não estivesse fundada até 1892. Ainda sobre publicações dedicadas à prática de turfe, há o *Jornal do Haras*, que foi editada em 1828 e durou por mais de meio século. Em 1869 surgiu o primeiro semanário de ciclismo de Paris, o *Velocipede Illustré* (ALTABELLA apud ANDÚJAR, 2013, p. 9).

Barão Pierre de Coubertin, com seu neolimpismo, criou um veículo impresso denominado *Revue Athletique*. A revista impulsionou a imprensa francesa e internacional, e foi decisivo para que o esporte tivesse bastante relevância nas páginas dos jornais (LEANDRO, 2005).

De 1919 a 1939, o fenômeno registrado é que o esporte, antes abordado de forma didática pela imprensa, passa a ser encarado com autonomia e como informação específica. O jornalismo esportivo se fortalece e os livros sobre esportes também começam a se tornar mais lidos (LEANDRO, 2005. p.66).

A imprensa francesa conscientizava a população da importância da prática de esportes, que são benéficos para a saúde e à formação da cidadania. A cobertura de eventos esportivos ainda não era consolidada e os textos dos jornais se sustentavam nas crônicas, como acontece no início do jornalismo esportivo no Brasil, que será abordado no próximo tópico.

Andújar (2013, p.8) fala que os Jogos Olímpicos de 1896 surgiram com a ideia de que os festivais esportivos internacionais poderiam fomentar o entendimento e a paz mundial. O esporte moderno se configurou como atividade das massas e a conversão de alguns esportes em espetáculo pelos veículos de comunicação se reflete no aumento da dedicação destes para as atividades esportivas. Entre os 70 mil espectadores dos Jogos Olímpicos de Atenas, estavam os correspondentes dos jornais *Le Figaro*, da França, e do londrino *The Times*, que já publicavam crônicas sobre os atletas e os seus resultados (ALCOBA; MARÍN apud ANDÚJAR, 2013). A partir de então há uma espetacularização

dos esportes voltado às massas e o fenômeno social do esporte é abordado por Pierre Bourdieu.

Bourdieu (1983) questiona sobre as condições históricas e sociais da possibilidade do fenômeno social que as pessoas aceitam facilmente como “esporte moderno” e das condições ligadas aos agrupamentos esportivos.

Isto é sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos "esportivos", públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo) (BOURDIEU, 1983, p.2).

Bourdieu faz um retrospecto da história social do esporte com objetivo de legitimar uma ciência social como objeto científico separado e pergunta novamente se a aparição do esporte, no sentido moderno do termo, não é correlativa de uma ruptura com atividades consideradas “ancestrais” dos esportes modernos (1983, p.3). E complementa que a constituição do campo das práticas esportivas se acompanha na elaboração de uma filosofia política do esporte. E o amadorismo do esporte faz com que a atividade seja desinteressada, por mais que o esporte se afirme como uma escola de coragem e virilidade (Ibidem, p.5). Anos mais tarde, o esporte atravessaria uma fase do amadorismo para a profissionalização, tanto das práticas quanto das entidades esportivas. E isso chamará mais atenção da imprensa, principalmente o futebol.

Leandro (2005, p.66-67) fala sobre o surgimento da imprensa esportiva nos Estados Unidos, que começa a ganhar formato a partir da década de 20 do século XX. A cobertura de esportes e a importância deles no mundo eram rejeitadas pela academia norte-americana, tanto que não há muitas pesquisas sobre a área. Aqui, no começo do século XX, Lima Barreto e Graciliano Ramos consideravam o futebol como uma importação desnecessária da Inglaterra, com valores estranhos. Embora o *The New York Journal* começasse, em 1895, a registrar corridas de cavalos e, mesmo com o sucesso do hipismo, cobria outros esportes que estavam surgindo no final do século XIX. Em 1926, o jornal publicou uma matéria em colunas sobre o boxeador Gene Tunney, com direito a fotografia

na primeira página, recebendo homenagem dos torcedores pela vitória dele na competição (SILVEIRA, 2009, p.20).

Na Espanha, a imprensa esportiva surgiu em meados do século XIX, por influência do jornalismo anglo-saxão e francês. Logo apareceram publicações especializadas como revistas, boletins e informes que inundaram as cidades, refletindo a popularidade e a democratização dos esportes característicos da época (ANDÚJAR, 2013, p.9). Segundo Andújar, *El Cazador* foi a primeira revista especializada em esportes, inaugurada em 1856 e de periodicidade quinzenal. Falava sobre os direitos dos caçadores e reclamava das fiscalizações das leis de caça. Depois dessa publicação, vieram outros periódicos falando do ciclismo, ginástica, hipismo, entre outros. A imprensa espanhola só passou a dar mais importância ao futebol a partir do início do século XX, com o aparecimento do jornal *El Mundo Deportivo* em 1906. Outra publicação sobre esportes importante da Espanha apareceu na terceira década do século passado: *Marca*. *Marca* era um semanário surgido em 1938 na cidade de San Sebastián, localizada no País Basco, que se mudou para Madrid dois anos depois e em 1942 saiu o primeiro número do diário (Ibidem, p.13).

Voltando à organização dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna de 1896, na capital grega Atenas, o Barão de Coubertin implorou para que a mídia da época transmitisse os jogos, oferecendo um banquete aos jornalistas, tratados por ele como convidados de honra (SLATER, 1998, p.49). Cem anos depois, a imprensa internacional fez fila para que as emissoras de TV conseguissem a cobertura exclusiva das Olimpíadas de Atlanta, nos Estados Unidos. A NBC, emissora de TV norte-americana, pagou mais da metade do valor pedido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), cerca de 900 milhões de dólares, para ter direitos exclusivos de transmissão no país em 1996.

Slater divide o relacionamento da mídia com os Jogos Olímpicos em fases distintas: a primeira, de 1896 até 1932, numa era pré-televisão marcada pelo rádio; depois entre 1936 e 1964, numa época marcada pela televisão antes dos satélites; dos satélites antes da internet no período entre 1968 e 1988; e por fim na era do domínio olímpico, começando a partir de 1992 e se tornou uma tendência para o futuro das transmissões das Olimpíadas.

Peña e Del Rio (2011, p.139) falam da importância do rádio nas três primeiras décadas do século XX, como forma de destacar os Jogos Olímpicos como evento esportivo de grande porte, tornando-se um acontecimento global com o advento da televisão. Para os autores, a televisão converte os eventos locais em mundiais e os Jogos Olímpicos

encontraram este meio de comunicação como principal difusão dos valores positivos do esporte e de seu imaginário.

Os jornalistas esportivos eram escritores subjugados pela emoção das competições, pelos feitos dos atletas (ALCOBA apud SILVEIRA, 2009, p.21). O que não seria diferente no Brasil, como será abordado no próximo tópico. Antes as publicações esportivas eram mais segmentadas, falavam de esportes mais populares da época como equitação, caça, boxe, entre outros. O futebol passou a ganhar destaque entre o final do século XIX e o início do século XX. E a espetacularização do futebol e dos Jogos Olímpicos causa comoção entre seus torcedores e os novos meios de comunicação, como as mídias digitais, reforçaram o alcance das transmissões esportivas para o mundo todo.

2.2 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Sobre o jornalismo esportivo no Brasil, Bahia (1990 apud Silveira, 2009, p.21) cita *O Atleta*, de 1856, como a primeira publicação destinada aos esportes no país. O jornal registrava a rotina dos moradores do Rio de Janeiro em termos de preparação física. Em São Paulo teve *Sport*, trazendo conceitos sobre a atividade física, iniciando em 1886, juntamente com o *Sportman*. As grafias dos semanários e jornais voltados às atividades físicas eram em inglês e só no decorrer do século XX os títulos foram se modificando, sendo outros extintos.

Segundo Coelho (2003, p.8), um dos primeiros jornais que se dedicava ao esporte era *Fanfulla*, criado em 1910 na cidade de São Paulo. Era um periódico diferente dos outros por não ser voltado às elites e nem era opinativo, mas tinha um público-alvo bastante numeroso na capital paulista: os italianos. *Fanfulla* foi influente na criação de um time de futebol, o Palestra Itália - que mais tarde se tornaria o Palmeiras - graças a um aviso despretensioso em uma de suas edições. Relatava em páginas inteiras as fichas de todos os jogos do clube dos italianos e ainda não existiam as características do jornalismo esportivo atual. Até hoje é grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro.

Stycer (2009, p.39-40) faz um retrospecto do surgimento do futebol no Brasil, trazido por imigrantes europeus e adotado pelas elites urbanas em meados dos anos 1890. Ao longo do século XX, o futebol deixa de ser uma diversão ligada aos mais ricos para se

tornar um dos esportes mais populares do país. E aborda três aspectos referentes aos conflitos durante os primórdios do futebol, provocando a rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro por meio dos jornais *Gazeta Esportiva* e *Jornal dos Sports*.

O mais importante, naturalmente, é o corte de classe que afeta de forma profunda a prática do esporte. O segundo, um desdobramento do primeiro, expõe as dificuldades de comunidades de imigrantes em sua adaptação ao Brasil. O terceiro opõe São Paulo e Rio de Janeiro, os principais centros urbanos do país (STYCER, 2009, p.40).

A Liga Paulista de Futebol foi fundada em 1901 com cinco clubes e no Rio de Janeiro foi criada a Liga Metropolitana de Futebol, quatro anos depois. Nas palavras de Pereira (2000, p.35), o futebol se torna um modismo elegante devido às arquibancadas cheias de cavalheiros distintos e senhoras de vestidos claros. Isso mostra o caráter elitista do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século passado. Nelson Rodrigues (1994), que num texto em homenagem a Mário Filho, considera o nascimento da crônica esportiva em 1927, quando seu irmão assume a direção da página de esportes do jornal *A Manhã*. “Mas eu gostaria de perguntar: - o que era a crônica antes de Mário Filho? Simplesmente não era, simplesmente não havia. Sim, a crônica esportiva estava na sua pré-história, roia pelas cavernas (RODRIGUES, 1994, p.8).

Alguns estudos sobre o aparecimento e a consolidação do jornalismo esportivo como gênero no Brasil, apontam que a *Folha de São Paulo* já disponibilizava uma seção de esportes na década de 1910, de periodicidade diária, como registro de competições com outras modalidades esportivas e trazia resultados das primeiras partidas de futebol, além dos preparativos dos jogos, das escalações dos jogadores e das estatísticas sobre os confrontos.

Bezerra (2008) fala da profissionalização do futebol e da relevância do esporte nos jornais especializados, substituindo outros que ocupavam as páginas no início do século XX.

O futebol conquistara definitivamente a sociedade. Vários jornais e revistas surgiram pelo país, especialmente no eixo Rio-São Paulo. Nas seções de esportes dos principais jornais, o futebol substituía as notícias do remo e do turfe, que dominavam o noticiário desde o início do século (BEZERRA, 2008, p.35).

Stycer (2009, p.45) menciona a fundação do Palestra Itália em 26 de agosto de 1914, por meio da convocação feita aos imigrantes italianos, publicada no jornal esportivo *Fanfulla*. Araújo (2000 apud STYCER, 2009) considera que o futebol se tornaria a partir da fundação do clube italiano uma forma de inserção social na elite. Assim como Coelho

(2003, p.9) destaca o Vasco da Gama como o primeiro clube a colocar negros em seus quadros e isso foi noticiado nos jornais cariocas na década de 1920. Formado por comerciantes portugueses em 1898, originalmente como um clube de remo, o Vasco passou a se dedicar ao futebol em 1916 e resolveu criar o estádio de São Januário para disputar a primeira divisão do futebol do Rio de Janeiro. A partir de então o futebol começa a ser popularizado no Brasil.

O *Estado de São Paulo* divulga a escalação do time do Paulistano, da elite cafeeira, e ignora os jogadores do clube de imigrantes italianos. Já na partida do Palestra Itália, atual Palmeiras, sobre o Corinthians em 1933, o jornal enaltece as qualidades do time derrotado e apresenta defeitos vencedor, mostrando uma certa parcialidade da publicação em relação aos clubes formado por atletas das elites paulistas (STYCER, 2009, p.47).

A criação de ligas esportivas no eixo Rio-São Paulo e a contratação de atletas dos clubes como funcionários de comerciantes estrangeiros revelam o processo de profissionalização e de valorização do futebol brasileiro, fazendo com que os jornais da época registrassem dados sobre as partidas e comesçassem a acirrar rivalidades entre os clubes dos dois estados, com a criação da Federação Brasileira de Futebol (São Paulo) e da Federação Brasileira de Sports (Rio).

O jornal carioca *Correio da Manhã* promoveu, em 1906, uma disputa entre selecionados cariocas e paulistas como forma também de divulgar o nome do veículo impresso na popularização do esporte (Ibidem, p.51). Dez anos depois, as duas federações fizeram um pacto que resultaria na fundação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que se tornaria Confederação Brasileira de Futebol (CBF) apenas em 1979.

A supremacia inicial é das equipes paulistas, mas logo, em 1913, os cariocas obtêm resultados mais expressivos nas disputas internacionais, abrindo debate nas páginas esportivas das duas cidades (Ibidem, p.51).

O carioca *Correio da Manhã* provocava uma rivalidade com a imprensa de São Paulo, ao reclamar que os jornais paulistas torcem incondicionalmente para os times do estado. Além disso, debocha em 1918 do *Estado de São Paulo*, quando o selecionado carioca vence o paulista e diz que aguarda opinião dos ilustres colegas d' *O Estadinho*. O processo de modernização do futebol acaba levando as ligas do Rio e de São Paulo a aceitarem a profissionalização do esporte em 1933, cujo interesse ganha outra dimensão (STYCER, 2009, p.54).

De acordo com as pesquisas de Stycer, o número de publicações destinadas ao esporte salta de cinco, em 1912, para 58 em 1930. E neste período nascem dois sinônimos da imprensa esportiva brasileira: *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, e o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro.

A *Gazeta Esportiva* é oriunda de *A Gazeta*, fundada por Adolfo Araújo e circulou pela primeira vez no dia de 16 de maio de 1906. Era vespertino e após a morte de seu fundador, passou por várias crises até ser adquirido por Cásper Líbero em 1918, transformando-o num conhecido diário do estado de São Paulo na primeira metade do século XX (STYCER, 2009, p.55). Cásper Líbero não tinha fortuna e adquiriu o jornal com a ajuda de seu irmão e de dois amigos ilustres, Júlio Prestes (futuro governador de São Paulo) e Oscar Rodrigues Alves, filho do presidente da República Rodrigues Alves. Líbero começou a associar *A Gazeta* em eventos esportivos na década de 20, quando assistiu a uma corrida noturna em Paris, no ano de 1924. O jornalista quis promover um evento parecido em São Paulo e foi o idealizador da Corrida de São Silvestre, realizado pela primeira vez no dia 31 de dezembro de 1925.

Também criou uma prova ciclística, a Nove de Julho, e uma competição esportiva entre universidades (STYCER, 2009, p.61). Em 24 de dezembro de 1928, nascia *A Gazeta – Edição Esportiva*, um suplemento semanal do jornal, que dez anos depois se chamaria *A Gazeta Esportiva*, de circulação três vezes na semana e até que em 10 de outubro de 1947, o suplemento teria periodicidade diária. O principal foco de *A Gazeta* é o futebol e o volume de informações era a grande novidade, pois o jornal dedicava inicialmente 12 páginas diárias ao fazer a cobertura dos principais clubes da cidade, além dos campeonatos de várzea e dos clubes classistas. Cásper Líbero foi considerado um conciliador do futebol paulista, pois queria que os clubes da Liga dos Amadores de Futebol (LAF) se associassem à Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) sem o desgaste moral e político do arrependimento de se rebelarem contra a entidade oficial.

O jornal *A Gazeta* teve também a direção do italiano Tomáz Mazzoni, que deu a cara da publicação paulista e consolidou o seu papel na imprensa brasileira, principalmente a esportiva. Foi considerado por muitos profissionais o maior jornalista esportivo de São Paulo por décadas. Em 1928 lançou o *Almanaque Esportivo*, quando trabalhava na seção esportiva de *A Gazeta*, que trazia os registros dos principais eventos esportivos no ano (STYCER, 2009, p.66).

Mazzoni buscava o diálogo com o torcedor, com a finalidade em torná-lo leitor fiel do jornal por meio de artifícios e promoções. E era um militante ferrenho contra a “desmoralização” do futebol brasileiro, causada por dirigentes e ligas, além dos jornalistas “clubistas”. Entendeu que a paixão é um dos elementos fundamentais do futebol, facilitando a identificação do leitor com o jornal, e modificou o tratamento aos nomes de jogadores, antes chamados de “senhores” com nome e sobrenome, ao colocar nomes em diminutivo ou apelidos. O jornal *A Gazeta* deixou de circular em 25 de agosto de 1979, devido a uma crise financeira, tornando-se suplemento de *A Gazeta Esportiva*. Em 1999 deixou de ser publicado e dois anos depois parou de circular, mantendo-se apenas com um site na internet¹ (STYCER, 2009, p.70).

Se Mazzoni incentivava a paixão do torcedor por futebol em São Paulo, o mesmo se pode dizer de Mário Filho no Rio de Janeiro com o *Jornal dos Sports*. E ambos também têm uma história em comum quando se refere à presença feminina em suas redações, a partir da década de 1940.

O *Jornal dos Sports* nasceu no dia 13 de março de 1931, por iniciativa dos jornalistas Álvaro Nascimento e Argemiro Bulcão, que trabalhavam no *Rio Sportivo* (KONDER, 2004, 21). Para Coelho (2003, p.9), o *Jornal dos Sports* foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. Segundo Stycer (2009, p.70) o diário adotou uma marca registrada que durou muitos anos: a cor rosa das páginas, copiada do jornal italiano *Gazzeta dello Sport*. Entretanto Konder (2004, p.22) afirma equivocadamente que as páginas cor-de-rosa são originadas do jornal francês *L'Auto* e inseridas no *Jornal dos Sports* no dia 23 de março de 1936. O *Jornal dos Sports* foi adquirido pelo jornalista Mário Filho, em sociedade com Roberto Marinho, proprietário do jornal *O Globo*. Foi nas páginas rosas do jornal, em 1949, que nasceu a campanha pela construção do Estádio Municipal do Maracanã, inaugurado em 16 de junho de 1950. O Maracanã ganhou o nome de Estádio Jornalista Mário Filho em 1966, ano da morte do jornalista, e continua assim até hoje.

Antes do *Jornal dos Sports*, Mário Filho foi editorialista do *Correio da Manhã*, um dos principais jornais do Rio de Janeiro, e em 1925 criou o seu próprio matutino, *A Manhã*. Na década de 30, o jornalista trabalhou em *O Globo* e transformou a seção esportiva do jornal, passando a ter duas seções esportivas com opiniões diferentes. E também criou o *Mundo Esportivo*, que durou apenas oito meses.

¹ Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/>. Acesso em 26 ago. 2015.

Mário Filho dava apelidos aos jogadores e colocava nomes nos grandes clássicos cariocas, como o mais famoso deles: “Fla-Flu”, referindo aos times de Flamengo e Fluminense. A história do “Fla-Flu²” começou em 1925 quando a Seleção Carioca, que era a convocação dos melhores jogadores da cidade do Rio de Janeiro para a disputa de amistosos ou competições, precisou ser convocada às pressas para disputar o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Pela dificuldade em reunir os jogadores, escalaram apenas os jogadores do Flamengo e do Fluminense, o que gerou repercussão negativa por parte do público, chamando a Seleção Carioca de “Combinado Fla-Flu”. A Seleção Carioca foi campeã neste ano e Mário Filho, com a intenção em reverter a imagem negativa do combinado carioca, passou a chamar o clássico entre os dois times de “Fla-Flu” a partir de 1933.

Criou os Jogos Estudantis em 1947 os Jogos da Primavera, consolidando a marca da cobertura jornalística esportiva. Nas décadas de 1950 e 1960 com estes dois eventos fez que o *Jornal dos Sports* ocupasse o lugar de destaque na imprensa esportiva (KONDER, 2004, p.22). *O Globo* já dedicava em suas páginas, no ano de 1931, o incentivo e as expectativas dos torcedores pelas competições e resultados das partidas (STYCER, 2009, p.77).

Cásper Líbero, Tomás Mazzoni e Mário Filho foram muito importantes na consolidação do jornalismo esportivo nas três primeiras décadas do século XX, quando o futebol passa do amadorismo dos clubes recém-criados para a profissionalização dos mesmos com o surgimento de ligas e competições locais e regionais. E entenderam que o futebol havia se tornado um fenômeno de massas, ao utilizar a paixão do torcedor para atrair leitores para seus jornais, que ainda relegavam o jornalismo esportivo a segundo plano. As crises econômicas nas décadas de 1970 e 1980 levaram os dois principais jornais do país ao declínio de vendas, por conta da má organização dos clubes e da recessão na situação financeira do futebol brasileiro (Ibidem, 2009, p.86).

Nas décadas de 40 e 50, o jornalismo esportivo se misturava ao romance com as crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho. O que Nelson Rodrigues escrevia não era exatamente um jornalismo, pois dramatizava as partidas de futebol priorizando os personagens, no caso os jogadores, e suas histórias. Não havia uma informação precisa nos textos, como acontece atualmente no jornalismo esportivo. A poesia dominava os textos

² Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/como-o-profissionalismo-ajudou-tornar-o-fla-flu-tao-grandioso/>. Acesso em 31 out. 2015.

de Mário Filho e de Nelson Rodrigues dos principais clássicos do campeonato carioca, como o Fla-Flu, até mesmo os jogos mais violentos. Nelson Rodrigues disse que o “Fla-Flu” nasceu quarenta minutos antes do nada e isso motivava o torcedor a ir aos estádios, para idolatrar seus ídolos (COELHO, 2003, p.17-18).

Várias revistas e jornais foram surgindo e desaparecendo durante décadas, como por exemplo, a *Revista do Esporte* no Rio de Janeiro, entre os anos 1950 e 1960. Cobriu Copas do Mundo e acabou com as crises. Outro exemplo é o diário esportivo *O Jornal*, criado por Roberto Petri em São Paulo. Os cadernos de esportes só passaram a tomar conta dos jornais no final da década de 1960. O *Caderno dos Esportes* deu origem ao *Jornal da Tarde* em 1967, na cidade de São Paulo. Para Coelho (2003, p.10) o Brasil só teria uma revista esportiva com vida regular nos anos 1970. Em março de 1970 ocorreu a criação da revista *Placar*³, que na época pertencia à Editora Abril, inicialmente de periodicidade semanal. A publicação passou por altos e baixos, sendo relançada em 1995. Nos anos 2000, passou a circular com edições mensais e chegou a ter distribuição gratuita em 2009, com vendas em bancas somente às segundas-feiras no ano seguinte.

Apesar do crescimento da cobertura esportiva começar nesta década e com as crises financeiras, Coelho diz que o preconceito com o jornalismo esportivo era muito presente no século passado, cuja editoria era mal vista por outros profissionais do jornalismo e era editoria de segundo plano:

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades (COELHO, 2003, p.9).

O diário *Lance!* chegou às bancas de jornais, pelo empresário Walter de Mattos Jr, no dia 26 de outubro de 1997. Depois de dois anos no mercado, o *Lance!* se tornou a publicação esportiva mais vendida do país. Viu concorrentes, como *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports*, perderem espaço e até fecharem as redações com cinco anos de existência. Com dez anos de criação, o *Lance!* apareceria como o décimo diário mais importante do Brasil, segundo Stycer (2009, p.89).

Soares (1994, p.13) afirma que o radiojornalismo brasileiro foi o primeiro gênero a se firmar no rádio e continua ocupando grande tempo nas principais emissoras brasileiras,

³Disponível em: <http://revistaplacar.uol.com.br/>. Acesso em 01 set. 2015.

com programas permanentes de notícias e comentários toda semana, sendo maior na longa jornada de jogos. Soares fala em seu livro que a primeira transmissão de uma partida de futebol, lance a lance durante os 90 minutos por Nicolau Tuma, aconteceu no rádio esportivo de São Paulo, a *Rádio Sociedade Educadora Paulista*, em 1931. Da mesma forma do jornal impresso, o rádio também provocou a espetacularização das partidas de futebol, pois os locutores usam uma linguagem específica para captar a atenção do ouvinte, fazendo-o imaginar os lances dos jogos. O rádio se tornou um fenômeno de comunicação de massa.

Tota (apud BEZERRA, 2008, p.38) descreve a improvisação dos locutores esportivos ao noticiarem os fatos publicados nos jornais e não havia transmissão direta dos jogos, pois os profissionais apenas liam por telegramas os resultados dos principais jogos. E completa que a *Rádio Educadora* transmitiu, em abril de 1925, numa tarde de domingo, os resultados dos jogos de futebol dos campeonatos da capital, do interior e dos campeonatos internacionais.

O rádio esportivo tem os requisitos para atender as três demandas, como informação, conquista do público e dos anunciantes e manter o interesse por futebol (SOARES, 1994, p.27). Embora a *Rádio Educadora Paulista* seja a primeira a transmitir um jogo direto, a *Rádio Record*, criada em 1928 como *Rádio Sociedade Record*, consolidou-se como a emissora de maior destaque em São Paulo. Outra rádio de grande projeção é a Rádio Bandeirantes, inaugurada em 1937.

Segundo Tavares (apud BEZERRA 2008, p.42) a primeira transmissão em cadeia nacional foi realizada pelas rádios *Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro*, *Cruzeiro do Sul de São Paulo* e *Clube de Santos* que, comandada pela rádio *Clube do Brasil do Rio de Janeiro*, fizeram a cobertura da Copa do Mundo de 1938, na França. Foi a primeira transmissão esportiva internacional pelo rádio, apresentando o mundial para os ouvintes do Brasil.

Em São Paulo as principais rádios são, além das rádios *Record* e *Rádio Bandeirantes*, a *Jovem Pan*, a *Rádio Capital*, a *Difusora* e a *Excelsior*. Esta última, afiliada da *Rádio Globo*, transferiu o sinal para a rádio *CBN* em 1991. Na capital paulista, o principal nome do rádio esportivo foi Osmar Santos, fenômeno dos anos 1970. Foi considerado o mais bem remunerado locutor esportivo do país, ao trocar a *Jovem Pan* pela *Rádio Globo* em 1977 e alavancou a audiência global, antes inexistente em São Paulo (COELHO, 2003, p.29). O rádio foi importante para a revelação de muitos nomes bastante

conhecidos, como o apresentador Fausto Silva, que era repórter de campo de Osmar Santos.

Já no Rio de Janeiro as principais rádios a transmitirem esportes são a *Rádio Globo*, fundada em 2 de dezembro de 1944, e a *Super Rádio Tupi*, criada 25 de setembro de 1935. A *Super Rádio Tupi*⁴ começou a ter força nas transmissões do jornalismo esportivo a partir da década de 1950, com Ary Barroso e Antonio Maria como narradores. Em 1957, o comentarista José Almírio criou uma equipe esportiva com informação e esporte ao mesmo tempo, chamada de *Equipe Bola de Ouro*, até hoje no ar. Entre as décadas de 1960 e 1980, a *Rádio Tupi* teve sucesso com a *Seleção Brasileira do Rádio*, reunindo grandes nomes do rádio esportivo nas coberturas dos jogos da Seleção Brasileira em Copas do Mundo.

Os principais programas da *Super Rádio Tupi* são *Giro Esportivo*, *Rolando a Bola*, *Show de Bola*, *Bola em Jogo* e *Show do Apolinho*, apresentado por Washington Rodrigues, o Apolinho, desde 1999.

A *Rádio Globo*⁵ foi a única emissora brasileira a transmitir a Copa do Mundo de 1954, na Suíça, embora tenha começado no mundial anterior, em 1950 no Brasil, com Luís Mendes. Nas décadas seguintes, criou *Os Trepidantes* para denominar a equipe do jornalismo esportivo. O principal nome da emissora foi José Carlos Araújo, que na primeira vez ficou entre 1960 e 1976, voltou em 1984 e permaneceu por 28 anos. Luiz Penido atualmente ocupa a vaga deixada por José Carlos Araújo na *Rádio Globo*. Durante as Copas do Mundo de 2002 e 2006, a rádio foi a mais ouvida em São Paulo, sendo que a grande rival da rádio *Jovem Pan* é a *Bandeirantes*, que brigavam por anunciantes nesta época. Houve um processo de criação de emissoras afiliadas das rádios, por causa da importância e penetração delas no mercado, a ponto de espremer três emissoras em São Paulo e duas no Rio de Janeiro.

Os principais programas esportivos da *Rádio Globo*, atualmente com a equipe chamada de *Timaço* do rádio esportivo brasileiro, são: *Globo Esportivo* de Luiz Penido, *Rádio Globo Futebol Clube*, *Enquanto a Bola não rola* com Eraldo Leite, *Panorama Esportivo* com Zeca Marques, além os recentes *Futebol de Verdade*, apresentado pelos ex-jogadores Zico e Juninho Pernambucano, e *Olha o Gol*, com Edson Mauro, transmitido quando não há jogos dos campeonatos regionais e nacionais.

⁴ Disponível em: <http://www.tupi.am/>. Acesso em 26 ago. 2015.

⁵ Disponível em: <http://radioglobo.globo.com/>. Acesso em 26 ago. 2015.

A rádio *Jovem Pan* teve destaque na programação do rádio esportivo com o surgimento do *Plantão de Domingo*, comandado pelo jornalista Milton Neves a partir de 1978. O apresentador contava histórias de futebol e entrevistava grandes personalidades do mundo esportivo durante anos, com inserções de *merchadising* de seus patrocinadores. Isso aconteceu antes de consolidar na carreira televisiva com o *Terceiro Tempo*, programa homônimo que ele fazia na rádio *Jovem Pan* em 1982, atualmente nome da atração esportiva na *TV Bandeirantes*.

Um caso recente de emissora de rádio voltada para os esportes é a *Rádio Bradesco Esportes FM*⁶, criado em 17 de maio de 2012 na cidade de São Paulo e no dia 26 de setembro do mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro. A rádio pertence ao Grupo Bandeirantes de Comunicação, após a extinção da *OI FM* em diversas redes de rádios. O projeto de uma nova emissora de rádio partiu do Grupo Bel, empresa de comunicação detentora da *Rádio Bradesco Esportes FM*, para definir o futuro do projeto provisório da emissora *Rede Verão*.⁷

A novidade do projeto seria o patrocínio *máster* de um banco, o Bradesco, e a parceria forte do *Grupo Bandeirantes de Comunicação*, o que fez a rádio mudar a sua filosofia para dedicar toda a sua transmissão ao mundo dos esportes. A *Bradesco Esportes FM* estreou em todas as localidades onde o Grupo Bel cobria, exceto em Recife, onde o sinal foi ocupado pela *Rádio Globo FM*. O locutor José Carlos Araújo foi a principal contratação da rádio *Bradesco Esportes FM* no Rio de Janeiro por dois anos, que depois se transferiu para a *Rádio Transamérica FM* e atualmente está na *Super Rádio Tupi*, desde abril de 2015.

Assim como o jornalismo impresso e o rádio tiveram papéis importantes na profissionalização dos clubes de futebol e na transformação do esporte em paixão nacional para o torcedor, a televisão expandiu essa espetacularização dos esportes e de seus atletas. Tanto que influenciou na criação de torneios de futebol e tornou a disputa acirrada para conseguir os direitos de transmissão das competições.

Bravo (2009) diz que o jornalismo esportivo na televisão permite uma ousadia no texto com expressões e adjetivos populares, porém que há uma confusão entre textos sensacionalistas e descontraídos.

⁶ Disponível em: <http://bradescoesportesfm.band.uol.com.br/>. Acesso em 31 out. 2015.

⁷ Disponível: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2012/05/11/Radio-Bradesco-Esportes-entra-no-ar.html>. Acesso em 31 out. 2015.

Há certo exagero nas produções televisivas de eventos esportivos, pois muitas emissoras de televisão já não priorizam mais a informação e sim o espetáculo. No entanto, devemos nos atentar que o esporte é um evento que trabalha com o emocional do telespectador sendo difícil desvincular espetáculo de notícia (BRAVO, 2009, p.25).

Segundo Ribeiro (apud BRAVO 2009, p.24) o primeiro registro de um telejornal voltado para os esportes foi o “Mesa Redonda”, criado em 1954 pela TV Record. Um ano depois, a TV Tupi fez a primeira transmissão externa de uma partida de futebol, entre Santos e Palmeiras na Vila Belmiro. Ribeiro afirma que a TV Tupi também cobriu a primeira partida interestadual em 1956, entre Brasil e Itália, direto do Maracanã para São Paulo.

Com tanta gente aderindo à nova moda da televisão, era o momento de as emissoras começarem a se preocupar com o aperfeiçoamento das transmissões, em especial das partidas de futebol, um dos programas líderes de audiência da época. Record e TV Rio, por exemplo, passaram a utilizar lentes de zoom especiais para conseguirem ângulos mais próximos às estrelas do espetáculo (RIBEIRO apud BRAVO, 2009, p.24).

Já Fanucchi (1996, p.43 apud BEZERRA 2008, p.76) aponta que a primeira transmissão de um jogo de futebol na TV foi no dia 10 de dezembro de 1950, no jogo Portuguesa e Palmeiras, realizada pela PRF3-TV. A televisão possibilitou a expansão de programas esportivos e desmitificou alguns cronistas esportivos que faziam carreira no rádio, pois a linguagem radiofônica criava um imaginário para o torcedor na hora da narração das partidas e era mais dinâmica que a narração na televisão. O rádio dramatizava as partidas de futebol e buscava cativar o ouvinte pela emoção, o que não deixa de ser diferente na TV.

A *Rede Bandeirantes*⁸ foi a primeira emissora de TV a exibir ao vivo a Copa do Mundo de 1970, no México. O Governo Federal na época organizou um *pool* de transmissão junto com a *Rede Globo* e a *TV Tupi*. O retorno à cobertura do mundial só aconteceria em 1994, nos Estados Unidos. Na década de 1980, a *Rede Bandeirantes* ficou conhecida como o “Canal do Esporte”, por passar com exclusividade jogos dos campeonatos brasileiros de 1986 a 1993. A *Rede Globo* nem sequer acompanhava alguns torneios e vários jogos, apenas apresentava os melhores momentos das partidas e dos principais lances por meio do *Globo Esporte* (COELHO, 2003, p.65).

⁸ Disponível em: <http://www.band.uol.com.br/grupo/historia.asp>. Acesso em 08 set. 2015.

A *Band*⁹ criou em 1983 o *Show do Esporte*, considerado o programa de esportes mais longo do mundo, com duração de 10 horas seguidas aos domingos, das 10 horas da manhã às oito horas da noite. O programa foi criado, apresentado e dirigido por Luciano do Valle, locutor esportivo falecido em 2014. O *Show do Esporte* ficou no ar até 2004. Em 1996, a *Band* exibiu os Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, o quarto de sua história. Atualmente, a *Band* transmite os programas *Band Esporte Clube*, nos finais de semana, os diários *Jogo Aberto*, apresentado por Renata Fan e *Os Donos da Bola*. Os programas *Gol – O Grande Momento do Futebol* e *Terceiro Tempo* são apresentados pelo principal nome do jornalismo esportivo da emissora, Milton Neves.

Um dos casos curiosos quanto aos direitos de transmissão de jogos importantes foi em 2000, quando a emissora paulista alcançou a liderança absoluta mostrando a final do Mundial de Clubes da FIFA, entre Vasco e Corinthians, no Maracanã. A audiência marcou 53 pontos e fez que a *Globo* deixasse de repassar as principais competições nacionais e internacionais à *Band*. Entretanto, em 2006, as duas emissoras fecharam um novo acordo para a transmissão do Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, Copa Sul-Americana e os campeonatos estaduais.

Coelho (2003) afirma que os direitos de transmissão dos jogos são vendidos por valores infinitamente maiores do que nas décadas anteriores. Questiona se a maior emissora do país compra as cotas de patrocínio das competições nacionais, o campeonato é dela e não deve ser desvalorizado. A *TV Globo* detém os direitos do Campeonato Brasileiro desde 1995, que foram valorizados dois anos depois. O autor refere como a principal emissora de televisão, a *Globo*, que tem o costume de transmitir os jogos como se fosse um show, onde o estádio não apresenta defeito nem há comentários sobre a qualidade técnica da partida.

Os clubes pensaram que iriam aumentar seus dividendos com o dinheiro da TV, mas não criaram campeonato suficientemente lucrativo para que a televisão deles precisasse. Ao contrário, são hoje os clubes que dependem da televisão (COELHO, 2003, p. 64-65).

A *Rede Globo*, ao comprar com exclusividade os direitos, acaba tolhendo o jornalismo e restringe o acesso à informação do restante dos espectadores. Causou polêmica em 1998, quando comprou os direitos de transmissão da Copa do Mundo na França, por 220 milhões de dólares. Somente para não ser ultrapassada pela concorrência.

⁹ Disponível em: <http://www.band.uol.com.br/>. Acesso em 08 set. 2015.

Assim aconteceu com a *Record* na década de 1970 e com a *Bandeirantes* na década seguinte. Para completar a hegemonia no jornalismo esportivo na televisão, a Globo criou em 1992 o *SporTV*, canal de TV fechada, pertencente à Globosat. A sua concorrente é a *ESPN Brasil*, criada a partir do acordo entre o Grupo Disney, detentora da marca, e a extinta emissora por assinatura *TVA*, do Grupo Abril.

A *Rede Globo* tem programas esportivos com mais de 30 anos de atividade, mesmo quando a emissora não valorizava tanto os campeonatos nacionais e internacionais, até o fim da década de 1980. O programa “Esporte Espetacular” estreou em 1973, sendo o mais antigo da grade de programação, exibido aos domingos de manhã. Já o “Globo Esporte”, programa diário de esportes, começou a ser exibido em 1978. Não só de futebol e esportes olímpicos vive a programação esportiva da *Globo*. O *Auto Esporte* é um programa voltado para o mundo automotivo e o *Corujão do Esporte* é um dos mais recentes, exibido semanalmente nas madrugadas e criado em 2011, falando de todos os esportes.

Nos anos 1990, a internet virou febre no Brasil, mais precisamente a partir de 1997. O fenômeno da internet tomara conta da Europa e dos Estados Unidos já havia alguns anos. Entretanto os sites não eram tão difundidos a ponto de se tornarem negócio (COELHO, 2003, p.59). Coelho (2003) fala que na mesma época que surgiu o *Lance!* foi criado o site do diário¹⁰, com o sintoma de que a internet pegaria no país. O prestígio da internet somente ocorreu dois anos depois, o que levou muitos profissionais do jornalismo esportivo para os principais portais de notícias, como o *UOL* e o *IG*. Houve uma estabilidade do jornalismo esportivo na internet até 2002, mas um ano antes passou por uma grande crise que demitiu muitos profissionais das redações *on-line*, por causa da falta de investimentos nas páginas eletrônicas.

O jornalismo esportivo na internet enfrenta problemas de critérios de noticiabilidade, como a falta de apuração das notícias e a precipitação na hora de publicar o conteúdo no endereço eletrônico, que é um dos meios de comunicação mais rápidos que existe, porém não tem muita credibilidade quanto um jornal impresso. Muitos jornais impressos, emissoras de rádio e televisão migraram para os seus *sites* na internet, além dos portais especializados em esporte, como o *GloboEsporte.com*, *UOL Esporte* e o *Esporte Interativo*, este último um canal de TV 100% de esportes lançado em 2007.

¹⁰ Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/>. Acesso em 09 set. 2015.

3 AS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

Neste capítulo serão abordadas as primeiras publicações impressas voltadas para o público feminino, com temáticas relacionadas à moda, cultura e teatro, inicialmente comandadas por homens. Durante o século XIX, as revistas direcionadas às leitoras ganharam temas como os direitos da mulher, abolição da escravidão, feminismo e causa indígena, numa época em que era impensável às mulheres aprenderem a ler e a escrever. Logo surgiram publicações comandadas por mulheres e as primeiras profissionais do jornalismo, entre elas escritoras, ilustradoras e fotógrafas. No século XX, o crescimento das mulheres no jornalismo aconteceu de forma lenta e gradual, com aumento significativo a partir da década de 1970.

No jornalismo esportivo, a presença das mulheres na editoria começa a ser percebida entre as décadas de 1970 e 1980, com destaque para a *Rádio Mulher*, em São Paulo. Mas nas décadas anteriores já existiam pioneiras na cobertura de esportes para o jornalismo impresso e também para o rádio. Na televisão as mulheres jornalistas passaram a cobrir eventos esportivos na década de 1980 e começaram a fazer reportagens em campo, tanto no comando de programas quanto na função de repórteres. Foi com as pioneiras do jornalismo esportivo que o público feminino, antes desinteressado aos esportes, passou a gostar das modalidades esportivas, principalmente futebol, e assim crescendo o número de mulheres que trabalham na editoria de esportes.

3.1 O INÍCIO DAS MULHERES NO JORNALISMO

Sobre o início das mulheres no jornalismo, Ramos (2010, p. 342) faz uma retrospectiva sobre a invasão delas nas redações de jornais e revistas, durante o século XIX e com um aumento gradual no século XX. Antes fala das publicações voltadas ao público feminino, como o *Espelho Diamantino*, de 1827, considerada a primeira revista brasileira dedicada à mulher, embora dirigida por um homem, Pierre Blancher. A publicação não tinha as matérias comuns da “imprensa feminina”, como é chamada nos dias de hoje. Era uma revista de variedades com viés cultural.

Segundo Ramos, Nísia Floresta Brasileira Augusta pode ser considerada a pioneira do jornalismo feminino no país. Nísia Floresta era pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nascida em 1810 no Rio Grande do Norte e falecida na França em 1885, e que

colaborou para a revista *Espelho das Brasileiras*, publicação editada por Adolphe Emile de Bois-Garin, numa época impensável para mulheres aprenderem a ler e muito menos serem jornalistas. A jornalista começou a escrever para a revista em 1831 e depois para outros jornais, com temáticas sobre a escravidão, problemas dos índios, preconceitos e direitos da mulher.

Em 1833, uma mulher fundou um jornal voltado para defender os direitos femininos: Maria Josefa Barreto Pereira Pinto. Ela criou o jornal *Belona Irada Contra os Sectários de Momo* no Rio Grande do Sul e durou apenas um ano. Ramos (2010, p.343) destaca o *Jornal das Senhoras: modas, literatura, bellas-artes, theatro e crítica*, fundado no Rio de Janeiro em 1852 pela jornalista argentina Juana Paula Manso de Noronha, sendo apontado como o primeiro jornal dirigido por uma mulher no Brasil. Era editado aos domingos e circulou na cidade durante três anos.

Narcisa Amália de Campos é a primeira mulher a se profissionalizar como jornalista, ao criar o jornal quinzenal *O Gazetinha* em Resende, no Estado do Rio de Janeiro, em 1884. A publicação também continha assuntos ligados à defesa da mulher e ao movimento abolicionista. Francisca Júlia da Silva, com apenas 20 anos, foi colaboradora de diversos jornais como *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diário Popular*, *São Paulo Ilustrado*, *Vida Moderna* e em outras publicações no Rio de Janeiro. Estreou no jornal *A Pauliceia*.

No século XX, é lançada em São Paulo a *Revista Feminina*, com tiragem de 30 mil exemplares e dirigida por Virgilina de Sousa Sales em 1914. Além de moda e culinária, a revista também seguia o caminho de abordar assuntos femininos como a emancipação e o direito ao voto. Antes, no Rio de Janeiro, Nair de Tefé colaborou para vários jornais e revistas cariocas fazendo charges. Não era jornalista, mas foi a primeira desenhista brasileira a criar caricaturas em jornais da época.

A partir da década de 1920, grandes escritoras tiveram experiências como jornalistas e diretoras nas redações dos principais jornais e revistas do Brasil. A jornalista e escritora Rachel de Queiroz começou a colaborar para a revista *O Cruzeiro* em 1943, escrevendo a coluna *Última página* durante 35 anos. A poetisa Cecília Meirelles foi diretora por alguns anos de uma página sobre educação no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, na década de 1930. Antes de sua morte, na década de 1960, escreveu crônicas na *Folha da Manhã*, mostrando a sua experiência no jornalismo feminino.

Sobre a temática dos jornais e revistas voltados ao público feminino, Silva (2004, p.28) aponta que “a diferença entre a imprensa feminina e feminista, é que a feminina é dirigida e pensada para as mulheres, enquanto a feminista, embora dirija ao mesmo público, objetiva defender causas”.

E o histórico da imprensa feita e dirigida por mulheres no livro de Ramos (2010) enumera os veículos de comunicação impresso com temas femininos, como cuidar do lar, beleza e cultura, e feminista, como os direitos das mulheres, a emancipação e o voto. E Silva (2004, p. 29) complementa que as revistas femininas trabalham a maior parte dos problemas da esfera pública para a privada.

Rocha (apud Mota, 2013) aponta que a presença feminina foi notada a partir da década de 1970, não sendo considerado um fenômeno e sim uma tendência futura.

Se fizermos um estudo de outras profissões, como medicina, arquitetura, direito, pesquisa científica, veremos que até 30 anos atrás elas também pertenciam ao mundo masculino (...) Se, pelo censo de 1950 as mulheres representavam 15,6% da população economicamente ativa, em 2002, de acordo com os dados do Pnad, esse percentual atingiu 43%. O nível de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens, o que é um outro dado importante para a explicação do aumento da participação feminina no jornalismo (ROCHA apud MOTA, 2013, p.16).

Travancas (1992, p.76) afirma que o jornalismo não é uma profissão exclusiva dos homens, pois a atividade jornalística exige abnegação e entrega, qualidades predominantemente femininas. Embora sejam raras nos cargos de direção das redações, as mulheres estão em maioria na área de reportagem. E a presença maciça delas nas redações do jornalismo impresso é chamada de “invasão”, porém o salário das repórteres é menor se comparado a dos homens.

A imprensa feminina chegou a não ser considerada um tipo de jornalismo, pois os assuntos abordados nas revistas eram restritos a moda, culinária, consumo, fotonovelas, entre outros. Eram vistas como forma de alienação por outros profissionais da área (BUIIONI apud MOTA, 2013, p. 16).

Ramos (2010, p.16) fala sobre a trajetória das mulheres no jornalismo e da presença delas nas redações, em número ainda menor no total de profissionais da área. Entretanto, em assessorias de imprensa as mulheres dominam o ambiente de trabalho. Ramos começou a sua carreira de jornalista em 1952 e em toda a imprensa paulista havia um pouco mais de 30 mulheres jornalistas. Dirigiu a *Página Feminina* no jornal Gazeta em 1954, após se formar em jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. A maioria delas

trabalhava, além de revistas femininas, em colunas sociais e assuntos considerados amenos.

A Editora Abril lançou revistas que tinham mulheres jornalistas como colaboradoras e até mesmo dirigidas por elas, como por exemplo as revistas *Capricho*, criada em 1952, *Você* em 1956 e a *Manequim*, criada em 1959 (RAMOS, 2010, p.18). Havia também possibilidade de trabalho para as jornalistas nas sucursais dos principais jornais do país, como *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *A Tribuna da Imprensa*, entre outros, com seções ligadas ao público feminino.

Sobre a linguagem utilizada em publicações femininas, Silva (2004, p.30) fala que ela é usada de forma variada: culta, literária, coloquial, com textos quase publicitários, predominando o estilo imperativo e com a finalidade da revista agir como uma espécie de conselheira para as leitoras. Para Buitoni (apud SILVA, 2004, p.31) jornais e revistas femininos funcionam como termômetro dos costumes da época. E a imprensa feminina, seja na criação ou em sua evolução, está diretamente ligada ao contexto histórico.

Na década de 1970, houve uma invasão feminina nas redações dos jornais e revistas ligadas ao esporte. Segundo Coelho (2003) era quase impossível ver as mulheres no esporte até o início dos anos 1970, e a presença feminina na redação refletia o interesse da população. E complementa sobre a equidade de direitos e salários nas profissões, que não se aplica em boa parte das editorias de esportes no país.

Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres nas redações. (...) Normal é que não haja preconceito. Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos. Os mesmos níveis salariais, o que incrivelmente se verifica nas redações, ao contrário das demais profissões. O que não se pratica em boa parte das editorias do país. Menos ainda na de esportes (COELHO, 2003, p.34).

A partir dos anos 1980, o acesso das mulheres repórteres de futebol deixou de ser restrito, porém o preconceito com a opinião feminina continuou, o que é algo injustificável. Poucas eram as mulheres especialistas em futebol na roda de amigos num bar. Stycer (2009, p.254) complementa que com o tempo, as mulheres conseguiram encontrar espaços em áreas ditas nobres dominadas pelos homens, como política e economia. Quando entravam para o jornalismo esportivo, as mulheres jornalistas eram encaminhadas para as editorias de esportes amadores (COELHO apud STYCER, 2009, p.255).

Mota (2013) fala sobre a conquista da credibilidade das mulheres no jornalismo e dos problemas no mercado de trabalho em constante expansão.

Mesmo que as mulheres tenham conquistado credibilidade e também tenham alcançado as redações e diferentes editorias dentro do jornalismo, elas ainda passam por problemas em um mercado de trabalho que está em permanente expansão. Porém, se compararmos com outra época veremos que os avanços são notáveis. As mulheres provam que podem ir além do preconceito e ganhar respeito e espaço dentro do ambiente profissional (MOTA, 2013, p. 16-17).

Soares e Michel (2009, p.10) afirmam que a chegada da mulher ao setor da comunicação dependeu de uma questão de tempo, assumindo os microfones do rádio e mais tarde invadindo o veículo de imagem com a chegada da televisão. E no jornalismo esportivo não poderia ser diferente a partir das décadas de 1970 e 1980. Para Rubbo & Vasconcelos (2009, p. 3) a projeção da mulher nas editorias de esportes aconteceu simultaneamente com a ascensão feminina em diversas profissões e no momento que o jornalismo esportivo se firmava como segmento profissional.

3.2 AS PIONEIRAS DO JORNALISMO ESPORTIVO

As mulheres para chegarem ao jornalismo esportivo tiveram que batalhar por seus espaços nas redações, até mesmo em outras editorias como política e economia, citado anteriormente. Antes disso, elas eram encaminhadas somente às seções femininas dos jornais e revistas. Segundo Bravo (2009, p.26), o jornalismo esportivo era uma área de atuação predominantemente masculina e a mulher enfrentou dificuldades para ter destaque e respeito dentro do esporte na imprensa. Nos Estados Unidos, por exemplo, as jornalistas conseguiram destaque como repórteres, apresentadoras e comentaristas, porém não estavam livres do preconceito nas décadas de 1970 e 1980.

De acordo com Mota (2013, p. 26), as mulheres eram proibidas de assistirem e de participarem dos Jogos Olímpicos de Atenas (1896), o que explica o predomínio do público masculino em detrimento ao feminino durante o século XX. O interesse dos homens pelo esporte em relação às mulheres ainda é maior, e isso reflete no número de jornalistas esportivos nas redações.

A mulher consegue desmitificar a ideia de que o mundo dos esportes só pertence aos homens e que elas não têm competência para discutir. O poder de comunicação em massa contribui para que as mulheres consigam conquistar credibilidade do público ao assistir um programa e ter como protagonista uma mulher apresentando, por exemplo (MOTA, 2013, p.27).

A ligação das mulheres com esportes no Brasil ganhou força a partir da década de 1940, quando começaram a praticar futebol, incomodando os conservadores e tendo o seu rendimento contestado por eles. Para Bolzan, Marques e Oliveira (2013), as mulheres conquistaram o seu espaço no esporte e no jornalismo esportivo:

Mas elas conquistaram o seu espaço no esporte, lugar que teve que ser garimpado no ambiente jornalístico, onde as notícias eram predominantemente masculinas. A prática do esporte faz com que elas estejam habilitadas para comentar as competições. No início, a participação delas era limitada a apresentarem propagandas e leitura de script. Nos anos 90, as mulheres começam a ganhar destaque no cenário esportivo. Poucas mulheres conseguem exercer o cargo de comentarista, muito relacionado ao preconceito dos colegas do meio e do contato com o público (BOLZAN, MARQUES e OLIVEIRA, 2013, p. 5).

Segundo as citações de Knijnik e Souza (2004, p. 9), o esporte ainda é um processo de infiltração lenta e gradual, sem contestação por parte das mulheres. Nunca houve um movimento feminista que lutasse pela equidade de gênero, por causa da ausência de um movimento contestador das esportistas brasileiras. As mulheres estão conquistando mais espaço nas editorias de esportes, com aumento na década de 1990.

Stycer (2009, p.253) fala sobre a estimativa da ocupação feminina nas redações atualmente, entre 30% e 40% nas principais publicações do país. Já no jornalismo esportivo essa porcentagem não passa dos 10%. Stycer cita um estudo feito entre 10 mil jornalistas nos Estados Unidos na área esportiva de imprensa e televisão, foram identificados apenas 3% de mulheres entre eles.

Os 10% da presença feminina nas redações esportivas é citada por Coelho (2003, p. 35) e o autor reforça que o preconceito era muito mais presente nas outras décadas do que nos dias de hoje. Também relata a recusa do repórter Oldemário Touguinhó, do *Jornal do Brasil*, em passar seus relatos de coberturas esportivas para uma mulher, que assumia o lugar do editor na coleta de material para a publicação no jornal. Apesar da diminuição do preconceito contra as mulheres no jornalismo esportivo, boa parte das profissionais é encaminhada para os esportes olímpicos, pois os homens ainda acham que as mulheres têm mais facilidade em adquirir conhecimento sobre esses esportes do que sobre o futebol e o automobilismo, territórios onde o machismo domina.

A associação entre a mulher e o esporte era bem restrita, pois a imagem delas sempre foi associada às atividades do lar e de cuidar dos filhos. Para Alexandrino (2011, p.35) a prática esportiva era exclusiva dos homens porque acreditavam que as mulheres não tinham condições físicas para o esporte, inviabilizando a inserção delas nas

competições. Bravo (2009, p.14) diz que as mulheres demoraram séculos para que a sociedade liberasse a prática do esporte feminino, o que somente aconteceu a partir de 1900.

Goellner (2009) analisa os discursos da mídia que narram a participação das mulheres no esporte, destacando os corpos femininos e aparências no lugar das trajetórias das atletas, com suas conquistas e frustrações. E acrescenta as imagens de bela, maternal e feminina que são associadas às mulheres desde os primórdios do esporte no Brasil.

A história das mulheres no universo cultural do esporte brasileiro é marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos. É uma história plural, que não pode ser analisada a partir de um único olhar, dado serem plurais as próprias mulheres e, também, as formas através das quais participam do esporte. São atletas, jornalistas, árbitras, praticantes, espectadoras, dirigentes, treinadoras, admiradoras, entre outras (GOELLNER, 2009, p.271).

A inserção das mulheres brasileiras no universo das práticas esportivas data de meados do século XIX, entretanto foi apenas a partir das primeiras décadas do século XX que essa participação se ampliou e consolidou (Ibidem, p.272). Mulheres se exercitando fisicamente era uma novidade nesse tempo, pois as imagens associadas a elas eram de imagens românticas e contidas, como na literatura. O estereótipo da mulher lânguida e de gestos delicados não se perdurou por muito tempo, devido à recomendação médica em indicar exercícios físicos como atividade benéfica para a saúde das mulheres, não só para enfrentar a maternidade como uma forma de embelezamento dos corpos femininos.

Uma das formas de ampliar a aparição pública de mulheres praticantes de esportes foi a organização, em alguns centros urbanos do país, de competições esportivas direcionadas, exclusivamente, para atletas mulheres, tais como os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, criados em 1935, os Jogos da Primavera, realizados na cidade do Rio de Janeiro em 1949 e os Jogos Abertos Femininos, cuja primeira edição aconteceu no ano de 1954, em Porto Alegre (Ibidem, p.278).

Com o Decreto-lei n. 3.199, instituído pelo Conselho Nacional de Desportos em 1941, as mulheres tiveram a sua participação interdita em várias modalidades do esporte como futebol, rúgbi, pólo aquático, corridas de fundo e lutas, pois eram vistas como violentos e não adaptáveis ao sexo feminino. Isso amputou a participação crescente delas nas décadas de 1940 e 1950, o que fez escassear investimentos de apoio às atletas, inclusive nas décadas de 1960 e 1970, por parte de clubes e instituições esportivas. Muitas

atletas perderam o direito de competir, sob a justificativa da lei em proibir a prática desses esportes.

A ligação do esporte com a imprensa fez surgir uma pioneira do jornalismo esportivo feminino: Maria Helena Rangel. É considerada a primeira jornalista do país e era atleta em arremesso de disco (RAMOS, 2010, p.31). Em sua trajetória como atleta, Maria Helena ganhou competições de arremesso de disco por oito anos seguidos. Era irmã do diretor de teatro Flávio Rangel e se formou em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP). Estudou na Faculdade Cásper Líbero na década de 1940 e durante a faculdade foi convidada para escrever na *Gazeta Esportiva* em 1947.

Maria Helena fez inúmeras viagens como jornalista, para cobrir campeonatos de vôlei e basquete. Seu registro profissional data de 1º de janeiro de 1948 e exerceu a profissão por cinco, seis anos. Faleceu no ano de 2000, em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral (Ibidem, p. 238).

Outra profissional do jornalismo esportivo, contemporânea de Maria Helena Rangel, é Mary Zilda Grassia Sereno, nascida no Rio de Janeiro. Foi uma das primeiras jornalistas fotógrafas de São Paulo e contou em entrevista para a *Folha de São Paulo*, em 1981 que o fotógrafo fazia de tudo além da foto: revelar, copiar e ampliar. Sua primeira tentativa de fotografar para um jornal foi em *O Globo*, após a Copa do Mundo de 1934, quando flagrou uma freira italiana que comemorava o título da seleção de seu país no Rio de Janeiro (RAMOS, 2010, p. 261). O jornal publicou a foto, mas não a contratou por ela ser mulher.

Mary Sereno trabalhou em outros veículos impressos como *Hoje*, *O Dia*, *O Tempo*, *Gazeta Esportiva*, *A Hora* e na *Época*. Começou a trabalhar no *Hoje* e fotografou a cobertura da colocação da pedra fundamental do Estádio do Morumbi. Mary Sereno era fotógrafa especialista na cobertura de jogos de futebol e de incêndios de edifícios na capital paulista com sua câmera SpeedGraphic, ganha por ela em 1948. Foi a primeira jornalista a ser credenciada pela Polícia de São Paulo e um das primeiras sindicalizadas no Brasil, com início em 1934. Segundo Ramos, Mary Sereno também fotografava na editoria de cidades, mas a preferência da fotojornalista eram os esportes.

“Atenção, gente, a Mary está entrando”. Tinha sempre alguém para avisar aos colegas que estavam se trocando que Mary Zilda Grassia Sereno, a fotógrafa de *O Dia*, estava para entrar no vestiário dos jogadores. Mary era fotógrafa da “geral”, mas gostava, mesmo, era de futebol, o que “cobria” com mais frequência” (Ibidem, p. 265).

Mary considerava natural entrar nos vestiários do Pacaembu, na década de 1950, e a atitude da fotojornalista era vista como uma valentia. Não era comum uma mulher jornalista entrar facilmente num vestiário. Quando ela era vista, tinha sempre uma pessoa para avisar aos jogadores que estava chegando ao vestiário. “Eles se vestiam e eu fazia as fotos”, disse Sereno. A fotógrafa esportiva morreu aos 87 anos, em 1998.

Segundo Bolzan, Marques e Oliveira (2013, p.5) as mulheres entraram no radiojornalismo esportivo em 1971, em São Paulo, na *Rádio Mulher*. Foi a primeira equipe feminina a cobrir eventos esportivos, transmitindo também futebol. Claudete Troiano, atualmente apresentadora de TV, era a narradora das partidas, com os comentários de Leilah Silveira. E as reportagens ficavam a cargo de Germana Garili e Jurema Iara.

Germana Garili¹¹ também foi uma das pioneiras do jornalismo esportivo, iniciando a sua carreira na década de 1960. Conhecida como “Gegê”, conciliou a vida esportiva com o jornalismo e escreveu três colunas para diferentes meios de comunicação: em 1962 para a *Tribuna Ituana*, em 1968 para a *Tribuna de Franca* e para a *Gazeta de Santo Amaro*, em 1972, com a coluna *A Bola é Dela*. Foi locutora da *Rádio Mulher*, antes chamada de *Rádio Difusora Hora Certa*, e repórter de transmissões ao vivo das partidas de futebol. É reconhecida oficialmente pela Federação Paulista de Futebol (FPF) como a primeira repórter feminina profissional a fazer uma cobertura de futebol no campo.

Outra jornalista representante da *Rádio Mulher*, de acordo com Rubbo & Vasconcelos (2009), é a radialista e atriz Regiani Ritter, atualmente locutora e apresentadora da *Rádio Gazeta AM*¹². Ritter apresenta os programas *Disparada no Esporte* e *Revista Geral*. Começou a carreira no jornalismo esportivo na década de 1980 como repórter de campo e comentarista da *Rádio Gazeta*, além da experiência na *TV Gazeta*, participando do programa *Mesa Redonda*, e no jornal *Diário Popular*. Nas tevês *Gazeta e Record*, foi editora-chefe e produtora do *Mesa Redonda* (RITTER, 2015)¹³.

Conquistou o prêmio de melhor jornalista em 1991 pelo jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Segundo Mota (2013, p. 28), a jornalista cobriu três Copas do Mundo e os jogos do time do São Paulo. Ritter relembra o seu início no jornalismo esportivo:

¹¹ Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/germana-a-gege-5689>. Acesso em 05 out. 2015.

¹² Disponível em: <http://www.gazetaam.com/>. Acesso em 05 out. 2015.

¹³ Entrevista concedida à autora. 08 out. 2015.

Foi na década de 1980, quando apresentava um musical com variedades na radio Gazeta AM, que era muito forte no esporte. Por volta de 1984 o diretor do dpto. de esporte, Pedro Luiz Paoliello, me convidou para cobrir um repórter que ia para Minas Gerais com a seleção. Muito curiosa e meio chegada a desafios, aceitei. Não sabia muito de futebol, mas a vaga era para cobrir futebol e foi assim. Não foi fácil, de segunda à sexta-feira eu cobria treinos, no final de semana eu ganhava folga, ou seja, nada de fazer jogo. Foi na Tv Gazeta, convidada para cobrir as férias de Cleber Machado na reportagem que eu fiz meu primeiro jogo. O primeiro de muitos (RITTER, 2015).¹⁴

Martha Esteves é considerada a primeira repórter a cobrir vestiários no Rio de Janeiro, na década de 1980. A jornalista não se intimidou com o machismo do ambiente esportivo nem com as desculpas de recusa dos entrevistados (BARBAT apud BOLZAN, MARQUES e OLIVEIRA, 2013, p.5-6). Esteves começou a carreira na revista *Placar*, onde ficou por cinco anos, e já teve passagens pelo *Jornal do Brasil*, revista *Quatro Rodas* e atualmente é subeditora de esportes do jornal *O Dia*.¹⁵

No jornalismo impresso, a pioneira na cobertura de eventos automobilísticos como a *Fórmula 1* foi Alaíde Pires, quando entrou para a editoria de esportes do jornal carioca *O Dia* na década de 1980. Pires acompanhou o início da trajetória profissional de Ayrton Senna e a carreira de Nelson Piquet na principal competição do automobilismo mundial. No jornal *O Dia* foi repórter, repórter especial e depois sub-editora do caderno de esportes *Ataque*, entre 1995 e 2001. Em 2002 passou a trabalhar no jornal *Extra*, também no Rio de Janeiro, como colunista de esportes na seção *Copa na TV*. Entre 2004 e 2006 escreveu para o caderno *Auto Extra*, sobre automobilismo no mesmo jornal. A jornalista é uma das fundadoras da publicação carioca *Expresso*, pertencente ao grupo Infoglobo, na função de editora.

Na televisão, em especial na *Rede Globo*, a primeira mulher a integrar a equipe do *Globo Esporte* foi Isabela Scalabrini, que na década de 1980 cobria diversas modalidades esportivas, exceto futebol, cobertura exclusiva dos homens. Foi a primeira apresentadora do programa, aparecendo somente aos sábados (BAGGIO apud GASTALDELLO, PENTEADO e SILVA, 2014, p.52).

Entretanto, o site *Memória Globo* indica que Monika Leitão foi uma das primeiras mulheres a participar da cobertura esportiva da TV Globo, ao lado dos editores Hedyl Valle Júnior, Michel Laurence e Luizinho Nascimento no *Globo Esporte*, na década de

¹⁴ Entrevista concedida à autora. 08 out. 2015.

¹⁵ Disponível em: <http://www.donasdabola.com.br/2014/01/10/as-notaveis-martha-esteves/>. Acesso em 05 out. 2015.

1980 (MEMÓRIA GLOBO, 2007). Cobriu os Jogos Olímpicos de Moscou e o Pré-Olímpico de Basquete em Porto Rico, ambos em 1980. Em 1996 assumiu a função de produtora do programa *Esporte Espetacular*, participando de importantes coberturas esportivas.

Em 1991, Mylena Ciribelli foi primeira mulher a apresentar o programa esportivo *Esporte Espetacular*, da Rede Globo. Depois passou para o *Globo Esporte*, neste último revezando com os apresentadores Fernando Vanucci e Leo Batista (MEMÓRIA GLOBO; RODRIGUES, 2014, p.22). No começo da carreira, apresentou os boletins olímpicos dos jogos de Seul, em 1988, e da Fórmula 1, além do programa *Manchete Esportiva*, na extinta *Rede Manchete*¹⁶. Após 18 anos na Rede Globo, Ciribelli saiu da emissora carioca em 2009 e foi para a *Rede Record*, no comando do programa *Esporte Fantástico*.

Segundo Gastaldello, Penteado e Silva (2014, p.52), somente em 1998 o *Globo Esporte* teve a primeira mulher a comandar a atração esportiva diariamente: Glenda Kozlowski. Isso vinte anos após a estréia do programa, que era comandado apenas por homens. Glenda Kozlowski é jornalista e ex-atleta, tetracampeã mundial de *Bodyboarding* e foi contratada pela Globo em 1996, para apresentar o *Esporte Espetacular*, depois de ter passagens pelo canal esportivo de TV paga *Sportv*. Kozlowski segue o mesmo exemplo que Maria Helena Rangel décadas antes: foi atleta e depois ganharam destaque ao se profissionalizar no jornalismo.

Em coberturas de Copas do Mundo pela emissora carioca, a primeira mulher foi a jornalista Anna Zimmerman, em 1998, na França. Mas quem se destacou nas duas Copas seguintes foi Fátima Bernardes, que embora não fosse jornalista da editoria de esportes, saiu da bancada do *Jornal Nacional* para acompanhar a Seleção Brasileira em 2002, no Japão e na Coreia do Sul, e 2006, na Alemanha.

A primeira mulher a comandar um programa esportivo no estilo “mesa redonda” na televisão foi a ex-modelo e jornalista Renata Fan em 2007, quando começou a apresentar o *Jogo Aberto*, na *Band* (ALEXANDRINO, 2011, p.40). Antes de se formar em jornalismo e se dedicar ao esporte, Renata foi locutora da *Rádio Transamérica* de Santo Ângelo, cidade do Rio Grande do Sul. Segundo Baggio (2012, p.34-35), a jornalista começou a trabalhar na televisão ao lado de Milton Neves em dois programas esportivos: o *Terceiro Tempo*, que era exibido nas noites de domingo, e *Debate Bola*, atração que apareceu depois, no

¹⁶ Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/mylena-ciribelli/sobre/>. Acesso em 06 out. 2015.

horário de meio-dia, ambos na *Rede Record de Televisão*, em 2003. Por um ano apresentou a atração esportiva *Golaço*, na *Rede Mulher*, entre 2005 e 2006.

Soninha Francine foi a primeira mulher comentarista esportiva da *ESPN Brasil* entre 1999 e 2004, antes de se dedicar à política (Coelho, 2003, p.35). Formada em Cinema pela Universidade de São Paulo (USP), também atuou como colunista no caderno Esportes da *Folha de São Paulo* e trabalhou como comentarista de futebol no Sistema Globo/CBN de rádio¹⁷. Foi premiada nos anos de 2005 e 2007 como “melhor comentarista esportiva” do prêmio *Comunique-se*. Isso mostra que a profissional entende mais de esporte, futebol principalmente, do que boa parte dos homens que trabalham na área, mesmo não sendo *expert* no assunto.

Por acaso fiz um programa de futebol na MTV em 1998, em uma emergência, precisei substituir um apresentador. Muitos jornalistas esportivos repararam e acharam curioso me ver falando sobre futebol, embora ali fosse uma brincadeira. Comecei a ser convidada para fazer participações em inúmeros programas, até que fui convidada pela ESPN para ser parte de seu time de comentaristas em 1999. Depois passei a escrever também uma coluna semanal para a *Folha de São Paulo* e comentar futebol na Rádio Globo e CBN (FRANCINE, 2015).¹⁸

De acordo com Ribeiro (2007, p.292), *O Estado de São Paulo* já teve uma mulher no comando no caderno de esportes: Isabel Tanese, que ficou no cargo por três anos, entre 1998 e 2001. Era um fato inédito na história do jornalismo esportivo uma mulher comandar a editoria de esportes, em um dos maiores jornais do país, pouco antes do Mundial da França em 1998. Já na *ESPN Brasil*, a chefe de redação do canal entre 2000 e 2010 foi Kitty Balieiro, que também exerceu a função de editora executiva. Antes, Kitty Balieiro fora pioneira na Rede Globo em São Paulo cobrindo futebol, diferente de Isabela Scalabrini, que era do Rio de Janeiro e cobria esportes amadores, pauta comum entre mulheres no jornalismo esportivo.

São exemplos de profissionais que demonstram conhecimento em esportes, mesmo com a desconfiança dos homens, mas conseguiam expressar opiniões e comentários pertinentes sobre vários esportes, principalmente futebol. E a tendência para o futuro é de que as mulheres ocuparão mais espaço nas redações e editorias de esportes, com o desafio em diminuir mais o preconceito dos colegas de profissão quanto à cobertura de eventos esportivos feito pelas jornalistas, que cada vez entendem muito do assunto.

¹⁷ Disponível em: <http://www.soninha.com.br/federal/soninha/biografia-da-soninha/>. Acesso em 07 out. 2015.

¹⁸ Entrevista concedida à autora. 04 nov. 2015.

4 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA EDITORIA DE ESPORTE

Este tópico falará sobre a representação feminina na editoria de esporte no que diz respeito ao número delas nas redações dos principais jornais e revistas do país. Serão mostrados dados sobre o crescimento delas no jornalismo esportivo, o que mostra uma tendência ao predomínio delas no jornalismo em geral, tendo como as primeiras editorias a política e a economia. Com o feminismo, as mulheres foram conquistando lugares que antes eram dominados pelos homens, principalmente os esportes.

Na área esportiva, um nicho ainda predominantemente masculino, as mulheres jornalistas foram conquistando espaço aos poucos, apesar do preconceito existente contra elas nas décadas de 1970 e 1980. As repórteres inicialmente eram encaminhadas para os esportes amadores, mas outras desafiaram o machismo de outros jornalistas e dirigentes de futebol e passaram a cobrir as partidas entrando em vestiários dos atletas para entrevistas. E o número de repórteres, apresentadoras de TV, radialistas e comentaristas aumentou consideravelmente a partir da década de 1990, embora a porcentagem delas, comparadas a dos homens, fique em torno de 10% do total de jornalistas na editoria de esportes.

4.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Segundo Rodrigues (2014, p.21), os anos 1980 e 1990 foram caracterizados pela presença de mulheres em novas editorias, que ultrapassaram as barreiras das páginas femininas e se mostraram capazes de escrever, informar e comentar sobre qualquer assunto. Apesar de Coelho (2008) e Stycer (2009) mostrarem sobre a presença delas nas redações de outras editorias, em menor porcentagem, com índices ainda menores nas editorias de esporte.

Bergamo, Lima e Mick (2012, p.6-7) realizaram um estudo, junto com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), e apontaram que o perfil do jornalista brasileiro, entre 25 de setembro e 18 de novembro de 2012, era majoritariamente representado por mulheres, cerca de 64% dos 2.731 jornalistas entrevistados. As características predominantes são: mulheres brancas, solteiras e com idade em até 30 anos. Quanto às condições de trabalho, as mulheres jornalistas mais jovens eram maioria na desigualdade salarial em todas as faixas etárias, ganhando até cinco salários mínimos, e eram minoria quando recebiam mais de cinco salários mínimos (Ibidem, p.26). O que sinaliza a invasão

feminina nas redações nas últimas décadas, porém com diferenças salariais a serem superadas no futuro.

Ramos (apud RODRIGUES, 2014, p.22) diz que a mulher presente na mídia como entendedora de esportes reflete a necessidade de consumo da população. E o aumento gradual da participação feminina na mídia se deve à popularização do futebol na televisão. Apesar de Bourdieu (2005, p.7-8) apontar que as mulheres se submetem no seu dia a dia o fato de que, nas relações de poder, elas aceitem a dominação masculina como algo natural. Também analisa as dificuldades delas no mercado de trabalho, contribuindo para reforçar a dicotomia sexual, tanto nas escolhas das profissões quanto aos cargos e funções exercidas. A partir de então é explicado o motivo de terem ainda muito mais homens do que mulheres no jornalismo esportivo.

Como o público feminino tem se interessado cada vez mais pelos esportes, principalmente futebol, Ribeiro (2004, p.7) explica que para se adaptar às características do novo mercado, a mídia organiza os temas, problemas e conflitos relacionados ao novo perfil feminino. Mattelart (apud Ibidem, 2004, p.7) diz que a evolução da imagem da mulher se concretiza e é favorecida pelo sistema econômico, que durante seus períodos de expansão viu nas mulheres um novo e potencial mercado consumidor.

De acordo com Rocha (2004, p.22), o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e a FENAJ realizaram uma pesquisa em 2000, junto ao Ministério do Trabalho, e constataram que em relação ao gênero o contingente de mulheres assumindo a função de Secretário de Redação era maior: 149 contra 123 homens. Porém nas funções de locutor e locutor esportivo o índice de homens assumindo essa função é seis vezes maior que o das mulheres.

Sato (2001 apud Ibidem, 2004, p.23) mostra que a mídia impressa, como as revistas, e as agências de notícias são os lugares que mais empregam mulheres jornalistas. Já os jornais impressos são mais tradicionais nesse caso. Rocha (2004) destaca também os dados relacionados ao crescimento feminino nas redações da mídia impressa e nas áreas de rádio e televisão, entre os anos de 1986 e 1999.

Comparando 1986 com 1999, o crescimento de empregos formais foi de 139,23%, saltando de 1.593 para 3.811 postos de trabalho. Os homens tiveram uma elevação de 58,24%, de 3.647 em 1986 aumentou para 5.771 em 1999. No mercado de rádio e televisão, o número de mulheres aumentou 97,02%, de 838 em 1986, foi para 1.651 em 1999, sendo o carro chefe as emissoras de televisão. Os jornalistas homens tiveram um aumento de 23,48%, de 1.780 em 1986 para 2.198 em 1999 (ROCHA, 2004, p.23).

Segundo Abreu e Rocha (apud BRAVO, 2009, p.28), atualmente o sexo feminino representa cerca de 40% dos profissionais nos grandes jornais de maior circulação do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Além de ocuparem importantes espaços dentro dos jornais no cargo de colunistas e de direção, especialmente na editoria de esportes.

Sobre a representatividade das mulheres como fontes de notícias, John (2014, p.503) mostra os dados de uma pesquisa feita pelo Monitoramento Global de Mídia, no qual elas são escolhidas em apenas 25% das notícias, geralmente como fontes secundárias, sendo dificilmente eleitas como fontes oficiais ou especialistas. John faz uma comparação entre os dados obtidos em 1995 e em 2009, apontando um avanço da presença de mulheres nas notícias em 24%, contra os 17% da primeira pesquisa. Isso revela que ainda há diferenças quanto ao gênero na hora dos jornalistas procurarem as suas fontes.

O estudo intitulado *International Sports Press Survey*, realizada pela *German Sport University* e pela *Macromedia University of Media and Communication*, constata que:

Ao redor do mundo, o jornalismo esportivo tem o costume de simplesmente ignorar temas como política esportiva, financiamento do esporte, esporte amador e, no caso do Brasil, até os preparativos para os megaeventos que o país vai sediar nos próximos anos. Também não costuma consultar mais de uma fonte para seus artigos e mantém uma hegemonia masculina, tanto nos autores quanto no foco das matérias. (BARROS apud JOHN, p.503)

Isso mostra que os jornalistas não consultavam muitas fontes e as poucas que eles obtiveram eram vindas de atletas homens, o que equivalem a 85% do total. Apenas 11% das matérias analisadas pela pesquisa foram escritas por mulheres.

Baggio (2012, p.18) fala que a participação de mulheres jornalistas nos programas esportivos aproxima as mulheres do esporte. E se as diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas, a presença delas nos programas televisão ajuda na identificação da figura feminina num meio considerado masculino.

De acordo com Barbeiro & Habib (2005, apud MICHEL e SOARES, 2009) as mulheres deixaram de ser pauta e passaram a produzir notícia, com o passar dos anos e diante de todos os pleitos.

As mulheres avançaram em estruturas sociais que eram exclusivamente de homens e passaram a dividir com eles a responsabilidade da construção da sociedade. Deixaram de ser objeto de mídia como diz Baudrillard. (...)Tornaram-se senhoras da história e ocuparam uma das estruturas mais importantes do poder que é a mídia. Não mais apenas como personagens das reportagens, mas como

realizadoras do jornalismo. (BARBEIRO & HABIB apud MICHEL E SOARES, p. 9).

Santos (2011, p.3) fala da representação das mulheres no jornalismo esportivo em relação ao aparecimento de apresentadoras e comentaristas consideradas “bonitas” para a televisão. Questiona se a preferência por mulheres belas seria uma estratégia das emissoras para alavancar a audiência e se o conteúdo que elas falam ajuda os homens a prestarem atenção aos comentários delas nos programas esportivos, ao invés da aparência física, tão observada pelo público de televisão.

Um dos casos citados é o da apresentadora Renata Fan, ex-Miss Brasil que conquistou o público ao comandar um programa esportivo nos moldes de “mesa redonda” na *Rede Bandeirantes*, de acordo com o item 3.2. Não só Renata Fan conseguiu bastante audiência com o *Jogo Aberto* como também recebeu elogios de críticos esportivos, mostrando que uma mulher dita “bonita” pode ter muito conhecimento sobre esportes, inclusive futebol, desconstruindo teorias machistas de que a beleza é apenas um acessório para apresentar inserções de *merchadising* e leitura de *scripts*, além de recados dos telespectadores.

Segundo Oselame (2010), a presença feminina possibilita uma imagem renovada aos programas esportivos, conferindo desenvoltura e mais emoção.

Fellipo (2014) considera que não existe jornalismo esportivo feminino e sim jornalismo esportivo, pois é praticado tanto por homens quanto por mulheres mesmo que haja um número menor delas se comparado ao deles. Para Fellipo, por mais que tenham programas e quadros esportivos formados apenas por mulheres comentando sobre futebol e outros esportes, o jornalismo esportivo é dominado nas formas de falar por valores machistas. A mesa-redonda feminina é sempre louvada como um espaço em que há a “visão feminina” do esporte. E não tem como perceber a diferença entre o conteúdo dito pelas mulheres comentaristas em relação à opinião dos comentaristas homens, tornando os programas mais leves, descontraídos e criativos.

É meio óbvio, mas é preciso dizer: homens e mulheres podem ter a mesma visão sobre tática, jogadas, se foi pênalti, se o técnico escalou o jogador correto etc; não é o fato de ser homem ou mulher que vai fazer de alguém bom ou mau comentarista, e sim o seu nível de entendimento sobre o esporte (FELIPPO, 2014)¹⁹

¹⁹ Disponível em: <http://www.radioemrevista.com/existe-jornalismo-esportivo-feminino/>. Acesso em 15 out. 2015.

Agora as mulheres estão invadindo as redações e programas esportivos, assim como são vistas com menos preconceito quando estão cobrindo jogos de futebol nos estádios e outros eventos esportivos. Sobre o trabalho de mulheres que já foram atletas e passaram para o lado dos comentários e das apresentações dos programas esportivos, Michel e Soares (2009) afirmam que:

Diante dessa perspectiva, muitas delas trocaram a bola ou o aparelho da modalidade esportiva pelo microfone e passaram a relatar, transmitir, apresentar o desempenho dos homens em determinados esportes e, evidentemente de outras mulheres (MICHEL e SOARES, 2009, p.11).

Stycer (2009, p.265) relata o processo de seleção para trabalhar no jornal *Lance!* em 1997, onde havia uma série de avaliações para testar o conhecimento dos candidatos sobre esportes, principalmente futebol. Um dos exemplos citados é uma questão sobre a Copa do Mundo na Itália, em 1982, que na visão de Stycer poderia confundir mais uma menina nascida na década de 70 do que um menino da mesma idade que ela. Isso retoma ao discurso de Bourdieu sobre dominação masculina, já que a questão exigia das mulheres um conjunto de atributos que normalmente os homens usam cotidianamente.

No final da série de testes, cerca de 40 jovens foram aprovados, e com apenas quatro mulheres na lista, sendo três delas no Rio de Janeiro e uma em São Paulo. E dos jornalistas mais experientes contratados para a publicação, apenas uma mulher foi chamada: Gisela Pereira, uma repórter com experiência nas editorias de cidades e cultura do *Jornal do Brasil* (Ibidem, p.267).

Assim, essas cinco mulheres deram ao *Lance!* uma representação feminina da ordem de 8% do total da redação. Também havia mulheres em outras funções, todas subalternas. Entre os 16 programadores e infografistas, constavam duas mulheres na equipe inicial. Entre os nove fotógrafos contratados, nenhuma mulher. No site do jornal da internet, uma mulher, entre cinco homens. Só o setor de pesquisa de imagens, formado inicialmente por duas mulheres, era uma exclusividade feminina (Ibidem, p.268).

Tânia Scaffa e Adura era a única mulher repórter do *Lance!* na sucursal de São Paulo, com apenas 22 anos. Tinha experiência em publicação especializada em esporte ainda na época da faculdade e foi colaboradora do *Jornal dos Sports*, sempre sobre futebol (STYCER, p.270). Sobre a prova de seleção do *Lance!*, Scaffa e Adura (2007 apud Ibidem, p.270) diz que “o que me fez passar foi a experiência. Tenho certeza”. Apesar de ter trabalhado antes na cobertura de futebol e da oportunidade em informar qual área do

esporte pretendia trabalhar, Scaffa e Adura acabou escolhendo a categoria “outros esportes”, mais voltada para os esportes amadores, na qual a maioria das mulheres jornalistas era destinada a cobrir.

Todo mundo da minha faculdade fez o concurso para entrar no *Lance!*. Só homem. E isso foi o mais legal. E eles olhavam para a minha cara: “Imagina, você nunca vai passar”. E eu passei e eles não... Isso foi o mais legal (SCAFFA E ADURA apud STYCER, 2009, p.270).

De todas as áreas ligadas diretamente ao jornalismo no *Lance!*, a quantidade era de dez mulheres entre os 95 profissionais que compuseram a primeira equipe do jornal, o que elevaria a proporção feminina para quase 10, 5% do total (STYCER, p.268).

Manoela Penna fez parte da primeira geração de mulheres jornalistas do *Lance!*, formada em 1997. Entrou na profissão com a finalidade para trabalhar com jornalismo esportivo, pois já acompanhava e praticava esportes, além de começar a escrever sobre o tema no jornal nos tempos de colégio. Antes do jornal *Lance!*, começou a carreira no jornalismo esportivo no extinto *Jornal dos Sports*, em 1996. E cita a escassez de mulheres cobrindo esportes e o constrangimento em entrevistar os atletas no vestiário em dias de partidas de futebol.

Quando eu comecei, não tinha ninguém. Éramos eu, a Claudia Mendes, a Roberta Pinto e Flávia Ribeiro. Nós éramos quatro mulheres e a Andréa Bruxelas, que de vez em quando estava no *SporTV*. Era uma coisa até meio constrangedora, o futebol especificamente era bem masculino, não tinha uma política para atender mulher. Você tinha que entrar no vestiário. Hoje em dia ninguém entra mais no vestiário, mas na nossa época tinha que entrar junto com os homens. Abria a porta do vestiário e todos os repórteres de rádio, todo mundo tinha que ir atrás porque ou a gente pegava a notícia ou ficava sem a notícia. Hoje é muito mais organizado, tem coletiva. Eu acho que acabou dando mais condição às mulheres em fazerem jornalismo esportivo (PENNA, 2015).²⁰

Segundo a sócia-diretora da agência de notícias In Press Media Guide, embora as mulheres fossem maioria nas universidades, poucas iam para a editoria de esportes. Acredita que deveria ter equilíbrio e igualdade entre homens e mulheres na hora de cobrir um esporte, mesmo com visões diferentes sobre o mesmo assunto.

Eu acho que tem que ter equilíbrio. Nas redações é assim, a gente lê as coberturas e vê que determinados tipos de pauta em que a mulher fará melhor do que o homem. Os dois lados têm visões diferentes (PENNA, 2015).²¹

²⁰ Entrevista concedida à autora. 19 out. 2015.

²¹ Ibidem.

Regiani Ritter conta que no começo de sua carreira, há mais de 30 anos, ela se sentia uma extraterrestre por estar invadindo um mundo completamente masculino, o da cobertura esportiva em futebol. E acredita que o aumento das mulheres nas redações esportivas tinha de acontecer, embora o preconceito jamais irá morrer, apesar da diminuição dele.

Naquele tempo eu me sentia um E T, era a Luluzinha invadindo o mundo do Bolinha. Hoje as redações e produções e o vídeo estão povoados de mulheres. Ainda há uma certa visão machista, mas nem se parece com 30 anos atrás. (...) Sou suficientemente crédula para responder que um dia haverá igualdade entre gêneros no jornalismo esportivo sim, embora tenha de admitir que o preconceito nunca irá morrer. Não só com a mulher, mas não somos mais minoria (RITTER, 2015).²²

Ritter, além de ser eleita como melhor jornalista esportiva pelo jornal *Unidade*, em 1991, virou nome de troféu, o *Ford Aceesp Regiani Ritter*, que premia os melhores jornalistas esportivos de São Paulo pela Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP). Ela é considerada uma das referências ligadas ao pioneirismo das mulheres no jornalismo esportivo, tanto no rádio quanto na televisão. E por ter sido comentarista nos programas esportivos na *TV Gazeta*, a jornalista criou um diferencial e abriu caminho para outras profissionais se consolidarem no meio esportivo, desconstruindo a imagem da figura feminina como um mero adereço aos programas televisivos.

Pouquíssimas mulheres realmente podem exercer um cargo de comentarista (para emitir opiniões de verdade, não vomitar um script), principalmente quando têm contato direto com o público. No futebol, então! Nós somos o país do futebol, porém julgamos as mulheres incompetentes no assunto (BESSA apud RIGHI, 2012, p.32).

Michelle Gianella²³, também da *Gazeta Esportiva*, é apresentadora da *Gazeta Esportiva* desde 2000 e do programa *Mesa Redonda*, desde 2003, os programas da *Rede Gazeta* de televisão. Na versão impressa do extinto jornal *Gazeta Esportiva*, foi repórter antes de entrar na editoria de esportes da televisão. Formada pela Faculdade Cásper Líbero, associada à *Gazeta Esportiva*, atualmente assumiu o comando do *Gazeta Esportiva.net*²⁴. A jornalista e apresentadora atuava como blogueira do portal esportivo e passou por outras editorias na emissora paulista antes de se dedicar ao jornalismo esportivo.

²² Entrevista concedida à autora. 08 out. 2015.

²³ Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/blogs/michellegiannella/michelle-giannella/>. Acesso em 24 out. 2015.

²⁴ Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br/jo-com/78549-apresentadora-e-executiva-michelle-giannella-assume-comando-da-gazeta-esportiva-net-info>. Acesso em 24 out. 2015.

Righi (2012) observa que o aumento da presença feminina no jornalismo esportivo nas últimas décadas não significou grandes mudanças na rotina das redações, pois o papel das mulheres ainda está restrito nos programas esportivos de domínio masculino. E faz uma crítica à escassez de comentaristas, formadoras de opinião sobre esportes e de locutoras esportivas.

Elas podem apresentar programas, fazer algumas matérias sobre determinados esportes, mas dificilmente encontram espaços para comentar, opinar e falar o que acham certo no esporte brasileiro ou narrar eventos esportivos (RIGHI, 2012, p.32).

Outra pioneira, Isabela Scalabrini entrou em 1980 na *Rede Globo* e em 1983 passou a cobrir matérias relevantes ligadas aos esportes. Foi nos Jogos Pan-Americanos na Venezuela que Scalabrini teve oportunidade de realizar o seu primeiro grande trabalho (BRAVO, 2009).

Depois do destaque na Venezuela, o trabalho dela começou a ser reconhecido e a mesma iniciou importantes coberturas como eventos da seleção, Jogos Olímpicos de 84, em Los Angeles e Copa do Mundo de 86, no México. Scalabrini teve uma importante atuação no telejornalismo esportivo sendo a primeira mulher a apresentar um programa esportivo na TV Globo (BRAVO, 2009. p.28).

Atual apresentadora do *Esporte Espetacular*, Glenda Kozlowski relata que na época de sua chegada na *Rede Globo*, em 1996, havia apenas quatro mulheres na redação de esportes. Entretanto, nos dias atuais isso já mudou bastante e não dá para mensurar quantas mulheres ao todo estão no jornalismo esportivo. Segundo ela, a jornalista tem a liberdade de escolher o esporte que deseja cobrir.

Existem mais homens cobrindo futebol do que mulheres, mas esse número mudou bastante. Tem muita jornalista cobrindo futebol, trabalhando na produção, na edição de imagens. Se uma menina quiser cobrir qualquer esporte, ela pode e tem a opção de escolher, não o mercado (KOZLOVSKI, 2015).²⁵

Soninha Francine afirma que a participação das mulheres está cada vez maior e tinha certeza que isso iria acontecer. Para Francine, embora haja ambientes em que as mulheres são taxadas de “café com leite” ou “protegida” de alguém, as jornalistas estão sendo cada vez mais vistas em sua individualidade, com qualidades e defeitos como qualquer outra profissional. E acredita que “o certo é o gênero não fazer diferença na hora

²⁵ Entrevista concedida à autora. 13 out. 2015.

de designar alguém para uma determinada pauta e as jornalistas estão caminhando para isso”. Na sua visão, o maior desafio de uma jornalista é “se manter atualizada, obter informações em primeira mão e equilibrar sua própria paixão com a racionalidade”.

Para Soares e Michel (apud BAGGIO, 2012, p.29), a chegada da mulher na comunicação dependeu de uma questão de tempo: primeiro, para os microfones do rádio e, com a chegada da televisão, elas invadiram o veículo da imagem. A visibilidade que a televisão proporciona acarreta em um reflexo para a sociedade. Os autores acreditam que as mulheres jornalistas fazem sucesso porque encantam e encantam porque possuem talento. E assim elas estão quebrando o preconceito da grande massa masculina de que futebol é coisa de homem.

Baggio (2012, p.29) destaca que “as mulheres estão conseguindo conquistar o seu espaço e com o passar dos anos o número de jornalistas do gênero feminino ganha destaque. Elas se encontram cada vez mais capacitadas para realizar um bom jornalismo esportivo”. Em 2012, o telejornal diário *Bom Dia Rio*, da *Rede Globo*, apresentou uma série de reportagens sobre o Dia Internacional da Mulher e as jornalistas que cobrem futebol foram assunto da matéria feita por Andrei Kampff. Segundo a reportagem, o número de jornalistas credenciadas hoje, comparado aos anos 1980, é 12 vezes maior: houve um aumento de oito para 90 jornalistas que cobrem futebol.

A jornalista Alaíde Pires afirma que atualmente “as mulheres são maioria absoluta e o jornalismo virou uma profissão feminina”. Na opinião da repórter, o esporte é algo muito masculino e a presença das mulheres na editoria de esportes ainda é pouco se comparada a dos homens, pois é um nicho formado predominantemente por eles²⁶.

Segundo a Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (ACERJ)²⁷, até janeiro de 2015 a entidade contava com 1.045 sócios, sendo óbvia a maioria composta por 933 homens e apenas 112 mulheres. Dentro desse número ligado às mulheres sócias da ACERJ, 16 do sexo feminino são aspirantes a jornalistas esportivos. Duas associadas da entidade fazem parte da diretoria: Cristina Dissat, diretora de Comunicação e Marketing, e Tatiana Furtado, diretora secretária. Para a ACEESP²⁸, o número de mulheres jornalistas na associação é de 300, o que equivale a somente 10% do total de homens, que é de 3000 associados. Os dados revelam que, apesar do crescimento das mulheres no jornalismo

²⁶ Entrevista concedida à autora. 03 dez. 2015.

²⁷ Disponível em: <http://www.acerj.com.br/as-mulheres-do-jornalismo-esportivo-na-acerj/>. Acesso em 24 out. 2015.

²⁸ Disponível em: <http://www.aceesp.org.br/site/>. Acesso em 24 out. 2015.

esportivo, a representatividade feminina no mundo dos esportes ainda é pequena, embora a presença delas neste segmento do jornalismo aumente gradualmente no futuro.

De acordo com a matéria de Guilherme Rodrigues para o jornal *O Tempo*²⁹, de Minas Gerais, em 2013, a presença da mulher do quadro da Associação Mineira de Cronistas Esportivos (AMCE) tem aumentado nos últimos anos, com aproximadamente 101 profissionais do sexo feminino do total de 1540 jornalistas inscritos. As jornalistas militam na instituição e estão credenciadas para trabalharem em jogos oficiais no estado de Minas Gerais. Os dados apresentados pelas entidades ligadas aos jornalistas esportivos ratificam a porcentagem de mulheres jornalistas em 10%, conforme apresentado por Coelho (2003) e Stycer (2009) no começo do tópico.

4.2 O MACHISMO ENFRENTADO POR MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

Sobre o machismo enfrentado pelas mulheres no jornalismo, Ramos (2010, p.25) relembra a sua trajetória profissional assim que se formou na Faculdade Cásper Líbero, na década de 1950. Quando era entrevistada sobre feminismo e dificuldades na profissão, Ramos respondia prontamente que não, pois não sentia preconceito. Mas com o passar dos anos percebeu que era discriminada sim, mas por querer ser jornalista. Segundo ela, a discriminação era de forma simpática, protecionista. Quando em 1954 foi convidada para trabalhar na *Gazeta*, para dirigir a *Página Feminina*, sua mãe disse que ela faria coisa apropriada para mulheres. Antes, ouvia de parentes e amigos que ser jornalista não era “profissão para mocinha”.

A coisa começava em casa, com minha mãe dizendo às amigas e parentes que aquilo que sua filha fazia não era “profissão para uma mocinha”. (Eu tinha vinte anos) Fazia-me rir, mas a conversa a meu respeito era só: “Coitadinha, trabalha muito, vai a lugares esquisitos, não tem hora para chegar em casa, o jornal é lá no fim do mundo, numa rua escura. Um buraco! Tem vezes que mandam ela fazer a reportagem no meio dos grevistas, com bombas de gás e tudo. Isso é lá profissão para uma moça?” (RAMOS, 2010, p.25-26).

A discriminação, segundo Ramos, estendia-se para o ambiente de trabalho. Quando a jornalista tomava cerveja no final da tarde com um colega de trabalho, ouviu que

²⁹ Disponível em: <http://www.otempo.com.br/superfc/cruzeiro/mulheres-ganham-espa%C3%A7o-no-jornalismo-esportivo-e-usam-redes-sociais-para-falar-de-futebol-1.141206>. Acesso em 26 nov. 2015.

se ela fosse irmã dele, ele a tiraria do balcão no tapa. E a reação da repórter foi apenas rir da frase dita pelo colega de profissão.

Certa vez tomava cerveja no final da tarde com um colega de trabalho e o debilóide saiu-se com esta: “Acho a coisa mais normal do mundo você estar tomando esta cerveja comigo aqui no balcão. Agora te digo uma coisa, se fosse minha irmã eu tirava ela daqui no tapa”. O que eu respondi? Nada, eu ri. Achei normal. Mas isso deve ter me marcado fortemente, já que nunca mais esqueci o episódio. E a tal perspectiva me fez sentir uma raiva danada de ter ouvido, calada, tamanha asneira (RAMOS, 2010, p.26).

O machismo enfrentado pelas mulheres no jornalismo não seria diferente na área esportiva, que até décadas passadas era um ambiente totalmente masculino. Conforme citado no item 3.2, a fotógrafa Mary Sereno flagrou uma cena no Rio de Janeiro, onde uma freira italiana comemorava o título da seleção italiana na Copa do Mundo de 1934, na Itália. O jornal *O Globo* publicou a foto, mas não a contratou pelo simples fato de ser mulher. Mesmo assim ela não desistiu da profissão e trabalhou em outros veículos de comunicação impressos. Mary Sereno gostava de cobrir futebol e quando entrava nos vestiários do Pacaembu, os jogadores corriam para trocarem de roupa.

O repórter veterano Oldemário Touguinhó se recusava a dar o material para uma mulher, quando esta estava incumbida da apuração por ordem do editor do *Jornal do Brasil*. De vez em quando o material da reportagem era passado por telefone e Oldemário simplesmente não entregava para alguém que não fosse um homem (COELHO, 2003, p.35).

Germana Garili, uma das pioneiras do jornalismo esportivo, conta que em sua trajetória como repórter de campo, cobrindo futebol, sempre foi tratada com extremo respeito pelos colegas de trabalho, dirigentes de clubes e jogadores. Entretanto, há uma exceção que pode ser considerada um exemplo de machismo: um episódio de desrespeito vindo do ex-goleiro e técnico Emerson Leão. Garili ficou encarregada de entrevistar Leão e quando se aproximou dele para perguntar se poderia falar com ele, recebeu a seguinte declaração: “Lugar de mulher não é no campo!”.

A repórter tinha entrado no ar pela Rádio Mulher e pediu desculpas aos ouvintes, justificando que Leão não quis conceder entrevista para a rádio. Fato que a fez jurar nunca mais entrevistá-lo, promessa que ela cumpriu em sua carreira como repórter esportiva. Depois desse incidente, Germana Garili fez amizade com vários jogadores de futebol consagrados, como os tricampeões mundiais pela Seleção Brasileira Jairzinho e Rivelino.

Outra jornalista que também enfrentou problemas com o técnico Leão na cobertura de futebol foi a subeditora de esportes do jornal *O Dia* Martha Esteves. Na década de 1980, quando cobriu a partida entre Vasco e Palmeiras pelo Campeonato Brasileiro, Esteves foi impedida pelo então técnico do Palmeiras a entrar no vestiário do time visitante no Maracanã, o que provocou uma grande discussão entre eles. Segundo Martha, o fato ocorreu numa época em que não havia salas destinadas à coletivas de imprensa pós-jogo.

Ele (o técnico Emerson Leão) disse que eu não ia entrar e respondi que precisava entrar, já entrevistei o time do Vasco e ia entrevistar o time do Palmeiras, a revista está aberta esperando isso. Leão disse: “Você quer fazer o quê aqui?”. Eu respondi: “trabalhar, a mesma coisa que você fez”. Ele justificou que só tinha homem pelado e eu não estava preocupada com isso. Falou que eu não ia entrar e eu disse “Vou entrar, quero ver quem vai me impedir”. Aí ficou um bate-boca danado e comecei a fazer escândalo. Logo os meninos compraram o meu barulho e quando a porrada estava estancando, entrei. E mal teve tempo de me ver e eu já estava lá dentro (ESTEVES, 2015).³⁰

As poucas mulheres jornalistas que cobriam futebol, entre as décadas de 1980 e 1990, enfrentavam resistências dos jogadores e dirigentes para entrarem nos vestiários. Esteves não se intimidava em entrar nesses locais e se deparar com atletas nus na hora da entrevista com eles. Nem com as cantadas que recebia no Maracanã durante as partidas de futebol.

Às vezes tinha que assistir no gramado e não tinha lugar para a imprensa. É claro que tinha que ouvir todo tipo de impropério e a torcida chamava de gostosa, tacava laranja, era complicado. Mas eu fazia a cega e surda e deixava passar. Dentro de vestiário no começo foi ok, era uma época muito boa em que as pessoas tinham muito respeito, então peguei uma fase boa. Eu tinha que entrar no vestiário para fazer matéria, mas eles esperavam para colocar um short, uma toalha. Depois não, veio uma época ruim, anos 90, estou falando de Edmundo e Romário, que se expuseram de maneira bem constrangedora. Constrangedora para eles, pois pra mim não era. Eles ficavam lá nus e eu continuava a entrevista no mesmo jeito (ESTEVES, 2015).³¹

Regiani Ritter, jornalista e radialista da *Rádio Gazeta AM*, começou a trabalhar como repórter na *Rádio Mulher* e depois foi para a *TV Gazeta*, exercendo a função de comentarista do programa *Mesa Redonda*. Ritter relembra um episódio em que sofreu ataques por ser mulher no jornalismo esportivo, como por exemplo, o caso em que foi expulsa do vestiário do time do São Paulo por um conselheiro do clube.

³⁰ Entrevista concedida à autora. 03 nov. 2015.

³¹ *Ibidem*.

Sofri alguns ataques gratuitos, como um conselheiro do SPFC me pedir pra deixar os vestiários, alegando serem proibidos para a mulher, quando eu já entrevistava há mais de um ano (RITTER, 2015).³²

Em entrevista para o *UOL Esporte*³³ em 2013, Ritter contou que deixou o vestiário do São Paulo enfurecida, pois nunca havia sido expulsa e aquilo a tirou do sério depois de tantos anos cobrindo o time. O problema chegou aos ouvidos do então presidente do clube, Carlos Miguel Aidar, que falava e gesticulava com o conselheiro, fazendo-o sair do vestiário. A jornalista voltou a trabalhar chamando o câmara e foi entrevistar os jogadores, quando o conselheiro que a destratou veio com uma caixa de vinhos na mão. A resposta dela para o pedido de desculpas foi: “Esse deve ser o preço das mulheres da sua família, as mulheres da minha família não tem preço”, finalizou.

Outro caso foi um jornalista colega da mesma empresa, fazer ironia com o prêmio de melhor jornalista esportiva de 1991, pelo jornal *Unidade*, do sindicato dos jornalistas, alegando que eu ganhara na categoria feminina, e só tinha eu. Não existia a categoria feminina (RITTER, 2015).³⁴

Manoela Penna, jornalista e sócia-diretora da *In Press Media Guide*, função que exerce desde a fundação da agência de notícias em 2002, revela que já discutiu com um jogador do Vasco porque ele não gostou da matéria feita por ela e por Flávia Ribeiro, que mostrava o balanço final de Flamengo e Vasco em época de fim de ano. Penna fazia a cobertura do Flamengo e Flávia Ribeiro, a do Vasco. Duas mulheres assinando uma reportagem sobre os perfis dos jogadores de times rivais. Manoela confessa ter sentido preconceito na cobertura de dois dos maiores times de futebol brasileiros.

Imagine a Raça Fla e a Força Jovem do Vasco lendo a matéria de fim de ano, de final de campeonato assinada por Manoela Penna e Flávia Ribeiro?, pensava. Duas mulheres assinando a cobertura. E aí nessas séries que tinham Flamengo e Vasco o tempo inteiro, a gente fazia assim: pegava os jogadores da mesma posição dos dois clubes e fazia um perfil. Então pegava os laterais-direitos, os zagueiros e íamos fazendo os perfis. Levava os jogadores juntos, os boleiros para fazer os perfis deles. Uma vez tava falando com um jogador e ele disse “O que você sabe de futebol? Você já jogou futebol uma vez na vida?”. Eu disse que não joguei, mas que acompanho há muito tempo e eu fechei a cara. (PENNA, 2015).³⁵

³² Entrevista concedida à autora. 08 out. 2015.

³³ Disponível em: <http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/07/pioneira-no-esporte-jornalista-lembra-preconceito-e-briga-com-milton-neves/>. Acesso em 28 out. 2015.

³⁴ Entrevista concedida à autora. 08 out. 2015.

³⁵ Entrevista concedida à autora. 19 out. 2015.

Penna conta mais dois casos de preconceito vindos de um jogador do Fluminense e do então técnico da Seleção Brasileira de Futebol em 1999, Vanderlei Luxemburgo. A jornalista, atualmente com 20 anos de experiência, que teve passagens em veículos de comunicação impressos voltados para os esportes, como os jornais *Lance!*, *Jornal dos Sports* e revista *Placar*, denunciou a diferença de tratamento do técnico Vanderlei Luxemburgo durante um treino do Fluminense, no bairro da Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro. Na época o time tricolor carioca jogava pela terceira divisão do futebol brasileiro, comandada por Carlos Alberto Parreira, e Luxemburgo foi observar os possíveis jogadores a serem convocados para a Seleção Brasileira, como o atacante Roni. Vanderlei foi todo cordial para o repórter da *Rede Globo* Tino Marcos e agressivo com ela.

Também teve uma vez no Fluminense. E aí tem aquelas notinhas que você dá e são uma dor de cabeça né? Eu tô dando notas pelo trabalho dos outros. E aquelas notas eu acho meio que uma covardia, pois você não tem muitos critérios para fazer aquelas notas. Nem fui eu que deu aquela nota, mas teve um jogador, um dos craques do time do Fluminense nos anos 90, que foi mal avaliado. E ele foi tomar satisfação, perguntou como eu tenho condição de avaliar o que ele fazia, sendo mulher se eu tinha condição de fazer isso. Eu não sei se fosse homem esse jogador teria coragem de colocar o dedo na cara. Teve uma também com o Vanderlei Luxemburgo. Não sei se era por eu ser mulher, acho que era por eu ser mulher sim. O Vanderlei tava indo observar o treinamento do time para convocar os jogadores para a Seleção. E aí eu cheguei lá na rodinha e perguntei sobre o fato de não ser comum convocar jogadores de um time da terceira divisão. Perguntei o que ele estava fazendo lá e o que ele queria. Ele disse: “Eu vou responder porque qualquer pergunta merece uma resposta”. E começou a me desancar, sendo meio agressivo (PENNA, 2015).³⁶

Soninha Francine sofreu duplo preconceito por parte dos colegas de profissão assim que entrou na *ESPN Brasil* em 1999, tanto por ser mulher quanto por ter vindo do canal de variedades *MTV*, onde ela foi assistente de produção, repórter, coordenadora, editora e apresentadora. Ela era *VJ* da emissora e não tinha uma carreira na mídia esportiva. Na *ESPN* enfrentou a desconfiança dos homens e de parte do público. Além da desconfiança e do preconceito, Francine declara que se ela dizia algo diferente dos outros comentaristas, eles ditavam frases do tipo “Tá vendo, não entende nada de futebol, ela achou o contrário de todo mundo!”. Caso contrário, ela ouvia que só repetia o que os outros falavam. Segundo Francine, era mais comum a mulher participar de um programa como um chamariz para o público do que ser uma debatedora em pé de igualdade com jornalistas homens.

³⁶ Entrevista concedida à autora. 19 out. 2015.

Os mais antigos já não davam muito valor à MTV. E na ESPN, diferentemente do que aconteceu já entrei como comentarista e na hora do almoço, que é um horário nobre no esporte. Então houve uma desconfiança natural por parte de alguns colegas - "quem é essa, de onde veio, quem ela pensa que é pra chegar aqui comentando futebol?" - e de uma parte do público (FRANCINE, 2015).³⁷

Glenda Kozlowski está na *Rede Globo* desde 1996 e tem mais de 20 anos de profissão como jornalista. Quanto ao preconceito de gênero no jornalismo esportivo, a apresentadora do programa *Esporte Espetacular* conta que na época em que entrou na emissora carioca era a única mulher cobrindo esporte no Maracanã. E raras vezes que encontrava uma ou outra jornalista no estádio. O início da carreira foi difícil, mas não exatamente por causa do preconceito.

Pelo contrário, existe até um cavalheirismo maior. É engraçado, divertido. Eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito, graças a Deus. Nunca tive dificuldade por ser mulher nesse mundo esportivo, predominantemente masculino. Eu não tenho nenhuma história para contar sobre isso (KOZLOVSKI, 2015).³⁸

Quanto à exigência da combinação beleza e conhecimento para uma jornalista de esportes, Kozlowski não acredita que isso seja muito necessário. Mas acha que em qualquer profissão a mulher bonita pode abrir mais facilmente os seus caminhos, até porque elas trabalham com vídeo e talvez haja essa exigência da beleza. Entretanto, para a jornalista a boa aparência não é definitiva para uma profissional continuar na carreira e ser bem sucedida.

Scott (apud JOHN, 2014, p.500) afirma que os meios de comunicação constituem uma das mais importantes instituições socializadoras porque difundem discursos e representações.

Quando falo de gênero, quero referir-me ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, "o gênero é a organização social da diferença sexual". (SCOTT apud JOHN, 2014, p.500).

John (2014, p.500) declara que na categorização binária são atribuídos papéis exclusivos ao homem e a mulher, bem como valores e os anti-valores de cada um: "a criatividade, a atividade e a violência tributados ao masculino; e a passividade, a

³⁷ Entrevista concedida à autora. 04 nov. 2015.

³⁸ Entrevista concedida à autora. 13 out. 2015.

receptividade e a não-violência ao feminino”. E os valores de dominação são perpetuados e reforçam os estereótipos em torno do homem e da mulher.

O jornal *Lance!* tem como fontes predominantes pessoas do sexo masculino, segundo a pesquisa de John que analisou, entre 12/07 a 27/08/2012, cerca de 232 notícias da publicação esportiva. Das 345 fontes encontradas nas matérias do diário, 74% são do sexo masculino e 26% do feminino (JOHN, 2014, p.505). A pesquisa leva em conta as matérias relacionadas à cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, no qual as atletas mulheres são consideradas fontes secundárias na consulta dos jornalistas para as reportagens esportivas.

Tânia Scaffa e Adura resolveu seguir na cobertura de “outros esportes” por causa do comentário de um outro jornalista, na fase de treinamento do *Lance!*, quando ela foi contratada. Ele teria dito para Marcelo Laguna, então responsável pelos esportes amadores, e falou: “E aí, Laguna? Quem vai fazer esporte amador? A Tânia e quem mais?”. Para Scaffa e Adura, essa frase a fez sentir que estaria destinada a fazer outros esportes, reforçando o preconceito de que mulher pode cobrir melhor vôlei do que futebol (STYCER, 2009, p.271).

Outra jornalista que também era destinada para cobrir esporte amador por causa do machismo dos colegas de profissão foi Renata Mendonça, fundadora do *site ~dibradoras*, de São Paulo. Ela acredita que, na visão do editor da *ESPN Brasil*, a mulher não tem conhecimentos específicos sobre esportes, pois o homem está inserido nas atividades esportivas desde criança e a mulher não, o que a faz se interessar por isso mais tarde. Dos 20 profissionais presentes na *ESPN Brasil*, emissora onde Renata trabalhou, havia apenas duas mulheres: ela e uma estagiária de vídeo.

Eu ouvi de um editor meu que "ele não me mandava para cobrir os clubes porque não tinha a certeza de que eu teria conhecimento suficiente sobre jogadores e contexto daquele clube". Isso deixa claro como o ambiente das redações esportivas ainda é machista. Muitas vezes, o machismo é velado, outras vezes é explícito em comentários que são considerados "brincadeiras" ou "piadas", mas ele ainda é muito presente (MENDONÇA, 2015).³⁹

Scaffa e Adura (apud STYCER, 2009) diz que na época dela muita mulher que fazia futebol não era muito séria, que não ia apenas para entrevistar jogadores. Isso foi quando ela trabalhava no jornalzinho de futebol *Esporte Especial*. E completa que se a menina é séria, leva cantada e quando não aceita, complica mais a situação. Esse episódio

³⁹ Entrevista concedida à autora. 30 nov. 2015.

de destinar a repórter para outros esportes e o fato de cobrir futebol ser um campo totalmente masculino a reprimiu um pouco na escolha de suas matérias. Stycer (2009) revela que Tânia Scaffa e Adura afirma ter conhecimento de casos de jornalistas que se envolvem com atletas em troca de informações exclusivas.

Como outras mulheres que mantêm relacionamentos amorosos com jogadores de futebol supostamente por interesse de obter vantagens, essas jornalistas são conhecidas no meio, depreciativamente, como “Maria Chuteira” (STYCER, 2009, p.272).

Sobre o envolvimento das jornalistas com atletas, principalmente jogadores de futebol, Ritter enfatiza que há certo deslumbramento de algumas profissionais por jogadores famosos e um eventual relacionamento seria letal. Para a radialista, alcançar o equilíbrio de uma certa cumplicidade profissional era difícil, mas também possível. Para se consolidar no jornalismo esportivo, superando as dificuldades em ser mulher no cobertura de futebol, ela diz que era preciso ter talento para estar lá, que foi escolha trabalhar com futebol.

Eu vivia andando no fio da navalha: era mulher sem ser, era meio homem sem ser. Tinha de provar todos os dias que tinha talento para estar ali, e tinha de escapar de alguns mais afoitos, sem criar inimigos. As pautas giravam todas em torno do futebol. Foi uma escolha. Eu tomava sol, chuva forte, passava frio, levava pedrada (uma vez só) e tinha um ótimo preparo físico, fiquei 90 e mais minutos tomando choque do microfone numa tempestade no então Palestra Italia, que o jogo era decisivo...mas cheguei onde pretendia: trabalhei ao mesmo tempo em rádio, *Tv Gazeta* e jornal *Diário Popular*, cobrindo esporte, especializada em futebol (RITTER, 2015).⁴⁰

Para Alaíde Pires, a profissional que trabalha no jornalismo esportivo deve ter postura, um comportamento para se impor no trabalho, a fim de mostrar que a voz da mulher jornalista tenha peso nas decisões sobre as matérias na editoria. A colunista de esportes acredita que os repórteres têm que ser respeitados por aquilo que falam, mesmo numa editoria esportiva. E completa que o envolvimento com atletas compromete a credibilidade de uma jornalista no mundo esportivo, pois os colegas de trabalho irão olhá-la de forma mais desconfiada.

De forma geral, nunca enfrentei um tipo de *bullying*, porque eu acho muito importante, sempre tive na minha cabeça que nunca podia namorar um jogador, namorar um técnico, namorar um dirigente. Se eu fizesse isso, nunca ninguém ia acreditar em mim. Eu ia dar um furo porque eu namorava um técnico

⁴⁰ Entrevista concedida à autora. 08 out. 2015.

e ele me contou. Então eu sempre tentei me manter assim, nunca gostei de ter amizade com jogador (PIRES, 2015).⁴¹

As diferenças de tratamento dos dirigentes e atletas com as mulheres jornalistas e a destinação de pautas sobre esportes amadores para elas trabalharem reforça a visão de Bourdieu (2005) sobre a divisão no mercado de trabalho, fortemente sexuada, mostrando a dominação masculina inscrita nas coisas e nos corpos femininos.

O jornal *Lance!* contratou em 2000 a jornalista Fernanda Factori, criadora da personagem Mari Futy, levando para suas páginas a questão do envolvimento de jogadores de futebol com jornalistas (STYCER, 2009, p.273). Segundo a jornalista, Mari Futy era uma Maria Chuteira descolada que colabora para a coluna, que durou dois anos na revista *Lance! A+*, uma publicação semanal do jornal.

A coluna ocupava quatro páginas da revista e mostrava tanto a foto de Fernanda quanto a ilustração de Mari Futy em poses sensuais. Escrevia sobre as supostas intimidades dos jogadores, descrevendo um mundo onde eles são tratados como celebridades e vivem cercados por mulheres bonitas, além da exaltação desse ambiente de glamour que atrai mulheres aproveitadoras e de má fama (Ibidem, p.274).

O que temia Tânia Scaffa e Adura sobre o estereótipo negativo das mulheres que cobriam futebol, aconteceu com a jornalista nos esportes amadores por causa de insinuações de outros colegas de trabalho, a respeito das entrevistas concedidas pelo nadador Fernando Scherer à repórter. Muitas pessoas do meio esportivo achavam que a repórter do *Lance!* e o nadador tinham um envolvimento, pois alguns atletas não aceitavam ser entrevistados por mulheres (Ibidem, p.275).

Na redação do jornal havia dois banheiros e como Scaffa e Adura era a única mulher na equipe, os colegas escreviam “meninos” na porta de um e “Tânia” na porta do outro. Na tentativa de ser aceita como igual a eles, a jornalista passou a falar mais palavrões que o habitual, o que a fez receber muitas cantadas, todas recusadas por ela. Com isso, Scaffa passou a ser tratada como irmã e ganhou o apelido de “Lourão”, que faz referência à cor do seu cabelo, porém marcado pela sensualidade ou feminilidade.

Em entrevista a Baggio (2012, p.65), Renata Fan confessa que no início de carreira como apresentadora de programa esportivo as pessoas desconfiavam um pouco dela, por ser a primeira âncora de esportes na TV. Tudo por causa da sua aparência de ex-

⁴¹ Entrevista concedida à autora. 03 dez. 2015.

Miss Brasil: mulher alta, loira e de olhos azuis. Mas, segundo ela, as pessoas reconhecem a jornalista que ela é depois de tempo e muita dedicação.

O preconceito das pessoas, majoritariamente homens, vem do histórico da carreira da Renata Fan, por ter começado na televisão como assistente de palco do apresentador Milton Neves na *Rede Record*. Alguns programas esportivos utilizam moças bonitas para atuarem com a função de ler comentários dos telespectadores sobre os principais acontecimentos do esporte.

Baggio (2012) pergunta à apresentadora do programa *Jogo Aberto*, da *Band*, se os títulos de beleza a ajudaram ou atrapalharam na entrada no programa esportivo e se a atuação dela à frente da atração ajuda no aumento da participação feminina no mundo esportivo e televisivo.

Meu sucesso foi conquistado com muito trabalho. Acho que a beleza, num primeiro momento, pode ajudar um pouco, mas não é isso que faz alguém perdurar tanto tempo na profissão. (...) Ter sido a primeira mulher à frente de um programa de esportes e comandar uma atração diária sobre o tema solidifica o papel da mulher na TV ainda mais (FAN apud BAGGIO, 2012, p.66).

A jornalista Dulcília Buitoni acredita que a mulher jornalista que está na TV deve ter, além da boa aparência física, destaque pela beleza e simpatia. E muitas jornalistas que não tenham um certo padrão de beleza não conseguem espaço na área televisiva (REZAGHI, 2012).

Um exemplo recente de jornalista que comanda um programa esportivo e chama a atenção dos telespectadores pela beleza é a nova apresentadora do programa *Terceiro Tempo*, da *Band*, Larissa Erthal⁴². Ela divide a atração com Milton Neves desde 2014 e revela que é bastante ríspida na hora de responder às cantadas que recebe fora das telas, sendo algumas grosseiras. Em agosto de 2015, Larissa posou nua para a revista masculina *Status*.

Segundo Erthal, as pessoas gostam dela porque não se intimida com o machismo presente no meio esportivo, e relata a convivência com o apresentador da emissora paulista, que nunca lhe faltou com respeito, e o considera uma pessoa generosa nos bastidores. Ainda em 2014, Larissa Erthal apresentou a nova versão do *Jogo Aberto Rio*

⁴² Disponível em: <http://cenapop.virgula.uol.com.br/2015/08/12/91235-larissa-erthal-a-musa-do-terceiro-tempo-tira-a-roupa-para-revista-e-conta-que-pega-pesado-quando-recebe-cantadas/?cmpid=fb-uol>. Acesso em 25 out. 2015.

que foi extinto em abril de 2015, além de estar na equipe fixa do programa *Band Esporte Clube*.

Righi (2006, p.34) destaca que, com base na suposição que as paixões masculinas sejam a mulher e o futebol, colocar o sexo feminino neste cenário seria uma forma de alcançar níveis mais altos de audiência. Entretanto, a presença das mulheres foi imposta visando o lucro e muitas vezes não é exercida por jornalistas, e quando são jornalistas, elas não assumem funções jornalísticas nos programas esportivos.

Segundo Righi, em alguns programas esportivos as mulheres são colocadas como parte do cenário, apenas lendo textos, tendo a beleza como característica obrigatória. Dá a entender que as mulheres que entram no jornalismo ganham mais obstáculos e o conhecimento esportivo não significa mais que a beleza feminina. Por mais que isso aconteça com bastante frequência, o número de mulheres jornalistas que se afirmam na carreira por conta do conhecimento sobre esportes tem aumentado, apesar da televisão ainda exigir a imagem impecável das apresentadoras e repórteres, que muitos consideram importante para o vídeo.

O jornalista Juca Kfourri rechaça os comentários machistas e os classifica como um “preconceito burro”. Para ele, cada vez tem mais mulheres no mercado jornalístico e considera natural elas trabalharem na editoria de esportes.

Acho que é uma exploração burra, por a mulher gostosa, a secretária de palco. Isso é um absurdo, é revelação do que há de mais machista no trato com a mulher. Mas estou falando de Soninha Francine, de Marília Ruiz, das jornalistas que são jornalistas, que poderiam ser homens e são mulheres. Não estou falando dessa coisa de só pra ser o ornamento do programa (KFOURI, 2007 *apud* RUBBO & VASCONCELOS, 2009, p.9).

Para Righi (2006, p.52) o uso do corpo da mulher na mídia, principalmente no campo jornalístico esportivo, deve ser analisado pela importância que os meios de comunicação possuem na disseminação de valores e conceitos na sociedade atual. E as jornalistas competem no meio esportivo de televisão ao lado de modelos, atrizes e atletas que estão em busca de mais visibilidade. Segundo Righi, utilizar a mulher no jornalismo esportivo apenas como apresentadora auxilia para ampliar a distância entre ela e o mundo esportivo. No caso da Renata Fan e de outras apresentadoras e comentaristas que tem aparecido ultimamente, esse estereótipo acaba diminuindo com o tempo.

Renata Mendonça relata que já presenciou uma colega de trabalho virar alvo de insinuações machistas por parte de outros jornalistas, que alegavam que a moça tinha

“outros métodos” para conseguir informações exclusivas de atletas para as matérias que escrevia. Na visão de Mendonça, era muito vergonhoso para os homens ter uma mulher realizando um trabalho melhor que o deles numa área predominantemente masculina.

Fora que, quando mulheres vão alcançando mais sucesso na área, a justificativa dos homens para isso é sempre que ela "está ali porque é bonita" ou "está ali porque deu pra alguém" (MENDONÇA, 2015).⁴³

A jornalista Cristina Dissat, editora do *blog Fim de Jogo* e diretora de Comunicação e Marketing da ACERJ, acredita que o machismo no mundo esportivo é rotina e isso deve ser ultrapassado. Dissat é uma das primeiras mulheres a ocupar um cargo de diretoria da associação de cronistas esportivos e sentia um pouco de dificuldade no início de sua gestão.

Mas ao mesmo tempo é uma dificuldade um pouco mais velada, nem sempre as coisas que a gente fala eram ouvidas. Às vezes umas colocações como “ah não, não é bem assim, sabe?”. Aí logo depois via que era. Então que não tava tão errada nas minhas colocações. Já passei por poucas, mas umas situações chatas que prefiro não comentar, e em geral se eu vir, se por acaso eu observar alguma coisa eu vou chegar junto com as meninas e prestarei socorro a elas (DISSAT, 2015).⁴⁴

E sobre a igualdade entre gêneros no jornalismo, Dissat (2015) observa que é um tema muito amplo e não apenas restrito a editoria de esportes. E ressalta que o crescimento das mulheres no mercado de trabalho é específico delas e não voltado somente para o jornalismo esportivo.

Acho que isso não é relativo ao jornalismo esportivo. Pelo o que eu vejo na hora que você tem, o jornalismo esportivo é o setor que paga os piores salários, vamos dizer assim, entre dos mercados que eu já até acompanhei. Então, acho que isso é um crescimento específico dessa área, é um crescimento específico das mulheres. Eu não gosto muito dessa questão de “ah, você é mulher, você ganha menos que o outro”, que eu na verdade nunca passei por isso. Então não consigo ver muito essa discrepância (DISSAT, 2015).⁴⁵

Já Renata Rosa Graciano, do *site Donas da Bola*⁴⁶ afirma que há diferenciação entre homens e mulheres no jornalismo esportivo, principalmente na mídia independente. E para Graciano, a representatividade feminina nessa editoria é pequena, pois os homens

⁴³ Entrevista concedida à autora. 30 nov. 2015.

⁴⁴ Entrevista concedida à autora. 16 nov. 2015.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Disponível em: <http://www.donasdabola.com.br/>. Acesso em 24 nov. 2015.

ainda olham as jornalistas com ar de deboche e dúvida no quesito conhecimentos sobre futebol.

Agora eu sinto diferenciação, principalmente as mulheres que trabalham na mídia independente. Eu ainda tenho sensação de alguns nos olharem com ar de dúvida e até mesmo de deboche, uns poucos babacas, acho que estamos evoluindo (GRACIANO, 2015).⁴⁷

Diante de um ambiente marcado por desconfianças e insinuações a respeito do trabalho de mulheres jornalistas nas editorias de esporte, Martha Esteves afirma que a mulher no jornalismo esportivo acaba se masculinizando um pouco, tanto por trabalhar com eles na redação quanto entrevistá-los durante as partidas de futebol. E a radialista Regiani Ritter diz que “vivia no fio da navalha, pois era mulher sem ser e homem ser”, para provar que tinha talento para estar no mundo esportivo e escapar de pessoas mais afoitas, sem criar inimizades por conta disso.

A postura discreta das mulheres jornalistas, que algumas chegam a se “masculinizar” em determinados momentos para se consolidarem na profissão, mostra que o machismo presente no universo esportivo ainda impõe certos comportamentos a elas no ambiente de trabalho e na cobertura esportiva. A televisão constrói um estereótipo de que a mulher precisa ser bonita e bem vestida para atrair a atenção do público, colocando a competência em segundo plano. Entretanto isso vem sendo mudado com o tempo, mesmo que haja poucas mulheres na função de comentaristas esportivas na televisão e nos programas de rádio em posição de igualdade com os homens.

⁴⁷ Entrevista concedida à autora. 16 nov. 2015.

5 O JORNALISMO ESPORTIVO FEMININO NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Ao conquistar o espaço primeiro no jornalismo impresso e depois na televisão, rádio e internet, as mulheres passaram a cobrir diversas modalidades esportivas, principalmente futebol, que é o esporte de maior visibilidade na editoria de esporte. E não apenas os esportes amadores, que eram mais apropriados para as mulheres repórteres, segundo os jornalistas homens. As jornalistas tiveram que superar o preconceito no mundo esportivo para se consolidarem na profissão e mostrarem aos seus colegas de trabalho que são igualmente capazes de acompanhar qualquer coisa no jornalismo esportivo.

Boa parte das entrevistadas acredita na igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho em termos de oportunidades e salário, mesmo que o jornalismo esportivo seja visto como uma editoria que paga os piores salários e essa projeção demore muito para se concretizar na opinião delas. E nos próximos tópicos serão mostradas as atuações de algumas jornalistas nos veículos de comunicação ligados ao esporte e o reconhecimento delas pela cobertura dos principais eventos esportivos nacionais e internacionais. Na visão delas, quanto mais mulheres nas editorias de esportes melhor, pois há uma abordagem diferente nas reportagens voltadas para as competições e para os atletas em destaque.

5.1 ATUAÇÃO DAS JORNALISTAS EM VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO LIGADOS AO ESPORTE

No jornalismo impresso não há uma quantidade significativa de mulheres jornalistas como acontece no telejornalismo esportivo. Martha Esteves é um dos exemplos de jornalistas que começaram a carreira em publicações esportivas como a revista *Placar*, onde trabalhou por cinco anos, no Rio de Janeiro. É sub-editora de esportes do jornal *O Dia* desde 1997, um ano após ser contratada como repórter especial. Para Esteves, a presença de mulheres no jornalismo impresso é muito pequena, com uma profissional em cada redação de jornal, e ressalta a importância do trabalho das mulheres nas redações de esporte.

O jornal *Extra* só tem uma, a Marlucci Martins, que foi minha colega de redação. O Globo tem uma, que é a Tatiana Furtado e aqui no jornal *O Dia* a gente tem duas repórteres, tem eu como sub-editora e temos uma estagiária. Eu sempre fiz

questão de verdade em trabalhar com mulher. Então toda vez que tem prova pra estagiário, vejo uma menina que tem talento, eu puxo a brasa. Porque eu acho importantíssimo que se tenha mulher, a mulher sabe fazer o jornalismo de outra maneira, com outro olhar, não fica só atentando aos detalhes numéricos e *scouts*, quantas vezes a bola foi pra lá e pra cá (ESTEVES, 2015).⁴⁸

Martha Esteves destaca em seu trabalho o perfil que escreveu sobre o técnico da Seleção Brasileira Dunga, em 2014, dias antes da Copa do Mundo, no qual foi colocada a foto dele rindo na capa, algo atípico para quem convive com o jeito sisudo do técnico nas coletivas de imprensa. O diferencial do trabalho da jornalista foi que a entrevista foi conduzida, segundo Esteves, de forma descontraída, algo que nenhum jornalista homem conseguiria fazer. A sub-editora d'*O Dia* criou uma coluna semanal, também em 2014, em que noticiava de forma divertida os acontecimentos ligados às personalidades do esporte: o *Fulecagem*⁴⁹. A coluna falava sobre os eventos esportivos e atletas durante o mundial no Brasil.

Tatiana Furtado trabalha na editoria de esportes do jornal *O Globo* desde 2006 e está na cobertura de futebol desde 2008. Em 2009 passou a cobrir os quatro grandes clubes do Rio de Janeiro (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco), sendo setorista nestes clubes. Em entrevista para a ACERJ⁵⁰, Furtado fala sobre a existência do preconceito com as mulheres no jornalismo esportivo, especialmente na televisão, onde a beleza é vista como um requisito e outros profissionais acham que rostinho bonito não entende de futebol. Segundo Furtado, já houve casos de ouvir piadas machistas, mas não a ponto de desrespeitá-la. Atualmente, a jornalista é diretora secretária da ACERJ.

A editora-assistente de esportes do jornal *Extra* Marluci Martins escreve a coluna semanal *Extracampo* desde 2011, em que comenta sobre os principais acontecimentos do futebol, com enfoque nos times cariocas, e noticia sobre os bastidores dos clubes. Nos textos publicados na versão impressa e *online* do jornal, Martins expõe a sua opinião a respeito do futebol carioca. Começou a carreira no jornal *O Dia* como estagiária em 1988 e no ano seguinte foi contratada como repórter, cobrindo esportes como vôlei, atletismo, surfe, entre outros. Participou da cobertura de cinco Copas do Mundo, sendo a primeira em 1994 nos Estados Unidos. Segundo Martins, a sua vivência na cobertura de esportes

⁴⁸ Entrevista concedida à autora. 03 nov. 2015.

⁴⁹ Disponível em: <http://blogs.odia.ig.com.br/fulecagem/author/mesteves/>. Acesso em 03 nov. 2015.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.acerj.com.br/as-mulheres-do-jornalismo-esportivo-na-acerj/>. Acesso em 28 nov. 2015.

olímpicos não foi grande e por isso ela não chegou a cobrir uma Olimpíada em sua carreira.

A repercussão é muito maior quando se escreve sobre futebol, eu gostava muito também e com isso fui me atualizando mais no noticiário esportivo. Acho que isso uniu o útil ao agradável, foi uma transição muito natural. Fiz uma coisa aqui, uma coisa ali, existia a necessidade do jornal e eu tinha um desempenho bom para preencher aquele espaço, não é? Para fazer mesmo o futebol e o espaço dele era maior, existia uma necessidade em cobrir o esporte. E fui me adaptando e gostando de fazer aquilo (MARTINS, 2015).⁵¹

A jornalista tem experiência em programas televisivos de esportes, embora o trabalho no jornalismo impresso seja a sua prioridade. Ela participou do *Redação SportTV* entre os anos de 2004 e 2010, e atualmente participa quinzenalmente do programa *A Última Palavra*, do canal *FOX Sports*, como comentarista da mesa-redonda ao lado do apresentador e colunista de esportes do jornal *O Globo* Renato Maurício Prado.

Uma das matérias marcantes na carreira de Marluci Martins foi o furo de reportagem sobre a aposentadoria do jogador Romário dos gramados em 2008. Numa conversa informal, Romário revelou à colunista que pararia de jogar, após especulações sobre a sua volta ao Flamengo depois de sair do Vasco. Embora o *Globo Esporte* tenha desmentido o furo após a publicação no caderno de esportes *Ataque*, do jornal *O Dia*, Romário confirmaria o fato no lançamento de seu DVD com os gols mais importantes de sua carreira, o que Martins já havia noticiado em primeira mão.

Pioneira na cobertura de *Fórmula 1* nos veículos impressos como os jornais *O Dia* e *Extra*, Alaíde Pires cobriu esportes como vôlei e basquete, mas se consolidou no jornalismo esportivo no automobilismo e no futebol. A jornalista participou na cobertura de apenas uma Copa do Mundo: a de 1998, na França. Quanto ao seu trabalho no automobilismo, Pires declara que a sua única dificuldade ao trabalhar na *Fórmula 1* era o idioma, pois todas as entrevistas com os pilotos eram em inglês até mesmo com competidores brasileiros.

Com muita experiência nessas reportagens, Alaíde Pires acabou se especializando no esporte, acompanhando os Grandes Prêmios da *Fórmula 1* no Rio de Janeiro de 1982 a 1986 e, quando a competição migrou para São Paulo, trabalhou de 1990 a 2006, ano em que Michael Schumacher saiu da *Fórmula 1* pela primeira vez. Escreveu para o caderno de automóveis *Vrum-vrum* no jornal *O Dia*, que mais tarde virou *Ataque*, na década de 1990. E no *Extra* escreveu para o caderno *Auto Extra*, sobre automóveis, de 2004 a 2006.

⁵¹ Entrevista concedida à autora. 01 dez. 2015.

E eu comecei com uma coisa que no Rio de Janeiro se chamava teste de pneu. Eles vinham no final de temporada e passavam um mês direto no Rio e fazia o teste de pneu para a próxima temporada. Então a gente tinha muito tempo para falar com os pilotos, principalmente os brasileiros. É por isso que acabei me especializando (PIRES, 2015)⁵².

O futebol também era uma das pautas principais de Alaíde Pires, que foi repórter, repórter especial, colunista e sub-editora d'*O Dia* e do *Extra*. Em 1998, quando cobriu a Copa do Mundo na França para *O Dia*, Pires descobriu o caso da convulsão do jogador Ronaldo Fenômeno, ocorrido horas antes da partida final contra a seleção francesa. A repórter estava no mesmo avião que o jogador após o jogo e ouviu dos familiares dele que o Ronaldo realmente teve a convulsão. Constatou que o caso era verdadeiro e publicou no caderno esportivo *Ataque* em primeira mão.

No mundial de 2002, no Japão e na Coréia do Sul, Pires começou a trabalhar como colunista do *Extra* na seção *Copa na TV*, quando saiu d'*O Dia*, onde foi repórter e depois sub-editora de esportes, de 1995 a 2001. No *Extra* ficou na editoria de esportes de 2002 a 2008, na cobertura de eventos ligados ao futebol e automobilismo.

No rádio, duas jornalistas se destacam pelo trabalho na editoria de esportes no Rio de Janeiro: Carla Matera, repórter esportiva da *Rádio Tupi* e setorista do Fluminense, e Camila Carelli, que trabalha na *Rádio Globo*. Carla Matera atua na crônica esportiva desde 1999 e na *Rádio Tupi* ficou entre 2003 e 2005. Depois foi para a *Rádio Globo SP* e voltou para a concorrente carioca em 2008, onde está atualmente. A jornalista trabalha como setorista do Fluminense no programa *Show do Apolinho*, apresentado por Washington Rodrigues, e cobre os jogos do clube tricolor carioca.

Camila Carelli é repórter de esportes da *Rádio Globo* e também setorista do Fluminense, assim como Carla Matera. Carelli faz parte do programa *Panorama Esportivo RJ* e da equipe da *Liga dos Trepidantes* da rádio, sendo a única mulher a cobrir partidas de futebol na emissora.

Em São Paulo, Regiani Ritter é locutora da *Rádio Gazeta AM* e apresentadora dos programas *Disparada no Esporte* e *Revista Geral*. Atua na crônica esportiva desde a década de 1980 e teve passagens pela TV, como no programa *Mesa Redonda*, na *TV Gazeta*, na função de comentarista esportiva. Passou 84 dias cobrindo a Seleção Brasileira

⁵² Entrevista concedida à autora. 03 dez. 2015.

em 1993, durante as eliminatórias do mundial nos Estados Unidos, e trabalhou por 55 dias na Copa do Mundo em 1994.

As pautas giravam todas em torno do futebol. Foi uma escolha. Eu tomava sol, chuva forte, passava frio, levava pedradas (uma vez só) e tinha um ótimo preparo físico, fiquei 90 e mais minutos tomando choque do microfone numa tempestade no então Palestra Itália, que o jogo era decisivo...mas cheguei onde pretendia: trabalhei ao mesmo tempo em rádio, TV (Gazeta) e jornal, *Diário Popular*, cobrindo esporte, especializada em futebol (RITTER, 2015).⁵³

Embora não se tenha o número exato de profissionais que trabalhem nos veículos impresso e no rádio, as jornalistas tiveram (ou têm) papel importante na cobertura de competições esportivas, como repórteres e/ou setoristas de clubes de futebol. E no rádio a quantidade de jornalistas é bem pequena se comparada à televisão, veículo de comunicação com maior presença feminina no jornalismo esportivo.

5.1.1 Jornalismo Esportivo na internet

As jornalistas que trabalham na televisão como apresentadoras e repórteres também escrevem sobre os principais acontecimentos do esporte para *blogs* ou *sites* na internet. Mylena Ciribelli, do *Esporte Fantástico*, da *Rede Record*, é uma delas. Em seu *blog*⁵⁴, Ciribelli publica *posts* diários sobre futebol e outros esportes, assuntos que viram pauta para o programa semanal na emissora paulista. São notícias que informam aos leitores sobre os destaques da última semana e novidades sobre diversas competições esportivas.

Na *Fox Sports*, dos 21 *blogs* de jornalistas da emissora, dois deles são produzidos por mulheres: Lara Mota e Renata Cordeiro. Lara Mota é autora do *Espírito Esportivo – Boas práticas*⁵⁵, publicação eletrônica em que a jornalista escreve predominantemente sobre futebol, mas os esportes olímpicos têm destaque nas postagens. A repórter tem 14 anos de experiência em televisão e os assuntos no *blog* são boas práticas, bons exemplos, responsabilidade social no esporte, sustentabilidade e *fair play*. Renata Cordeiro tem o *De Primeira*⁵⁶, no qual fala sobre as suas impressões no mundo dos esportes, bastidores de reportagens, além curiosidades, fotos e vídeos em geral.

⁵³ Entrevista concedida à autora. 08 out. 2015.

⁵⁴ Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/mylena-ciribelli/>. Acesso em 06 out. 2015.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.foxsports.com.br/blogs/lara-mota>. Acesso em 26 nov. 2015.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.foxsports.com.br/blogs/de-primeira>. Acesso em 26 nov. 2015.

A *Gazeta Esportiva* também tem dois *blogs* escritos por jornalistas, como o *Na Esportiva*, de Anita Paschkes, e *Bela Jogada*, de Michelle Gianella, jornalista e atualmente diretora da *Gazeta Esportiva.net*. Em *Na Esportiva*⁵⁷ Anita Paschkes, que é apresentadora do programa *Mesa Redonda* da *TV Gazeta*, fala sobre as novidades do futebol e de outros esportes como tênis, por exemplo. Paschkes já foi apresentadora do *FOX Sports*, com o programa sobre esportes radicais e na *TV Gazeta*, com as atrações *Gazeta Esportiva* e *Super Esporte*. Michelle Gianella escreve o *Bela Jogada*⁵⁸, que traz notícias e artigos de opinião sobre futebol. Gianella é apresentadora do *Mesa Redonda* desde 2003 e também comanda o *Gazeta Esportiva* desde 2000.

5.1.2 Mídia alternativa na internet

Sobre a mídia alternativa que produz conteúdos de esportes pela internet, há três exemplos de *sites* e *blogs* liderados e produzidos por mulheres: o *Blog Fim de Jogo*, o *site Donas da Bola* e o *site dibradoras*. Estas páginas eletrônicas transmitem conteúdo diversificado sobre diversas modalidades esportivas e suas competições, além de informar ao público sobre eventos de esportes nas redes sociais.

O *Fim de Jogo*⁵⁹ foi criado pela jornalista Cristina Dissat em 2004, no Rio de Janeiro, com a finalidade em informar aos torcedores de futebol que vão ao estádio do Maracanã sobre preços de ingressos, situação do trânsito no entorno, de como está a arquibancada até a chegada dos torcedores. O início do *blog* veio quando Dissat começou a contar tudo o que via da janela do seu apartamento, no bairro do Maracanã, onde reside há mais de 30 anos. Segundo Dissat, o *blog* nasceu após ela ficar cansada de presenciar brigas e confusões na saída do estádio, o que a levou a sair de mera espectadora para atuar como jornalista na transmissão de notícias não só de esportes, mas também fazer um jornalismo de serviço aos leitores do *blog*, do qual é editora.

O primeiro *slogan* era “acaba o jogo, começa a transmissão”, mas o *Fim de Jogo* se expandiu e as necessidades de noticiar assuntos sobre o local de jogo e outros serviços aos torcedores aumentaram com o tempo. Em seu *Twitter* e *Facebook*, o *blog* informa tudo o que acontece no entorno dos estádios cariocas, com o pré-jogo, além de postar os melhores momentos durante a partida de futebol. Antes, Dissat acompanhou tudo o que ocorria no

⁵⁷ Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/blogs/na-esportiva/>. Acesso em 26 nov. 2015.

⁵⁸ Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/blogs/michellegianella/>. Acesso em 06 out. 2015.

⁵⁹ Disponível em: <http://www.fimdejogo.com.br/blog/sobre/>. Acesso em 24 nov. 2015.

estádio do Maracanã durante os Jogos Pan-Americanos de 2007, sediados no Rio de Janeiro, mesmo com os portões fechados. Em 2010, o estádio fechou para as obras da Copa do Mundo 2014, e a equipe de *Fim de Jogo* passou a transmitir as partidas que eram sediadas no atual Estádio Nilton Santos, conhecido popularmente como Engenhão. Falar sobre o torcedor e os serviços que o ajudam a chegar nos estádios é o diferencial do *blog*.

Lembrando que a gente se consolidou porque a gente tem um formato diferente do jornalismo habitual. A gente tem um jeito de lidar com o torcedor, um pouco mais fraterno quando ele merece, tentando ajudar, tentando evitar botar lenha na fogueira em situações mais estressantes. Então esse é o nosso foco principal, o torcedor. Como é que a gente pode ajudar o torcedor, que o cara que bom, alto astral, que não é o pessoal que chama de torcedor e não é. Mas é você encontrar o tom ideal, uma forma de você lidar com esta notícia, é diferente. Fazer o que todo mundo já faz, você não adianta fazer e depois ainda vai criticar. E as pautas mais frequentes nossas, eu sei que tem agradado bastante é sempre como a gente levar a notícia sobre venda de ingressos, como é que está a arquibancada, como está a chegada dos torcedores (DISSAT, 2015).⁶⁰

Para Dissat, o *Fim de Jogo* não busca ser apenas sobre o jornalismo esportivo, é um jornalismo de serviço, pois sobre os jogos em si tem muito jornalista falando. Com o crescimento da equipe de jornalistas e fotógrafos em 2010, o *blog* foi inserido na empresa *DC Press*⁶¹, agência de conteúdo que tem como foco principal temas como saúde e esportes, fundada em 2010. Segundo o *Blog Fim de Jogo*, a equipe fixa atual conta com cerca de dez profissionais, entre repórteres, fotógrafos, *webmasters*, *webdesigners* e colaboradores. Trata-se de uma equipe mista, formada por homens e mulheres. Além de Cristina Dissat como editora e repórter, há mais três mulheres repórteres que trabalham para o *site*.

Cristina Dissat acredita que o diferencial de seu trabalho é trabalhar bastante com tecnologia, ferramentas móveis e ter domínio com internet, o que a deixa na frente de outros jornalistas nas coberturas de eventos esportivos e de notícias relacionadas aos torcedores, que acompanham a página para saber informações sobre serviços do estádio e de trânsito para chegar ao local das partidas. A equipe do *Fim de Jogo* é credenciada da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro (ARFOC), da ACERJ e a Media FIFA Chanel, esta última na cobertura da Copa do Mundo de 2014. E também é credenciada na Tribuna de Imprensa do Maracanã desde 2009.

⁶⁰ Entrevista concedida à autora. 16 nov. 2015.

⁶¹ Disponível em: <http://www.dcpres.com.br/>. Acesso em 24 nov. 2015.

O *site Donas da Bola*⁶² começou em 2009 com poucas colunistas falando sobre futebol, assunto predominante na página eletrônica, e outras modalidades esportivas. A publicação tem como padrinho o ex-jogador Zico. Renata Rosa Graciano é uma das 18 integrantes do *site* e atualmente escreve sobre o Flamengo, seu time de coração. A jornalista, formada pela Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) e com experiência em rádio e no impresso, escreve uma coluna em que aborda acontecimentos sobre o rubro-negro carioca. Graciano (2015) já foi setorista do Fluminense nos tempos da faculdade e substituiu a amiga Priscila Andrade, que é colunista do time do Bahia.

O *Donas da Bola* começou bem devagar em 2009, quando éramos pouquíssimas colunistas. Priscila Andrade escrevia o Flamengo e eu tinha um blog, ela me convidou para substituí-la. Hoje em dia tentamos manter uma colunista para cada time da série A do Campeonato Brasileiro e alguns da série B. No momento temos 18 colunistas e a maioria é jornalista. Todas praticam esporte, sendo que boa parte delas joga futebol (GRACIANO, 2015).⁶³

O conteúdo do *Donas da Bola* é escrito e produzido somente por mulheres, tanto que o *slogan* do *site* é “Apaixonadas por esporte”, mostrando que as jornalistas e colunistas têm bastante conhecimento do assunto e praticam esportes. Segundo Graciano, o público-alvo era majoritariamente masculino, mas a equipe mudou sutilmente o perfil para atrair as meninas e o objetivo tem sido alcançado. Ainda mais se tratando de mídia alternativa dentro do jornalismo esportivo.

Não é fácil, mas é uma delícia quando conseguimos um espacinho nosso e estamos tentando, ainda somos bem pequenas e quando nos reconhecem, tudo vale a pena. Até a Copa do Mundo, nossos seguidores e leitores do *site* eram maioria absoluta masculina. Resolvemos mudar o perfil sutilmente para atrair as meninas e estamos conseguindo (GRACIANO, 2015).⁶⁴

O foco principal é o Campeonato Brasileiro, mas há informações sobre partidas e resultados de outros campeonatos regionais e internacionais, tanto na *web* quanto nas redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Renata Graciano atualiza os *posts* no *Twitter*, enquanto Jussara Ajax, também integrante do *Donas da Bola*, atualiza as fotos no *Instagram*. Ambas atualizam as postagens em outras mídias e nas demais redes sociais.

⁶² Disponível em: <http://www.donasdabola.com.br/>. Acesso em 24 nov. 2015.

⁶³ Entrevista concedida à autora. 16 nov. 2015.

⁶⁴ *Ibidem*.

O site *Dibradoras*⁶⁵, criado em abril de 2015, é um espaço onde as mulheres escrevem sobre diversas modalidades esportivas, com foco principal no futebol feminino e na atuação das mulheres no esporte. O lema é “futebol feito por e para mulheres”, o que torna a mulher protagonista tanto na produção de textos quanto na valorização dela no esporte. A equipe é formada por Angélica Souza, Júlia Vergueiro, Nayara Perone, Renata Mendonça e Roberta Nina Cardoso, além de outras três colaboradoras que contribuem com textos e notícias para o site. O *Dibradoras* produz *podcasts* com entrevistas exclusivas de personalidades ligadas ao esporte e artigos que questionam o machismo no mundo esportivo produzido pela mídia.

Renata Mendonça é jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero e uma das integrantes fixas do *Dibradoras*, que tem o objetivo em lutar pelo aumento do espaço para as mulheres no mundo esportivo. Mendonça diz que a idéia do site é cobrir esportes femininos de uma maneira que a mídia em geral não faz: contando histórias das mulheres que são atletas, as lutas que elas tiveram para chegar ao objetivo e as conquistas. Diferente da constante abordagem sobre beleza física das atletas femininas na mídia tradicional. Uma das primeiras pautas foi a participação da Seleção Feminina do Brasil no mundial realizado no Canadá.

Começamos o *podcast* falando de futebol feminino por ocasião da Copa do Mundo feminina, mas abordamos outros assuntos também. Só que futebol feminino é nosso carro chefe, porque acreditamos que é um dos esportes que mais precisa de visibilidade e que mais sofre com o machismo (MENDONÇA, 2015).⁶⁶

A jornalista reclama da falta de representatividade das mulheres como comentaristas nos programas mesa-redonda na televisão e questiona o motivo da pouca participação delas no jornalismo esportivo, o que torna a cobertura sobre as mulheres no esporte machista por parte das redações, classificando-as apenas como “musas” em determinadas competições. Para Mendonça, “a mídia não entende o seu papel como divulgadora e disseminadora da cultura esportiva no Brasil, para que as pessoas se interessem por outros esportes além do futebol. Falta dar mais atenção a outras modalidades de esporte”.

Embora a televisão ofereça mais oportunidades às jornalistas que trabalham na editoria de esportes, na função de repórteres, apresentadoras e comentaristas, apesar da

⁶⁵ Disponível em: <http://dibradoras.com.br/>. Acesso em 24 nov. 2015.

⁶⁶ Entrevista concedida à autora. 30 nov. 2015.

raridade delas nesse posto, a atuação das mulheres nos veículos impressos e no rádio é bastante significativo, mesmo em número menor se comparados aos programas televisivos. E a internet proporciona o aparecimento da mídia alternativa, no qual as mulheres têm o espaço para criar *sites* e *blogs* sobre o mundo esportivo, principalmente o futebol, que continua sendo o esporte mais popular do país. Com a crise do jornalismo impresso, os jornais migraram o seu conteúdo também para a *web*, com colunas assinadas por mulheres jornalistas que já se consagraram no jornalismo esportivo.

5.2 O CRESCIMENTO DA PRESENÇA FEMININA NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO

A seleção da notícia esportiva é um processo norteado pelos critérios de noticiabilidade universais à atividade de produção e transformação de acontecimentos em fatos noticiáveis, segundo Sousa (2005, p.2). E complementa que no noticiário esportivo tem mais chances de se tornar notícia o que é factual, que desperta interesse do público, atingindo maior número de pessoas, que seja inusitado ou curioso, que seja novidade e apresente bons personagens.

Na televisão, o acontecimento precisa ser capaz de gerar boas imagens, narrativa marcante e causar impacto emocional. E como produto específico, o esporte apresenta critérios específicos que se juntam, e se sobrepõem, para nortear a seleção dos fatos. A noticiabilidade na editoria de esportes é regida por critérios altamente concentradores e às vezes excludentes, onde a pauta na cobertura esportiva se repete em todos os noticiários, independentemente do meio de difusão (Ibidem, p.3). Tanto que no meio televisivo a imagem é critério fundamental para transformar um acontecimento em notícia.

Righi (2006, p.17) aponta que em 1955 já existiam cinco emissoras de televisão e o esporte começava a conquistar espaço e audiência no novo veículo de comunicação. A *TV Record* transmitiu em 1953 o primeiro programa esportivo da TV brasileira: o *Mesa Redonda*, que era apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara. Transmitiam ao vivo partidas de futebol e informações do esporte, com o modelo de programa criado na rádio para atender a posição das câmeras.

O formato do programa esportivo pode ser classificado como informação ou entretenimento, podendo ser telejornal, documentário ou debate. O mais conhecido dos

formatos em termos de programas esportivos é o debate, ou o famoso “Mesa Redonda”, no qual os temas são discutidos por convidados, entrevistados e comentaristas, com um apresentador responsável pela mediação. A presença masculina neste tipo de atração sempre foi predominante no jornalismo esportivo, embora as jornalistas nos programas de televisão venham ganhando espaço nos últimos anos, assumindo tanto o papel de apresentadoras quanto o de comentaristas (RIGHI, 2006, p.23-24).

Betti (apud BRAVO, 2009) acrescenta que se pode falar em *esporte espetáculo*, resultado do modo que a televisão cria ao transmitir o jogo em que acontece num estádio ou numa quadra. A reprodução feita na televisão é para fascinar o telespectador e é originada com ângulos diferenciados, imagens da torcida, além de explorar os recursos infográficos para analisar um caso especial do evento.

Há certo exagero nas produções televisivas de eventos esportivos, pois muitas emissoras de televisão já não priorizam mais a informação e sim o espetáculo. No entanto, devemos nos atentar que o esporte é um evento que trabalha com o emocional do telespectador sendo difícil desvincular espetáculo de notícia (BRAVO, 2009, p.25).

A respeito da presença feminina nos programas esportivos na televisão, Righi (2006) observa que falar sobre o desempenho dos atletas numa partida, comentar o esquema tático ou descrever lances no esporte nem sempre foram funções atribuídas às vozes femininas na história da televisão brasileira.

Hoje, algumas delas têm voz e opinião na televisão brasileira e podem comentar sobre todos os esportes, do remo à Fórmula-1, mesmo que, em alguns programas, esse direito continue sendo privilégio masculino. As mulheres que atuam no jornalismo esportivo são mais que jornalistas, também, são atletas que disputam diariamente uma corrida com obstáculos, pulando sobre preconceitos, machismo e exclusões (RIGHI, 2006, p34).

Bravo (2009, p.27) cita a observação de Coelho (2003) em que as mulheres com o passar do tempo passaram a cobrir esportes considerados de difícil acesso para elas: futebol e automobilismo. O machismo nesses esportes ainda é presente, mas as profissionais estão dominando bem os assuntos nos programas esportivos na televisão. Segundo Bravo, ainda há poucas repórteres que cobrem eventos de automobilismo, principalmente Fórmula 1⁶⁷. Mariana Becker, da *Rede Globo*, trabalha cobrindo

⁶⁷ Na cobertura da Fórmula 1, Alaíde Pires trabalhou para o jornal *O Dia* e Ruth de Aquino atuou como correspondente em Londres para o *Jornal do Brasil*, entre as décadas de 1980 e 1990.

automobilismo desde 2007 e se especializou no assunto, apesar do segmento ser bem restrito para as mulheres, o que levou a jornalista a receber olhares atravessados e críticas sobre a sua atuação como repórter nesta área.

Baggio (2012, p.19) observa que o telejornalismo esportivo ocupa espaço significativo na TV brasileira. E por consequência a maneira como são divulgadas e por quem são apresentadas as notícias influenciará na opção da audiência pela escolha do programa. Bistiane e Bacellar (apud Ibidem, 2012, p.19) destacam que a televisão é uma mídia que trabalha com imagem, texto e som, o que faz as informações chamarem atenção e se tornarem interessantes. Para os autores, imagem é a representação do real e ao transmitir as imagens, a televisão transforma o telespectador em testemunha. Cashmore (1998) ressalta que a televisão está cada vez presente na sociedade, destacando-se em diferentes formatos como mesa-redonda, entrevistas, debates e em quadros nos telejornais diários.

Segundo Glenda Kozlowski, para estruturar uma reportagem no telejornalismo esportivo é necessário fazer o roteiro, como conseguir captar o melhor da imagem e da entrevista, além de casar o texto com as imagens gravadas.

Porque o telejornalismo necessariamente é ligado à imagem que você tem, você não escreve e depois coloca as imagens. É o contrário. Primeiro olha as imagens e em cima daquilo você conta uma história. No início da carreira foi difícil entender como montar o quebra-cabeça. De que forma usar esse quebra-cabeça do meu jeito, com minha personalidade, com minha característica, com a imagem que quero passar. Nem sempre a matéria mais longa é a mais bacana. Talvez se fizer uma matéria, um a reportagem um pouco menor fica muito mais interessante (KOZLOWSKI, 2015).⁶⁸

A apresentadora do *Esporte Espetacular*, da *Rede Globo*, acredita que não há reação diferente do público de acordo com o gênero quando está no comando do programa, pois cada jornalista tem uma característica na hora de passar uma mensagem. E também de se comunicar com o telespectador que assiste à atração esportiva. Ela afirma que o público sabe distinguir a profissional que entende de esporte e quem não entende do assunto. Para Koslowski, quem não gosta de esportes acaba não se consolidando na profissão por deixar de acompanhar as notícias da editoria em questão.

No telejornalismo, o âncora é o principal apresentador em um programa de notícias. Em vez de ser alguém que apenas narra e vê, também se transforma em um participante ativo de todas as etapas de um processo de transmissão (BAGGIO apud BARBEIRO &

⁶⁸ Entrevista concedida à autora. 13 out. 2015.

RANGEL, 2006). Para Barbeiro e Rangel, o âncora no telejornalismo não torce, mesmo que não esconda a sua preferência por um time, normalmente o profissional deve ser neutro e alegre. E a postura do âncora num programa de esportes deve ser também cética e crítica, como de qualquer outro jornalista, além de conhecer bem as regras da conduta jornalística e do esporte.

Regiani Ritter⁶⁹ começou a carreira na *Rádio Gazeta* na década de 1980 e logo depois passou para a *TV Gazeta* para ser produtora e comentarista do programa esportivo *Mesa Redonda*. Foi a primeira mulher a assumir a função de comentarista esportiva num programa de televisão. A jornalista teve uma rápida passagem na *TV Record*, entre as décadas de 1980 e 1990, retornando para a *Gazeta* no início da década de 1990.

5.2.1 TV Aberta

Desde então, a presença feminina espalhou-se por outras emissoras. Embora Isabela Scalabrini tenha aparecido para cobrir esportes amadores na década de 1980, ganhando destaque nos Jogos Panamericanos de 1983, na Venezuela, a *Rede Globo* começou a inserir mais repórteres e apresentadoras a partir da década de 1990. Segundo Gastaldello, Penteado e Silva (2014, p.52), Scalabrini foi a primeira apresentadora do *Globo Esporte* no período semanal, ao ficar no comando da atração somente aos sábados. Monika Leitão também fez parte do programa esportivo, que estreou em 14 de agosto de 1978 e é exibido de segunda-feira a sábado, no início da tarde.

Na década de 1990, o *Globo Esporte* teve a presença de Mylena Ciribelli revezando a apresentação do programa com Léo Batista e Fernando Vanucci, onde permaneceu por 18 anos, de 1991 a 2009. Junto com Mylena, Glenda Kozlowski passou a integrar o elenco fixo de apresentadores do *Globo Esporte* em 1998, aparecendo diariamente no telejornal esportivo. Cristiane Dias é uma das jornalistas que estão no comando fixo do programa no Rio de Janeiro, entrando em 2010 ao lado de Alex Escobar. Fernanda Gentil passou a comandar o *Globo Esporte Rio* após a saída de Alex Escobar, transferido para o *Esporte Espetacular*, a partir de 2012. Outra jornalista com destaque é a Carol Barcellos, que eventualmente apresenta a atração esportiva na versão nacional.

⁶⁹ Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>. Acesso em 12 nov. 2015.

Nas versões regionais, o *Globo Esporte* tem mulheres apresentadoras em pelo menos 13 estados, mais o Distrito Federal. Segundo informações do Memória Globo⁷⁰, cerca de 18 jornalistas atuam como apresentadoras fixas e eventuais no programa diário. Isso sem contar o número de repórteres presentes nos programas regionais em 14 estados brasileiros.

O *Esporte Espetacular* é o programa de esportes mais antigo da *Rede Globo*. Estreou no dia oito de dezembro de 1973 e é exibido com periodicidade semanal, sempre aos domingos no horário da manhã. Segundo Righi (2012, p.35), o programa dominical é inspirado no modelo do programa *Wide World of Sports*, exibido pela rede americana ABC. *Esporte Espetacular* saiu do ar em 1990, voltou em 1992 aos sábados à tarde e em 1996 retornou às manhãs de domingo. Isabela Scalabrini foi a primeira mulher a apresentar o programa esportivo em maio de 1989⁷¹. Mylena Ciribelli entrou em 1991. Antes de comandar o *Globo Esporte*, Glenda Kozlowski assumiu a apresentação do *Esporte Espetacular* ao lado de Clayton Conservani, em maio de 1996. A jornalista já fez dupla com o ex-jogador de vôlei Tande em 2011, após a saída de Luís Ernesto Lacombe, que estava na atração desde 2004, e com o apresentador Ivan Moré, entre 2013 e 2015.

Atualmente, Glenda apresenta o dominical ao lado de Alex Escobar desde julho de 2015. Luciana Ávila foi apresentadora por dois anos, de 2009 a 2011. Em 2002, Mariana Becker fez reportagens e cobriu alguns quadros da atração semanal. Dani Monteiro e Lica Oliveira já foram apresentadoras do *Esporte Espetacular*. Cristiane Dias e Fernanda Gentil são os apresentadoras eventuais do *Esporte Espetacular*, já Glenda é a apresentadora fixa do programa esportivo semanal.

Em 2013 o *Esporte Espetacular* reuniu, além da apresentadora do programa Glenda Kozlowski, a escritora e jornalista Thalita Rebouças e a atriz Christine Fernandes para um novo quadro chamado *Bolsa Redonda*⁷², conduzido por Fernanda Gentil, para discutir temas ligados ao futebol. O quadro, em forma de bate-papo, estreou em novembro de 2013 e as mulheres discutiam os lances inusitados acontecidos durante a semana no mundo esportivo. Assim como os homens elegiam as suas “musas” dos principais campeonatos, as integrantes do *Bolsa Redonda* tinham um quadro intitulado “As Minas Piram”, no qual as

⁷⁰ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/ficha-tecnica.htm>. Acesso em 13 nov. 2015.

⁷¹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular/ficha-tecnica.htm>. Acesso em 13 nov. 2015.

⁷² Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular/esporte-espetacular-bolsa-redonda.htm>. Acesso em 16 nov. 2015.

apresentadoras falavam sobre os jogadores em termos de aparência física. O público também participava do quadro com perguntas, recados, vídeos, sugestões e dúvidas pela *internet*.

Autora de sucessos juvenis como *Fala sério, mãe!* e *Fala sério, filha!*, Thalita Rebouças⁷³ fez parte da seleção para a primeira equipe do jornal *Lance!*, trabalhando na sucursal do diário no Rio de Janeiro. E em maio de 2010, participou de um outro quadro no mesmo programa chamado *EE de Bolsa*⁷⁴, em que testava os conhecimentos das pessoas sobre o futebol nas ruas.

Originalmente um quadro sobre o setor automobilístico, náutico e motociclístico dentro do *Esporte Espetacular*, o programa *Auto Esporte* estreou no dia 20 de outubro de 2002, aos sábados. O quadro fez tanto sucesso que ganhou um programa dominical com cerca de 30 minutos de duração, exibido às 9 horas, antes do *Esporte Espetacular* a partir de 2004. A jornalista Sílvia Garcia foi a primeira apresentadora do *Auto Esporte*, ficando no comando até 2011. Em seu lugar está a apresentadora Milena Machado.

A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, motivou a *Rede Globo* a criar um quadro especial para contar a história dos mundiais, as seleções e os jogadores que participaram da competição: *Rumo à Copa*⁷⁵. O programa especial estreou em abril de 2014 e permaneceu até o final da Copa, apresentado por Cristiane Dias e Fernanda Gentil, duas jornalistas do *Globo Esporte*. Algo diferente da habitual dupla de jornalistas formada por um homem e uma mulher, como normalmente acontece nos programas esportivos da emissora carioca.

A *Band*, emissora paulista intitulada como o *Canal do Esporte* na década de 1980, lançou o programa esportivo *Esporte Total*⁷⁶, entre 19 de março de 1984 a 02 de fevereiro de 2007. A apresentadora mais longeva da atração foi a ex-modelo Cléo Brandão, que comandou o programa esportivo de 1992 a 2001, junto com Simone Mello e Sílvia Vinhas. Após a saída de Cléo da emissora, o *Esporte Total* passou a ser apresentado por Sílvia Garcia e Letícia Levy em 2001. No ano de 2002, a atração começou a ser comandada por Ana Luiza Castro e a jornalista ficou no programa por um ano. A última apresentadora foi

⁷³ Disponível em: <http://www.thalitareboucas.net/meus-livros/>. Acesso em 10 de nov. 2015.

⁷⁴ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular/ee-de-bolsa.htm>. Acesso em 16 nov. 2015.

⁷⁵ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/telejornais-e-programas/rumo-a-copa/rumo-a-copa-ficha-tecnica.htm>. Acesso em 13 nov. 2015.

⁷⁶ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Total. Acesso em 16 nov. 2015.

a jornalista Renata Cordeiro, que estreou em 2004 e permaneceu no comando da atração esportiva até 2006, o último ano do programa.

Com o fim do *Esporte Total* no início de 2007, a *Band* colocou no ar o programa *Jogo Aberto*, no dia 05 de fevereiro. A jornalista Renata Fan é a apresentadora do mesa-redonda e é considerada a primeira mulher a comandar uma atração esportiva, fora do estereótipo da assistente de palco que apenas ficava numa bancada lendo os recados dos telespectadores. Renata fora assistente do apresentador Milton Neves no programa *Terceiro Tempo* na *Rede Record* e depois na *Band*. Junto com ela há um time de comentaristas que discutem os principais fatos do futebol durante a semana. Larissa Erthal chegou a ser a apresentadora do *Jogo Aberto Rio*, com a última exibição em abril de 2015.

Outro exemplo de grande presença feminina no jornalismo esportivo da *Band* é o *Band Esporte Clube*, que também estreou em 2007. Luize Altenhofen foi a primeira apresentadora da atração, que mostrava os principais destaques esportivos da semana e entrevistas com personalidades do mundo futebolístico. Depois vieram as apresentadoras Paloma Tocci, repórter que cobria eventos esportivos no *Jogo Aberto*, e Patrícia Maldonado, a partir de 2013. As jornalistas Taynah Espinoza e Marina Ferrari também fizeram parte da equipe do programa. Atualmente não há apresentadora fixa na atração, sendo comandado a cada domingo por Larissa Erthal, Maria Paula Limah e Adriana Rheid.

A *Rede Record* tem um exemplo de programa esportivo comandado por uma mulher. O *Esporte Fantástico*⁷⁷ é apresentado por Mylena Ciribelli desde 2009, após a saída da jornalista da *Rede Globo*. Além de Mylena, as jornalistas Cláudia Reis e Juliana Rios compõem a equipe do programa, majoritariamente feminina na apresentação. Lucas Pereira é o único homem da atração esportiva, que é exibida aos sábados de manhã. O *Esporte Fantástico* mostra matérias especiais sobre diversas modalidades esportivas, entrevistas com personalidades do esporte no Brasil e no Exterior, e também cobertura das principais competições. Todas as mulheres jornalistas têm experiência com jornalismo esportivo em outras emissoras e com assessoria de imprensa esportiva.

O esportivo *RedeTV! Esporte* estreou em 28 de fevereiro de 2005, com a apresentação de Roberto Avallone e Fernando Vanucci. Mas somente no final de abril do mesmo ano Cristina Lyra entra no lugar de Avallone para formar a dupla de apresentadores com Vanucci. Cristina Lyra comandou uma edição especial do programa em outubro de 2005, após o final da Liga Futsal aos domingos, com uma retrospectiva dos fatos ocorridos

⁷⁷ Disponível em: <http://esportes.r7.com/esporte-fantastico/>. Acesso em 17 nov. 2015.

durante a semana sobre os lances do Campeonato Brasileiro e Liga dos Campeões da UEFA.

A atração também foi conduzida por Flávia Noronha e Paloma Tocci, esta última com experiência no jornalismo esportivo na *Band*. Em maio de 2012, a jornalista Gabriela Pasqualin assumiu o programa diário e em 2011 houve uma edição especial aos sábados, com Roberta Gabardo, Paloma Tocci e Gabriela Pasqualin formando a mesa-redonda. Uma edição formada somente por apresentadoras, mostrando um aumento da presença feminina no telejornalismo esportivo. As últimas edições do programa foram ao ar de julho de 2012 a março de 2013, no horário da tarde, sob o comando de Juliana Francheschi e Gabriela Pasqualin.

O mesa-redonda *Belas na Rede*⁷⁸, também na *RedeTV!*, estreou em 2010 e reuniu a apresentadora Paloma Tocci, as ex-jogadoras de futebol Milene Domingues e Juliana Cabral e a jornalista Marília Ruiz, para compor o time de comentaristas. As reportagens eram feitas por Gabriela Pasqualin. Foi um dos programas exibidos pela emissora em que todas as integrantes eram mulheres, diferente de outros programas em que havia pelo menos um representante do gênero masculino na equipe de comentaristas ou formando dupla de apresentadores com uma mulher jornalista. A atração substituiu o *Bola na Rede*, que ficou no ar por 10 anos, apresentado por Fernando Vanucci e era transmitida domingo à noite.

5.2.2 TV Fechada

Nas emissoras de TV fechada, como a *SporTV*, das Organizações Globo, *FOX Sports* e *Esporte Interativo*, há alguns exemplos de programas esportivos apresentados por mulheres e com uma presença maior de repórteres. Na *ESPN Brasil* há mulheres repórteres na emissora, mas não foram encontrados dados que comprovassem a quantidade de apresentadoras em seus programas esportivos atualmente. A única apresentadora em destaque na *ESPN Brasil* é Marcela Rafael, do programa *Bate-Bola*. Conforme foi mostrado no item 3.2, Soninha Francine foi comentarista esportiva na *ESPN Brasil* entre os anos de 1999 e 2004, antes de se dedicar à carreira política.

⁷⁸ Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2010/08/21/rede-tv-troca-bola-por-belas-em-novo-programa-esportivo-so-com-mulheres.jhtm>. Acesso em 18 nov. 2015.

No *SporTV*, por exemplo, o programa *Bem Amigos*, comandado por Galvão Bueno, tem a jornalista Joanna de Assis como repórter da mesa-redonda, dentro de uma equipe majoritariamente masculina. Não há mulheres jornalistas no time de apresentadoras eventuais da atração esportiva, que teve o seu início em 2003. Já o programa *É Gol!!!* é apresentado pela jornalista Domitila Becker, no qual são exibidos os resumos das rodadas dos principais campeonatos do Brasil e do mundo, com tabelas de classificação atualizadas e pedidos de telespectadores que desejam rever os melhores gols das partidas de futebol. Estreou em 2009 e já foi comandado por Fernanda Gentil, antes de a jornalista ir para a *Rede Globo*, e por Luciana Baptista.

O *Planeta SporTV* tem os apresentadores Janaína Xavier e Edgar Alencar, reafirmando o modelo de programa esportivo composto por uma dupla de jornalistas, sendo um homem e uma mulher. A atração diária mostra os destaques dos esportes no mundo, não enfocando apenas futebol. Segundo o site oficial do *SporTV*⁷⁹, Aurora Bello e Vanessa Riche constam como as principais apresentadoras do *SporTV News*, telejornal diário em três edições durante a semana e com uma edição aos sábados e aos domingos. Embora algumas fontes afirmem que Aurora Bello deixou o canal pago em outubro de 2015⁸⁰. Junto com elas estava Bruno Souza, formando o trio de apresentadores do programa que estreou em 1994, com o nome inicial de *Top Sport*. Patrícia Maldonado comandou a atração esportiva em São Paulo e Renata Cordeiro foi apresentadora no Rio de Janeiro.

Vanessa Riche também apresenta o *SporTV Repórter*, que é exibido nas madrugadas de domingo para segunda-feira e mostra matérias investigativas sobre várias modalidades do esporte. É também apresentadora do diário *Seleção SporTV*. Bárbara Coelho comanda desde 2013 o telejornal diário *Tá na Área*, exibido de segunda-feira a sexta-feira, e no momento faz dupla com Thiago Oliveira. O programa está no ar desde 1996 e teve outras jornalistas no comando, como Vanessa Riche. É um noticiário onde os principais destaques dos esportes são abordados de forma descontraída pelos apresentadores. O *SporTV* tem cerca de dez apresentadoras na grade fixa atualmente.

O canal *FOX Sports*⁸¹ foi criado em 5 de fevereiro de 2012, voltado totalmente para os esportes com transmissões de eventos esportivos 24 horas por dia. Dos 71 programas

⁷⁹ Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/index.html>. Acesso em 18 nov. 2015.

⁸⁰ Disponível em: <http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2015/10/23/sportv-dispensa-aurora-bello-ancora-do-sportv-news--manha-93571.php>. Acesso em 18 nov. 2015.

⁸¹ Disponível em: <http://www.foxsports.com.br/tv/programas/>. Acesso em 18 nov. 2015.

analisados, divididos em modalidades esportivas e principais competições nacionais e internacionais, quatro deles têm a participação feminina no comando. Helena Calil e Lívia Nepomuceno dividem a apresentação de *Bom Dia Fox*, ao lado de Felipe Motta. Karine Alves faz parte do *Boa Tarde Fox*, ao lado de Mauro Beting e Nivaldo Pietro. A atração esportiva *O Melhor do Fox Sports* é comandada por Letícia Datena e Daniela Boaventura, esta última apresentou também o *Central Fox de Primeira* junto com Renata Cordeiro.

Não há mulheres como comentaristas fixas nos programas listados no site oficial da *Fox Sports*. Marluci Martins atua eventualmente na função de comentarista no programa *A Última Palavra*, ao lado do jornalista Renato Maurício Prado. A atração esportiva é exibida aos domingos e Marluci não é integrante fixa, participando quinzenalmente do debate.

Quanto ao número de mulheres repórteres no canal esportivo, quatro trabalham no Rio de Janeiro e três estão em São Paulo, somando sete mulheres num total de 21 repórteres contratados, de acordo com o site oficial da emissora. No Rio de Janeiro estão Daniela Boaventura, que também é apresentadora, Paula Varejão, Renata Rippel Millington e Roberta Setimi. Em São Paulo, Eduarda Peccinati, Helena Calil, que também apresenta um dos programas da casa, e Lara Mota. Na função de apresentadoras há outros exemplos como Marina Ferrari, com experiência no *Band Esporte Clube*, e Renata Cordeiro, que está no canal esportivo desde 2012. São seis mulheres como apresentadoras e seis homens no comando dos programas, o que mostra um equilíbrio entre gêneros no jornalismo esportivo.

O *Esporte Interativo* é um canal totalmente dedicado aos esportes, com o site voltado também para diversas modalidades e competições esportivas. Fundado em 2007, o canal produz e distribui conteúdo em diversas plataformas para o seu público-alvo. E tem um alcance mensal de aproximadamente 33 milhões de telespectadores que assistem via parabólica, Tv aberta e Tv paga que recebem o sinal do *Esporte Interativo*. Ao analisar o elenco do canal esportivo, constata-se que dos 36 profissionais contratados, nove são mulheres: quatro apresentadoras, quatro repórteres e uma comentarista, Clara Albuquerque⁸². Uma exceção, talvez, seja o aparecimento da apresentadora Emilim Schmitz, que divide a bancada com Fred Caldeira no telejornal *Caderno de Esportes*⁸³. Há

⁸² Disponível em: <http://esporteinterativo.com.br/elenco/>. Acesso em 23 nov. 2015.

⁸³ Disponível em: <http://esporteinterativo.com.br/programas/>. Acesso em 23 nov. 2015.

uma hegemonia masculina na equipe, como em qualquer emissora esportiva, mas as mulheres têm presença importante.

A comentarista esportiva Clara Albuquerque⁸⁴ participa do programa *Conexão EI*, ao lado do apresentador Leonardo Baran e do também comentarista Fernando Campos. A jornalista tem experiência no jornalismo esportivo desde quando apresentou o quadro *Tudo às Claras*, do programa *Bahia Esporte* na *TV Bahia*, afiliada da *Rede Globo* no estado. A carreira de comentarista de futebol iniciou no canal *PFC / SporTV* na Bahia. Atualmente é autora de três livros sobre futebol, sendo o primeiro *A Linha da Bola – Tudo que as mulheres precisam saber sobre Futebol e os homens nunca souberam explicar*, lançado em 2007.

De acordo com Clara Albuquerque, sobre o trabalho de comentarista esportiva, “à medida que as pessoas forem percebendo que as mulheres podem entender tanto quanto os homens, as oportunidades irão aparecer e crescer de forma natural”⁸⁵. A jornalista faz uma crítica a respeito das mulheres que trabalham com esportes serem testadas eternamente sobre o assunto e os homens não, pois “eles já nascem sabendo totalmente sobre futebol”. E comenta sobre a sua atuação no programa *Conexão EI*.

Eu gosto de pensar que o diferencial é o meu conteúdo, o meu conhecimento, estudo, dedicação e profissionalismo. Talvez, por ser mulher, eventualmente, eu tenha uma outra visão diferente dos três homens presentes num programa, por exemplo, mas não acredito que isso esteja acima de qualquer outra competência. Não espero, nem quero, tratamento melhor ou pior por ser mulher (ALBUQUERQUE, 2015).⁸⁶

Albuquerque trabalhou durante quatro anos no jornalismo impresso como colunista do jornal baiano *Correio*, função exercida, com textos publicados aos domingos. E também passou pela editoria de esportes da publicação, como repórter e editora do *site*.

As repórteres do *Esporte Interativo* são Aline Nastari, Ana Karla Martins, Bruna Dealtry e Monique Danello. No equipe das apresentadoras estão Manoela Caiado, Mariana Fontes, Mariana Pitzer e Melissa Garcia. No *site* oficial, o *Esporte Interativo* indica que Mariana Pitzer apresenta o programa *O Melhor da Rodada*, no qual são mostrados os melhores momentos das últimas rodadas do Campeonato Brasileiro, em 15 minutos. Kaline Bradley comanda o *Show de Bola*, onde são mostrados notícias sobre o futebol

⁸⁴ Disponível em: http://www.claraalbuquerque.com.br/?page_id=2. Acesso em 02 nov. 2015.

⁸⁵ Entrevista concedida à autora. 12 dez. 2015.

⁸⁶ *Ibidem*.

pernambucano, além da cobertura completa dos times e dos campeonatos do estado. É um programa destinado ao futebol regional.

Os esportes olímpicos têm destaque nos programas fixos do canal, como o *Boletim de Ouro*, comandado por Manoela Caiado, e *Caminho do Pódio*, apresentado por Monique Danello, que divide o programa com o ex-técnico de vôlei Radamés Lattari. O programa *Boletim de Ouro* traz informações e curiosidades sobre o que acontece na cidade olímpica, além de matérias especiais e entrevistas com atletas que estão em busca do sonho olímpico. E *Caminho do Pódio* é um programa recente sobre esportes olímpicos, com convidados especiais, entrevistas e matérias sobre as Olimpíadas de 2016, na cidade do Rio de Janeiro.

Outro canal de TV paga que merece destaque em relação a atuação de mulheres é o *Band Sports*. Dos 16 profissionais do canal esportivo, entre repórteres, apresentadores e comentaristas, há pelo menos três jornalistas mulheres nos programas esportivos⁸⁷. São Adriana Reid, que apresenta os telejornais do canal; Maria Paula Limah, também apresentadora dos noticiários; e Renata Saporino, que comanda os programas *BandSports OnLine* e *Ace Band Sports* e está na emissora desde 2002, tendo participado de coberturas dos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos.

Apesar da credibilidade e da competência das mulheres jornalistas na apresentação de programas esportivos, a aparência física e o bom figurino são requisitos para quem trabalha na televisão, pois o vídeo permite a associação da informação com a estética. E também raramente aparecem pessoas mal vestidas e fora do padrão de beleza imposta pela sociedade (RIGHI, 2006, p.32). O que se vê neste tópico é um aumento gradual, porém significativo, da presença feminina nos telejornais esportivos, já iniciado na década de 1980 e a credibilidade que as jornalistas têm conseguido do público, majoritariamente masculino, no comando de programas esportivos na televisão e nas coberturas de eventos esportivos feitas pelas repórteres em campo.

5.3 AS MULHERES JORNALISTAS NAS ASSESSORIAS DE IMPRENSA ESPORTIVA

As jornalistas que trabalham nas editorias esportivas por algum tempo adquirem experiência para exercerem a profissão nas assessorias de imprensa de jogadores, times de

⁸⁷ Disponível em: <http://bandsports.band.uol.com.br/quem-faz.asp>. Acesso em: 23 nov. 2015.

futebol, entidades esportivas e agências de conteúdo, voltadas para o esporte ou não. Os exemplos a seguir mostram que algumas profissionais de imprensa acabam migrando para a assessoria de imprensa esportiva ou trabalhando simultaneamente na cobertura de eventos esportivos na função de repórter e assessora de imprensa.

Cristina Dissat, editora do *blog Fim de Jogo*, comanda a agência de conteúdo *DC Press*, surgida em 2010, com a finalidade de produzir conteúdo para *sites, blogs, jornais, revistas e redes sociais*⁸⁸. A empresa tem como foco a cobertura de eventos científicos na área de saúde e esportivos, com transmissão *online* e em tempo real. A equipe do *DC Press* tem a mesma formação do *blog* esportivo *Fim de Jogo*, além de outros colaboradores que trabalham na empresa. A agência de conteúdo assumiu as atividades que eram desempenhadas pela empresa *Dois C*, encerrada em 2015. Segundo o *site* oficial, a *DC Press* “aliou a paixão pela tecnologia à dedicação pelo jornalismo na cobertura dos eventos feitos por seus integrantes”.

Diretora de comunicação e marketing da ACERJ, Cristina ressalta que “não é um sindicato, é uma entidade que dá suporte para o profissional trabalhar. E existe uma confusão muito grande entre o que é sindicato e o que é entidade”.

Então o nosso trabalho é colocar mais informação pros jornalistas, dar suporte para eles nos estádios e nas coberturas onde ele precise de credenciamento, de suporte, de batalhar por internet nos estádios, que é a coisa mais difícil que tem, e por aí. São duas coisas bem distintas (DISSAT, 2015).⁸⁹

A atuação de Cristina Dissat na ACERJ é bem diferente de sua função na *DC Press* e no *blog Fim de Jogo*. Para ela, a cobertura de um jogo ocupa muito tempo e quando um jornalista precisa de suporte para resolver problemas, a equipe está sempre disposta a ajudar.

Uma coisa é quando estou trabalhando fora do jogo ou durante a partida, sendo diretora de comunicação da ACERJ. Organizando *fanpages*, botando em ordem o site, eu me preocupando em divulgar da melhor formato nome da entidade para que ela se fortaleça, esse é o objetivo principal. E quando estou fazendo em geral, quem é profissional da ACERJ, da diretoria da ACERJ, acaba durante o jogo raramente trabalhando pela entidade. A gente, lógico, tá ligado em qualquer problema se tiver alguma coisa, a gente entra no circuito pra resolver, chamam a gente pra resolver (DISSAT, 2015).⁹⁰

⁸⁸ Disponível em: <http://www.dcpres.com.br/a-empresa/>. Acesso em 05 dez. 2015.

⁸⁹ Entrevista concedida à autora. 16 nov. 2015.

⁹⁰ *Ibidem*.

Para Manoela Penna, sócia-diretora da agência de comunicação *In Press Media Guide*, não há diferença entre o trabalho do jornalista esportivo e o assessor de imprensa em agências de notícias voltadas para o esporte. Penna saiu das redações das publicações impressas sobre esporte e passou a trabalhar com assessoria de imprensa e agência de conteúdo esportivo nos anos 2000.

Nós da In Press Media buscamos a notícia, agilidade. A diferença talvez que possa ter é que a gente aqui tem compromisso com algumas marcas, patrocinadores, a visibilidade também para o nosso cliente. Eu não seria feliz se eu não fizesse jornalismo. Procuo, eu pego uma pauta, faço sugestão de pauta, aqui a graça realmente é essa. A gente não trabalha só para um jornal. Fazemos para todos os jornais, para todas as emissoras de televisão, para todas as plataformas. Não pensamos só na plataforma digital, ou só TV, ou só rádio. Pegamos um conteúdo e mandamos para todos, que vai dar para uma entrevista de rádio, para uma entrevista que tem uma imagem bonita. Quando organizo um evento, eu penso como vai ser coberto por todas as mídias. É jornalismo em tempo integral (PENNA, 2015).⁹¹

A *In Press Media Guide* surgiu da união entre as empresas In Press Porter Novelli e Media Guide Comunicação e tem a finalidade de oferecer soluções criativas para marcas que se associam ao esporte. A agência In Press participou de quatro Copas do Mundo e tem experiência nas assessorias dos clubes Flamengo e Grêmio, além de ser responsável pelo plano estratégico dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Já a Media Guide teve presença nos jogos olímpicos de Atenas em 2004, Pequim em 2008 e Londres 2012.

Outra profissional do jornalismo esportivo com experiência na área de assessoria de imprensa de clubes de futebol foi Alaíde Pires⁹², que já foi repórter, repórter especial e subeditora de esportes dos jornais *Extra* e *O Dia*. Alaíde já trabalhou como assessora de imprensa do candidato à presidência do Flamengo Jorge Rodrigues, que representava a Chapa Rosa em 2012, e de Roberto Monteiro, candidato à presidência do Vasco em 2014, com a chapa “Identidade Vasco”, derrotada por Eurico Miranda.

A jornalista Mariucha Moneró⁹³ atuou na cobertura de grandes eventos esportivos, como os jogos olímpicos e a Copa do Mundo. Trabalhou no *Jornal do Brasil* por dez anos como repórter especial da editoria de esporte e em 1993, quando saiu do jornal, fundou a Mm Press Assessoria em Comunicação, em que ficou até 2011. Segundo o *site* oficial da Agência Ideal, onde atualmente Mariucha exerce o cargo de diretora de atendimento, ela

⁹¹ Entrevista concedida à autora. 19 out. 2015.

⁹² Entrevista concedida à autora. 03 dez. 2015.

⁹³ Disponível em: <http://www.agenciaideal.com.br/aspessoas/index.html>. Acesso em 07 dez. 2015.

foi a primeira mulher de um jornal brasileiro a cobrir um mundial de futebol e foi jornalista chefe do filme oficial da FIFA na Copa do Mundo de 1994.

As funções do assessor de imprensa são descritas por Treicy Keller⁹⁴, da Race Comunicação, num artigo de opinião publicado no *site* oficial da empresa de comunicação. Para Keller, a assessoria de imprensa tem como função servir de ponte entre o cliente e os veículos de comunicação, e também na divulgação de notícias sobre o assessorado em questão, conquistando seu espaço na mídia. O assessor trabalha com produção de *releases*, que são informações do cliente ou empresa enviadas à imprensa. Os veículos de comunicação escrevem uma matéria ou marcam uma entrevista com o assessorado caso o *release* recebido for relevante a eles. E o *follow-up*, que consiste no acompanhamento em ligar para a imprensa, confirmando o recebimento de e-mails com os jornalistas, criando um elemento favorável com elementos da mídia.

Nas assessorias de imprensa esportiva, o profissional precisa se adequar à personalidade do atleta ou aos princípios de uma empresa para depois criar uma ligação entre o cliente e a imprensa. E no caso de um clube de futebol, a dificuldade maior é lidar com a postura de cada atleta, pois há alguns que são mais tímidos e outros mais extrovertidos na forma de encarar os veículos de comunicação numa coletiva. O papel do assessor é trabalhar para melhorar a imagem do atleta na mídia esportiva. Uma das premissas da assessoria de imprensa esportiva é não mentir sobre algum jogador ou clube onde está trabalhando para protegê-lo. O assessor deve justificar à imprensa que não pode se pronunciar sobre qualquer assunto que fuja dos interesses da pessoa assessorada, para que não prejudique o relacionamento dela com os jornalistas esportivos.

⁹⁴ Disponível em: <http://www.racecomunicacao.com.br/blog/assessoria-de-imprensa-o-que-e-isso/>. Acesso em 07 dez. 2015.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário da participação feminina no jornalismo esportivo mudou consideravelmente nas últimas décadas. Antes quase inexistentes, atualmente as jornalistas estão presentes em todos os tipos de veículos de comunicação que trabalham com editorias de esportes. As mulheres no jornalismo esportivo agora são repórteres, apresentadoras de programas televisivos e radiofônicos, colunistas de jornais impressos, editoras, subeditoras e até comentaristas.

A igualdade entre gêneros no mercado de trabalho, com enfoque na editoria esportiva, foi um dos tópicos levantados nesta pesquisa. A trajetória das jornalistas cobrindo esportes é bem longa, e vai desde as décadas de 1950 e 1960 até a consolidação e o respeito adquirido por elas nos dias atuais.

Estudos acadêmicos e livros sobre jornalismo esportivo mostram que o índice de mulheres cobrindo esportes, em especial o futebol, não ultrapassa 10% do total de jornalistas credenciados, segundo Coelho (2003) e Stycer (2009). O índice é confirmado quando se pesquisa o número de mulheres jornalistas associadas nas entidades ligadas ao universo esportivo como a ACERJ, ACEESP e AMCE. Não foram encontradas pesquisas relacionadas a números gerais de pessoas que atuam no jornalismo esportivo feitas pela FENAJ, por exemplo. Muito menos quando se refere ao crescimento da presença das mulheres jornalistas na cobertura esportiva.

Antes de se expandirem para a editoria esportiva, as mulheres jornalistas começaram a ocupar outras editorias consideradas masculinas, como política e economia. Um dos motivos para uma representatividade feminina tão pequena no mundo esportivo é a restrição da prática de esportes às mulheres durante muitas décadas, ou até mesmo séculos. A sociedade via o esporte como uma atividade exclusivamente masculina e as autoridades públicas tratavam algumas modalidades como extremamente violentas para o público feminino.

Nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, as mulheres que antes eram meras expectadoras, passaram a participar do maior evento esportivo mundial somente no início do século XX, em 1900. No Brasil, um Decreto-lei n. 3.199, instituído pelo Conselho Nacional de Desportos em 1941, impediu as atletas de disputarem competições de luta, por se tratar de conteúdo violento para as moças. Isso acabou enfraquecendo a atuação das

mulheres no esporte e assim a cultura da sociedade era de que os homens se interessavam mais no esporte do que as mulheres.

As pioneiras do jornalismo esportivo, como Maria Helena Rangel e Germana Garili, começaram a carreira como atletas nas décadas de 1940 e 1960, respectivamente. E com a especialização no esporte foram convidadas a fazerem parte do grupo de jornalistas que cobriam eventos esportivos. Outra profissional da área, Glenda Kozlowski, era tetracampeã de *bodyboarding* antes de se formar em jornalismo e virar uma das principais apresentadoras da equipe de esportes da *Rede Globo* nos anos 1990. A *Rádio Mulher* foi responsável por formar uma equipe somente com mulheres, entre repórteres de campo, apresentadoras e radialistas, em São Paulo, em 1971.

Na *Rede Globo*, as mulheres já trabalhavam na editoria de esportes no final da década de 1970, mas a primeira apresentadora de um programa esportivo só apareceu na década seguinte: Isabela Scalabrini. Segundo a reportagem de Andrei Kampff para o telejornal *Bom Dia Rio* em 2012, o número de mulheres jornalistas que cobrem esportes saltou de oito, na década de 1980, para 90 profissionais atualmente (BAGGIO, 2012).

As primeiras jornalistas de esportes enfrentaram obstáculos quanto à aceitação e ao reconhecimento de seu trabalho num segmento predominantemente masculino. Entrar nos vestiários para entrevistar os jogadores após as partidas era um problema, pois elas lidavam com a resistência de atletas e dirigentes dos clubes de futebol na hora da coletiva e também por conta do constrangimento deles em ficar seminus, ou até mesmo nus, na frente das jornalistas. Alguns profissionais do futebol não gostavam da presença das jornalistas nos estádios e duvidavam da capacidade delas de fazer perguntas sobre os jogos e do conhecimento delas sobre o esporte.

O machismo, que também vinha de outros profissionais da imprensa esportiva, era o que as mulheres sempre sofriam ao trabalharem na área. Editores geralmente colocavam as repórteres para cobrir esportes amadores, considerados mais fáceis por eles do que o futebol. Com o aumento do público feminino com a popularização do futebol na televisão, naturalmente o número de jornalistas aumentou nas redações dos principais jornais de esportes do país.

No telejornalismo esportivo, a beleza ainda é um requisito importante para a apresentação de programas diários e dominicais sobre futebol e outros esportes. Algumas fontes, como Baggio (2012) e Righi (2006), diziam que era uma forma de chamar audiência do público masculino, pois as mulheres que faziam parte desses programas

ficavam numa bancada lendo os comentários dos telespectadores sobre as pautas da atração. Além da beleza física, a boa vestimenta também é essencial para que haja uma boa apresentação no vídeo. Entretanto as mulheres jornalistas têm se destacado no jornalismo esportivo por conta de seu conhecimento no assunto, adquirido com a experiência na cobertura de eventos ligados ao esporte.

As mulheres no jornalismo esportivo apresentam um novo olhar sobre os assuntos abordados nos principais veículos de comunicação, passando credibilidade ao público que agora as vê com mais naturalidade, principalmente na televisão. Ainda assim, pesquisas sobre a cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012 revelam que o número de fontes do sexo feminino foi bem menor que o do sexo masculino, que as matérias veiculadas no período das Olimpíadas foram feitas majoritariamente por homens.

As repórteres precisaram assumir uma postura dita “masculinizada” para impor respeito aos homens na cobertura de eventos esportivos, principalmente futebol, quando precisavam entrar nos vestiários e/ou ficar à beira do campo para transmitir informações da partida em tempo real aos veículos de comunicação. Um possível envolvimento com atletas ou jogadores de futebol poderia colocar em risco a credibilidade delas diante de seus colegas de profissão, pois alguns deles acreditam que os furos de reportagem que elas conseguem obter são resultados de um suposto relacionamento com as fontes.

As jornalistas na editoria de esportes foram conquistando espaço de forma lenta e gradual, primeiro nos veículos impressos, depois rádio, televisão e atualmente a internet. Com a crise no jornalismo impresso, as profissionais estão se adaptando ao domínio do conteúdo da *web*, publicando textos sobre esportes em *blogs* e *sites* especializados.

Espera-se que este trabalho possa servir de referência para futuros estudos sobre jornalismo esportivo e principalmente sobre a atuação das mulheres nesta editoria, em que o crescimento da presença delas é bastante significativo. E também mostrar se o trabalho da mulher jornalista na área de esportes não será visto como algo diferente daqui a alguns anos, pois o gênero feminino tem a mesma capacidade para cobrir e comentar sobre esportes que o gênero masculino. O esporte feminino merece destaque e visibilidade na mídia esportiva em geral no futuro, não sendo restrito somente a *sites* especializados ou páginas eletrônicas formadas por mulheres, como *Donas da Bola*, *Fim de Jogo* e *Dibradoras*.

As entrevistas com as jornalistas da editoria de esportes mostraram que as profissionais apresentam diversos pontos de vista sobre o assunto e também semelhanças

quanto à questão do machismo e da representatividade feminina nas redações dos veículos de comunicação. Algumas entraram para o jornalismo esportivo porque sempre gostaram de futebol e outros esportes, outras por causa da trajetória como atletas profissionais e algumas até por acaso, mesmo com certo interesse em esportes.

As referências bibliográficas foram importantes para mostrar os dados referentes às mulheres no jornalismo esportivo, que eram bem menores se comparados aos dados atuais. Antes da entrada delas no jornalismo, a relação entre a mulher e o esporte na história ajudou a explicar o porquê de terem poucas torcedoras no esporte e da falta de visibilidade às atletas durante o século XX.

Os programas de televisão dos canais abertos analisados (como *Globo*, *Band*, *RedeTV!* e *Record*) apontaram para a evolução das mulheres nas funções de repórteres e apresentadoras das atrações diárias e semanais esportivas. E não é diferente nos canais de TV fechados (como *Esporte Interativo*, *FOX Sports Brasil*, *BandSports*, *ESPN Brasil* e *SporTV*) onde há presença maciça de mulheres jornalistas no comando dos programas. Mas ainda há poucas profissionais nos veículos impressos e nos programas esportivos no rádio.

O objetivo desta pesquisa foi mostrar que o aparecimento e a atuação das mulheres no jornalismo esportivo devem ser vistos como algo natural e sem grandes questionamentos sobre o trabalho delas na editoria, pois não há pessoas perguntando sobre homens no jornalismo esportivo e sim sobre as mulheres nesta área. Isso se explica pela continuação da cultura de que os esportes estão mais associados aos homens do que ao sexo feminino. E as mulheres podem demonstrar conhecimentos sobre os esportes sim, principalmente futebol, tanto nas rodas com os amigos quanto nos programas televisivos, sendo respeitadas e ganhando credibilidade diante do público e de outros colegas de profissão.

Este trabalho não pretende ser conclusivo sobre o tema, pois o jornalismo esportivo é um assunto muito amplo e a participação das mulheres jornalistas cobrindo esportes necessita de mais estudos acadêmicos e pesquisas para saber qual será o cenário para a atuação delas daqui a alguns anos. Está embasado nas entrevistas com jornalistas que trabalham nas redações do Rio de Janeiro e São Paulo, em sua maioria jornal impresso e televisão. E espera contribuir para um novo olhar sobre o trabalho delas na editoria de esportes, segmento do jornalismo dominado por homens e sendo invadido pelas mulheres da década de 1970 até os dias atuais.

7 REFERÊNCIAS

Livros

ALCOBA, Antonio. **Cómo hacer periodismo deportivo**. Editorial Thomson Paraninfo. Madrid, Espanha. Ano 1993.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo, SP. Editora Contexto. Ano 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Bertrand Brasil. Ano 2005.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. Editora Contexto. Ano 2003.

COELLNER, Silvana Vilodre. **Imagens da mulher no esporte**. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). Editora UNESP. São Paulo. 568p. Ano 2009.

HABIB, Lia. **Jornalista: Profissão Mulher**. São Paulo, SP. Editora Sapienza. Ano 2005.

KONDER, Cristina. **Um olhar feminino no Jornal dos Sports**. In: Jornalismo Esportivo – Os craques da emoção. Cadernos da Comunicação. Série Estudos. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. p. 21-26. Ano 2004.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas – A grande invasão**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, SP. Ano 2010.

RIBEIRO, André. **Os donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1ª Ed. São Paulo, SP. Editora Terceiro Nome. Ano 2007.

RODRIGUES, Nelson. **O homem fluvial**. In: FILHO, Mário Rodrigues. **O sapo de Arubinha**. São Paulo, SP. Editora Companhia das Letras. Ano 1994.

SOARES, Edileuza. **Bola no ar – O rádio esportivo em São Paulo**. Editora Sumus. São Paulo, SP. Ano 1994.

STYCER, Maurício. **História do Lance! – Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo**. Editora Alameda. São Paulo, SP. Ano 2009.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. Rio de Janeiro, RJ. Summus Editorial. Ano 1992.

Teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e artigos acadêmicos

ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A mulher no Jornalismo Esportivo: Análise da participação feminina no Telejornalismo Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso. 67p. Faculdade Cristo Rei, FACCREI-FACED. Cornélio Procópio, PR. Ano 2011.

ALTABELLA, José. **Historia de la prensa deportiva madrileña**. In: Orígenes del deporte madrileño. Condiciones sociales de la actividad deportiva. 1870-1936 (Vol. I), ZABALZA, R. (coord.), Madrid, Comunidad de Madrid. Ano 1988.

ANDÚJAR, Clara Sainz de Baranda. **Orígenes de la prensa diária deportiva: El Mundo Deportivo**. Artigo acadêmico. Universidad Carlos III de Madrid. Materiales para La Historia del Desporte, N° 11. Madrid, Espanha. 21p. Ano 2013.

BAGGIO, Luana Maia. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no Programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Franciscano, UNIFRA. Santa Maria, RS. 68p. Ano 2012.

BERGAMO, Alexandre; LIMA, Samuel; MICK, Jacques (Coord.). **Quem é o jornalista brasileiro? – Perfil da profissão no país**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC. Departamento de Sociologia e Ciência Política. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Ano 2012. Arquivo em PDF.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. Mestrado em Comunicação. 151p. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, SP. Ano 2008. Arquivo em PDF.

BOLZAN, Laudia de Oliveira; OLIVEIRA, Carolina Santana de; MARQUES, Franciele. **Jogo de Damas: o jornalismo esportivo sem futebol**. 13p. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – S. Cruz do Sul -RS – 30/05 a 01/06/2013. Ano 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** Exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP (Paris), março de 1978. 19p. Editada. Ano 1983.

BRAVO, Débora Vasconcelos Tavares. **Elas assimilaram o comando. As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo**. Trabalho de Conclusão de Curso. 57p. Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais, MG. Ano 2009.

CAMARGO, Vera Regina Toledo; GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade. **A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura**. 14p. Artigo acadêmico. NP 18 – Comunicação e Esporte, IV Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Rio de Janeiro, RJ. Ano 2005.

CAPRARO, André Mendes. **Mário Filho e a “Invenção” do Jornalismo Esportivo Profissional**. Artigo acadêmico. 13p. Universidade Federal do Paraná, UFPR. Ano 2011.

DEL RIO, Ibone Lallama; PENA, Emilio Fernández. **Televisión y Juegos Olímpicos: simbiosis, globalidad y constrección de sentido**. In: Mosaico Olímpico – Investigación multidisciplinar y difusión de los estúdios olímpicos. Centre d’Estudis Olímpics. Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, Catalunha. Espanha. p.139-147. 6p. Ano 2011.

GASTALDELLO, Laiane Maria; PENTEADO, Regina Zanella; SILVA, Eliane Caires da. **Telejornalismo esportivo: cenas da apresentação e mudanças no programa Globo Esporte**. Artigo acadêmico. p.47-62. 16p. Ano 2014.

JOHN, Valquiria Michela. **Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012.** Artigo acadêmico. p.498-509. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 11, Nº 2. Julho a Dezembro de 2014. 12p. Universidade do Vale do Itajaí, Univali. Itajaí, Santa Catarina. Ano 2014.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. **Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira.** Disponível em <<http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/MIDIAGENEROESPORTE.pdf>>. Acesso em 05 out. 2015. Arquivo em PDF.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Jornalismo Esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessantes em desenvolver carreira política.** Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). p.65-74. Salvador, Bahia. 10p. Ano 2005.

MARÍN, Montín, Joaquín. M. **La crónica deportiva.** In: José A. Sánchez Araujo. Ámbitos 5. Revista Andaluza de Comunicación, nº 5, 2º semestre. p.241-257. Sevilla, Espanha. 17p. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=16800513>. Ano 2000.

MICHEL, Margareth de Oliveira; SOARES, César. **As mulheres no Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. 16p. Universidade Católica de Pelotas, UNIPEL. Ano 2009.

MOTA, Isis Mendes. **Jornalismo Esportivo de Saia – A participação feminina no jornalismo esportivo.** Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS. 34p. Curso de Jornalismo. Centro Universitário de Brasília, UNICEUB. Brasília, DF. Ano 2013.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Padrão Globo de Jornalismo Esportivo.** Sessões do Imaginário: Cinema | Cibercultura | Tecnologias da Imagem, Porto Alegre, v. 15, n. 24, p.63-71, Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/view/9026>. Ano 2010. Acesso em 18 out. 2015.

REZAGHI, Deborah. **"A mulher ainda não é uma fonte muito valorizada".** Entrevista com Dulcília Buitoni. Site Faculdade Casper Liber (07/03/2012). 2012b. Disponível em: <<http://www.casperlibero.edu.br/noticias/index.php/dulcilia-buitoni,n=7313.html>>. Acesso em 31 out. 2015.

RIBEIRO, Marislei da Silveira. **A Mulher na cultura da Mídia – Discussão Teórico- Metodológica.** Artigo acadêmico. 13p. NP 131, Comunicação e Cultura das Minorias. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. FAMECOS/PUCRS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sil. Porto Alegre, RS. Ano 2004.

RIGHI, Anelise Farençena. **As Donas da Bola – Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo.** Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Franciscano. 84p. Ano 2006.

ROCHA, Paula Melani. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O processo de Profissionalização e Feminização da Carreira.** Tese de Doutorado. 222p. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP. Ano 2004.

RODRIGUES, Jéssica Antunes de Lima. **Batom e Chuteira: Elas, o esporte e os programas esportivos.** Trabalho de Conclusão de Curso. 88p. Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF. Ano 2014.

RUBBO, Daniella; VASCONCELOS, Nayara Maria. **A mulher jornalista na editoria de esportes.** Artigo acadêmico. 15p. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinaridades da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 4 a 7 de setembro de 2009. Ano 2009.

SANTOS, Diego de Oliveira. **recepção do discurso esportivo produzido por mulheres comentaristas na cidade de palmeira das missões.** Artigo acadêmico. 23p. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS. Ano 2011.

SILVA, Fernanda Gaiotti. **Revista Firula, porque futebol agora é coisa de mulher.** Trabalho de Conclusão de Curso. 148p. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG. Ano 2004.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas.** Trabalho de Conclusão de Curso. 92p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Ano 2009.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura Esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento.** Artigo acadêmico. 18p. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Ano 2005.

SLATER, John. **Changing Partners: The Relationship Between the Mass Media and The Olympic Games.** Artigo acadêmico. p.49-68. 20p. Western Carolina University. Estados Unidos. Ano 1998.

Websites

ACEESP. Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo. **Site Oficial.** Disponível em: <http://www.acesp.org.br/site/>. Acesso em 24 out. 2015.

ACERJ. Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro. **Site Oficial.** Disponível em: <http://www.acerj.com.br/as-mulheres-do-jornalismo-esportivo-na-acerj/>. Acesso em 24 out. 2015.

ALBUQUERQUE, Clara. **Blog Ora Bolas.** Disponível em: http://www.claraalbuquerque.com.br/?page_id=2. Acesso em 02 nov. 2015.

BAND. **Site Oficial.** Disponível em: www.band.uol.com.br. Acesso em 08 set. 2015.

BANDSPORTS. **Site Oficial.** Disponível em: <http://bandsports.band.uol.com.br/quem-faz.asp>. Acesso em 23 nov. 2015.

BRADESCO ESPORTES FM. **Site Oficial.** Disponível em: <http://bradescoesportesfm.band.uol.com.br/>. Acesso em 31 out. 2015.

CENA POP. Larissa Erthal, a musa do “Terceiro Tempo”, tira a roupa para revista e conta que pega pesado quando recebe cantadas. 12 ago. 2015. Página eletrônica. Disponível em: <http://cenapop.virgula.uol.com.br/2015/08/12/91235-larissa-erthal-a-musa-do-terceiro-tempo-tira-a-roupa-para-revista-e-counta-que-pegas-pesado-quando-recebe-cantadas/?cmpid=fb-uol>. Acesso em 25 out. 2015.

CIRIBELLI, MYLENA. **Blog Oficial R7.** Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/mylena-ciribelli/sobre/>. Acesso em 06 out. 2015.

DC Press. **Site Oficial.** Disponível em: <http://www.dcpres.com.br/>. Acesso em 24 nov. 2015.

DIBRADORAS. **Site Oficial.** Disponível em: <http://dibradoras.com.br/>. Acesso em 24 nov. 2015.

DONAS DA BOLA. **Site Oficial.** Disponível em: www.donasdabola.com.br. Acesso em 24 nov. 2015.

ESPORTE INTERATIVO. **Site Oficial.** Disponível em: <http://esporteinterativo.com.br/programas/>. Acesso em 23 nov. 2015.

ESTEVES, Martha. **Blog Fulecagem.** Jornal O Dia. Disponível em: <http://blogs.odia.ig.com.br/fulecagem/author/mesteves/>. Acesso em 03 nov. 2015.

FELIPPO, Bruno. **Existe jornalismo esportivo feminino?**. Site Rádio em Revista. Artigo de opinião. Março de 2014. Disponível em: <http://www.radioemrevista.com/existe-jornalismo-esportivo-feminino/>. Acesso em 15 out. 2015.

FRANCINE, Soninha. **Site Oficial.** Disponível em: <http://www.soninha.com.br/federal/soninha/biografia-da-soninha/>. Acesso em 07 out. 2015.

FIM DE JOGO. **Site Oficial.** Disponível em: <http://www.fimdejogo.com.br/blog/sobre/>. Acesso em 24 nov. 2015.

FOX SPORTS BRASIL. **Site Oficial.** Disponível em: <http://www.foxsports.com.br/>. Acesso em 26 nov. 2015.

_____. **Blog da Lara Mota.** Disponível em: <http://www.foxsports.com.br/blogs/lara-mota>. Acesso em 26 nov. 2015.

_____. **Blog “De Primeira”.** Renata Cordeiro. Disponível em: <http://www.foxsports.com.br/blogs/de-primeira>. Acesso em 26 nov. 2015.

GAZETA ESPORTIVA. **Site Oficial.** Disponível em: www.gazetaesportiva.net. Acesso em 26 ago. 2015.

_____. **Blog da Michelle Gianella.** Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/blogs/michellegianella/michelle-gianella/>. Acesso em 06 out. 2015.

LANCE!NET. **Site Oficial.** Disponível em: www.lancenet.com.br. Acesso em 09 set. 2015.

MEIO E MENSAGEM. **Rádio Bradesco Esportes entra no ar.** Matéria de Bárbara Sacchitiello. 11 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2012/05/11/Radio-Bradesco-Esportes-entra-no-ar.html>. Acesso em 31 out. 2015.

MEMÓRIA GLOBO. **Site Oficial.** Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em 13 nov. 2015.

NA TELINHA. **SporTV dispensa Aurora Bello, âncora do “SporTV News – Manhã”.** Matéria de Gabriel Vaquer. 23 out. 2015. Disponível em: <http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2015/10/23/sportv-dispensa-aurora-bello-ancora-do-sportv-news--manha-93571.php>. Acesso em 18 nov. 2015.

O TEMPO. **Mulheres ganham espaço no jornalismo esportivo e usam redes sociais para falar de futebol.** Matéria de Guilherme Guimarães. 08 mar. 2013. Página eletrônica. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/superfc/cruzeiro/mulheres-ganham-espa%C3%A7o-no-jornalismo-esportivo-e-usam-redes-sociais-para-falar-de-futebol-1.141206>. Acesso em 26 nov. 2015.

PASCHKES, Anita. **Blog “Na Esportiva”.** Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/blogs/na-esportiva/>. Acesso em 26 nov. 2015.

PORTAL COMUNIQUE-SE. **Apresentadora e executiva, Michelle Gianella assume comando da Gazeta Esportiva.net.** Matéria publicada em 01 set. 2015. Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br/jo-com/78549-apresentadora-e-executiva-michelle-gianella-assume-comando-da-gazeta-esportiva-net-info>. Acesso em: 24 out. 2015.

RÁDIO GAZETA AM. **Site Oficial.** Disponível em: www.gazetaam.com. Acesso em 05 out. 2015.

RÁDIO GLOBO. **Site Oficial.** Disponível em: <http://radioglobo.globo.com/>. Acesso em 26 ago. 2015.

REBOUÇAS, Thalita. **Site Oficial.** Disponível em: <http://www.thalitareboucas.net/meus-livros/>. Acesso em 10 nov. 2015.

REDE RECORD. **Esporte Fantástico.** Disponível em: <http://esportes.r7.com/esporte-fantastico/>. Acesso em 17 nov. 2015.

REVISTA PLACAR. **Site Oficial.** Disponível em: <http://revistaplacar.uol.com.br/>. Acesso em 01 set. 2015.

SITE TERCEIRO TEMPO. **Que fim levou – Germana, a Gegê.** Matéria de Túlio Nassif. Página eletrônica. Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/germana-a-gege-5689>. Acesso em: 05 out. 2015.

_____. **Que fim levou Regiani Ritter?**. Matéria de Marcelo Rozenberg. Página eletrônica. Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>. Acesso em 12 nov. 2015.

SPORTV. **Site Oficial**. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/index.html>. Acesso em 18 nov. 2015.

SITE TRIVELA. **Como o profissionalismo ajudou a tornar o Fla-Flu tão grandioso**. Matéria de Leandro Stein. 24 nov. 2014. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/como-o-profissionalismo-ajudou-tornar-o-fla-flu-tao-grandioso/>. Acesso em 31 out. 2015.

SUPER RÁDIO TUPI. **Site Oficial**. Disponível em: <http://www.tupi.am/>. Acesso em 26 ago. 2015.

UOL ESPORTES. Uol Esporte vê TV. **Pioneira no Esporte, jornalista lembra preconceito e briga com Milton Neves**. Página eletrônica. Matéria publicada em 07 out. 2013. Disponível em: <http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/07/pioneira-no-esporte-jornalista-lembra-preconceito-e-briga-com-milton-neves/>. Acesso em 28 out. 2015.

UOL TELEVISÃO. **Rede TV! troca “bola” por “belas” em novo programa esportivo só com mulheres**. Página eletrônica. 21 ago. 2010. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2010/08/21/rede-tv-troca-bola-por-belas-em-novo-programa-esportivo-so-com-mulheres.jhtm>. Acesso em 18 nov. 2015.

WIKIPEDIA. **Esporte Total Rede Bandeirantes**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Total. Acesso em 16 nov. 2015.

Entrevistas

ALBUQUERQUE, Clara. **Entrevista à autora**. 12 dez. 2015.

DISSAT, Cristina. **Entrevista à autora**. 16 nov. 2015.

ESTEVES, Martha. **Entrevista à autora**. 03 nov. 2015.

FRANCINE, Soninha. **Entrevista à autora**. 04 nov. 2015.

GRACIANO, Renata Rosa. **Entrevista à autora**. 16 nov. 2015.

KOZLOWSKI, Glenda. **Entrevista à autora**. 13 out. 2015.

MARTINS, Marlucci. **Entrevista à autora**. 01 dez. 2015.

MENDONÇA, Renata. **Entrevista à autora**. 30 nov. 2015.

PENNA, Manoela. **Entrevista à autora**. 19 out. 2015.

PIRES, Alaíde. **Entrevista à autora**. 03 dez. 2015.

RITTER, Regiani. **Entrevista à autora**. 08 out. 2015.

8 APÊNDICE A - Perguntas destinadas às jornalistas sobre "Mulheres no Jornalismo Esportivo":

- 1) Quando começou a se interessar e trabalhar com jornalismo esportivo?
- 2) Como analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas? E como a mulher é vista dentro dos veículos de comunicação ligados ao esporte?
- 3) Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?
- 4) Quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo? E quais eram as pautas mais frequentes na cobertura esportiva?
- 5) Qual a sua análise a respeito do aumento de mulheres jornalistas no mundo esportivo?
- 6) Em sua opinião, acredita que no futuro do jornalismo esportivo haja igualdade entre gêneros em termos de salário e mercado de trabalho?
- 7) Como é a diferença entre cobrir eventos esportivos como jornalista e depois passar a trabalhar com assessoria de comunicação esportiva?